

O Património Industrial na Baixa de Coimbra
3 Casos de edifícios fabris devolutos

Volume II

Christopher Philippe Gaspar, FCTUC
Dissertação de Mestrado em Arquitectura,
Orientador João de Lima Mendes Ribeiro
Departamento de Arquitectura, Junho 2013



- 178 Caso de Estudo** Sociedade de Porcelanas de Coimbra Lda
- 302 Caso de Estudo** Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra Lda
- 368 Caso de Estudo** Fabrica de Curtumes de Coimbra Lda
- 430 Considerações finais** Apontamentos para reabilitação futuras
- 436 Fontes das imagens e Bibliografia consultada**

A Sociedade de Porcelanas de Coimbra Lda

01 Designação

Surgiu com o nome de “Porcelana Portuguesa” inicialmente. Em 1936 a firma passa a chamar-se “Sociedade de Porcelanas Lda”. Quando voltou a ser adquirida em 1999 à Vista Alegre, foi renomeada para Santa Clara Cerâmicas e já só produzia faiança.

02 Tipologia

Complexo industrial de fabrico de Porcelanas.

03 Utilização inicial

Fábrica de Porcelanas.

03 Utilização actual

Obsoleta, abandonada.

04 Enquadramento urbano

A colocação geográfica da unidade industrial junto ao Ramal da Lousã, mas já fora do tecido dito denso da Baixa terá sido por motivos financeiros, já que os preços dos terrenos eram mais baixos e ofereciam maiores áreas, e pela facilidade de transportes, cargas e descargas, que o comboio trazia na década 1920. **(p.205)**

A vala de água, que se pode observar na planta alemã de localização geral do conjunto, terá possivelmente abastecido a fábrica em parte desde logo. **(p.205)**

05 Arquitecto ou Construtor

Difícil de apontar nomes quando as empreitadas foram sucessivas ao longo do tempo sendo que os arquitectos, engenheiros ou construtores foram muitos. Contudo quando aos edifícios primeiros, de maior relevância, o fabril propriamente dito e o das moagens do outro lado da linha de comboio, estes são da mesma empreitada e foram construídos na mesma altura, pois apresentam o mesmo sistema construtivo bem como fachadas. Estes edificadros foram da autoria de Georg Dorst A.G. discriminada e sinalizada nos projetos respectivos encontrados como sendo oriundos de Oberlind Sonneberg, Alemanha.

A planta de localização do conjunto parece ter sido da autoria de Mau Mertig Baumeister também discriminado na planta e provem

de Dresden Borsbergstrasse, Alemanha. **(p.205)** Terra conhecida precisamente pelo fabrico das suas porcelanas.

06 Proprietários

Faustino Corrito e José Cordeiro Guerra eram nomeados como chefes da recente Sociedade de Porcelanas. ¹

Informações vindas do senhor Laranjeira e do trabalho de Sofia Bártole confirmam que em 1970 há registo de um encarregado alemão, que tinha na altura uma cota da sociedade.

07 Cronologia

O alvará foi passado a 29 de Outubro em 1924 com o número 4790 segundo consta no processo respectivo na direcção regional de economia, sendo que contudo a fabrica terá iniciado o seu funcionamento no ano 20. ² Nesta década se desenvolveram as grandes fábricas de cerâmica em Coimbra como a Lufapo por exemplo.

Foi comprada ao grupo da Vista Alegre em 1999. Em 2004 encerrava definitivamente devido a problemas financeiros que se arrastavam.

08 Breve Contexto histórico

A Porcelana Portuguesa surge em busca da sua parte do mercado dominado na altura pelas grandes empresas da Vista Alegre, fundada em 1824, e da Electro- Cerâmica na região do Porto, de 1919. Foi uma empresa muito grande em comparação com as demais que estavam na cidade e em 1923 detinha 60 operários, sendo que em 1925 já tinha dado um salto para 165 operários dos quais dois estrangeiros. ³ Ainda 20 trabalhadores tinham sido transferidos da pioneira fábrica da Vista Alegre em Aveiro para Coimbra em 1924. ⁴ No entanto as dificuldades financeiras iam se fazer sentir no fim da década dos 20 sendo que a Empresa Electro Cerâmica iria juntamente com a Vista Alegre de Ílhavo adquirir o capital da recente sociedade coimbrã num pacto social. **(p.289)** Mais tarde, com a chegada da segunda grande guerra seria o lugar da Empresa Electro-

1 SANTOS, José da Cruz _ Electro- Cerâmica 1919/ 2009, Modo de Ler, p.23

2 MENDES, José Maria Amado _ A área económica de Coimbra, Estrutura e desenvolvimento industrial, 1867-1927, Comissão de coordenação da região centro, 1984, p.181

3 MENDES, José Maria Amado _ A área económica de Coimbra, Estrutura e desenvolvimento industrial, 1867-1927, Comissão de coordenação da região centro, 1984, p.182

4 BASTO, João Theodoro Ferreira Pinto _ A fábrica da Vista Alegre, o livro do seu centenário 1824-1924, p. 100

Cerâmica falir, sendo que o Grupo Vista Alegre iria adquiri-la, tornando-se na única produtora de porcelanas no país durante o período de 1945 e 1968. O limite nas importações para dentro do território nacional devido á guerra assentava a exclusividade da produção no território nacional. Assim este grupo produzia e abastecia quanto às porcelanas domésticas e decorativas, bem como a cerâmica eletrónica, todo o país. Fabricavam-se loiças com os dois carimbos nesta altura na fábrica da Arregaça, os da Sociedade de Porcelanas e da Vista Alegre.

O fabrico de porcelanas decorativas de mesas e outros estava reservado às fábricas da Vista Alegre a á Sociedade de Porcelanas Lda, enquanto a parte das cerâmicas eletrónicas, pequena aparelhagens elétricas, isoladores, tubagens em plástico para instalações elétricas interiores e exteriores, produziram-se na Empreza Electro- Cerâmica.⁵

“O sucesso da porcelana em Portugal, especialmente a partir da II Guerra Mundial, tem a ver, por um lado, com o desenvolvimento industrial, e, por outro lado, com o forte aumento do consumo que se foi verificando no Ocidente. O desenvolvimento industrial traduziu-se numa melhoria dos equipamentos e das técnicas de “impressão” dos desenhos na pasta. O aumento do consumo teve a ver com a melhoria das condições de vida das populações. As empresas portuguesas do ramo, especialmente a Vista Alegre, incrementam a sua vocação exportadora. A porcelana foi sempre melhor que a faiança: mais limpa, mais duradoira, mais bonita. Tinha um senão: era demasiado cara e, por isso, pouco acessível a todos.”⁶

O intercâmbio de trabalhadores registou-se algumas vezes nesta sociedade. José Matos Costa, nasceu em 1919, e começou a laborar na fábrica em 1942 como prensador. Em 1945 tornava-se oleiro de lambujem, e há registo de em 1948 ter sido mandado para a Fabrica de Porcelanas del Bidasoa, em Irum, para ensinar o seu saber fazer aos operários espanhóis. Voltaria depois de cumprir serviço a trabalhar na S.P. e em 1952 passava a cargo de ajudante da oficina de olaria e em 1960 a encarregado da mesma oficina. **(p.291)**

A Fábrica da Sociedade de Porcelanas foi parcialmente destruída por um violento incêndio, sendo que o incêndio terá decorrido na década de 60, como comprova o dossier da seção de engenharia encontrado no sítio, com diversas obras (dispendiosas) de remodelação. A produção desta unidade industrial iria no entanto continuar a crescer nos próximos anos, tornando-se de grande importância no panorama nacional.

António Martins de Almeida era o engenheiro encarregado da

5 SANTOS, José da Cruz _ Electro- Cerâmica 1919/ 2009, Modo de Ler, p.26

6 <http://www.cacadevolutos.pt/255/>

Sociedade em 1970 e o encarregado da administração terá sido José Pinto Basto que pelo nome parece ter algum grau de parentesco com o fundador da Vista Alegre, com alvará em 1824, José Teodoro Ferreira Pinto Basto e com os numerosos sócios da empresa com os nomes de Pinto Basto.⁷

Em 1999, a fábrica foi comprada ao grupo da Vista Alegre e detinha nesta altura 215 trabalhadores. Contudo este número foi descendo nos anos seguintes até restarem poucos operários. Na altura do seu encerramento em 2004, o responsável pela fábrica quis mudar as instalações para a cidade da Batalha, no entanto os trabalhadores opuseram-se desde cedo e impediam a saída do material restante do edifício. Durante muito tempo, se revoltaram os operários desta fábrica com a vontade e necessidade que esta retomasse a sua atividade, os jornais da época relatavam as novidades do caso, em que a Câmara Municipal de Coimbra teve inclusive que intervir para possibilitar a deslocação dos bens da falecida empresa.

Atualmente, o complexo industrial obsoleto encontra-se, desprotegido, com as janelas e portas destruídas, e envolto em ervas daninhas. Muitos documentos ainda lá se encontram e poderiam integrar um arquivo histórico:

“Paginas y paginas de procesos relativos a contratos de trabajos, fotocopias de tarjetas de personal de los trabajadores, procesos clínicos de los funcionarios de la antigua empresa están repartidos por los varios espacios del edificio. Ahí igual se encuentra documentación relativa a los años de actividad de la empresa, así como procesos de órdenes, notas de liquidación y, incluso duplicados de cheques.

En el antiguo despacho, que queda entre el primer y el segundo piso existe una piscina de documentos de distintas épocas, desde los 20 hasta los últimos años de actividad de la Sociedad de Porcelanas, ahí están los documentos de los funcionarios con las respectivas fotografías.”⁸

Numa visita ao complexo industrial obsoleto descobri um dossier da seção de engenharia no meio dos referidos documentos. Sendo que vem identificado como sendo o número 3 e as fotografias tiradas num trabalho elaborado por Sofia Bártolo em 2010, mostram o caderno numero 1. Contudo os cadernos em falta não se encontram lá, ou pelo menos não foram localizados, pelo que provavelmente foram levados ou arderam num pequeno incêndio que a sala ao lado do sítio onde estão despejados os documentos parece ter sofrido como se pode observar pelas cinzas e marcas de combustão nas

7 DREC _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993

8 BÁRTOLO, Sofia _ La Sociedade de Porcelanas Lda, 2010/2011

paredes. O dossier apresenta muitos dados relevantes como datas de construção das várias partes do edificado entre outros. **(p.293 295 297)** Muitos desenhos soltos foram também encontrados, de origem estrangeira (alemã e francesa) e relevam especial interesse e qualidade.

Uma entrevista com o Sr. Laranjeira, um antigo trabalhador da Sociedade de Porcelanas que mora perto da fábrica foi determinante para melhor compreender o funcionamento do conjunto fabril. Esteve 30 anos de serviço na fábrica e passou por muitos postos tal como ajudante de lambujem, forneiro nas antigas muflas e do forno contínuo, descarga de vagons, preparador da vidragem, e encarregado. Segundo o Sr. Laranjeira a Câmara Municipal teria intenções de se apoderar do antigo edifício das moagens para reabilitação e reconversão num museu que expusesse a história da fábrica.

09 Organização espacial e funcional do edificado

A consulta de numerosos desenhos e documentos de fontes variadas permitiu concluir que houve grandes empreitadas em diversas datas. Interessa referir talvez a mais importante, a empreitada primeira, nomeadamente a de 1924, dos quais o edifício fabril e o das moagens lhe devem sua construção. Mais ainda, percebe-se que estes 2 edifícios faziam parte de um plano fabril mais vasto, mas talvez demasiado ambicioso, e por isso apenas construído em parte. Daí o edifício das moagens - o que fica de frente para o edifício fabril maior, do outro lado da linha - se apresentar de empena cega numa extremidade, pois apenas foi construído uma parte, faltando a parte que está desenhada na planta do conjunto industrial, alemã de 1921. **(p.205 207 209 211)**

Mais concretamente, na década de 20 estava construído o edifício da central elétrica, a casa do fabrico, a casa da pasta, o barracão da lavagem do caulino e a casa dos fornos como o demonstram os desenhos nos processos mais antigos do ministério da economia e emprego em Lisboa. **(p.213 215 219 221)** A casa da pasta destinava-se a armazenagem e preparação da pasta e moldes enquanto a casa do fabrico tratava da prensagem e acabamentos vários. No entanto o edifício fabril não foi só construído de uma empreitada só, o bloco sul é posterior a 1924 e anterior a 1938, como demonstram as datas dos desenhos, possivelmente da empreitada de 1927. Neste ano se construíam também vários armazéns e oficinas de apoio. **(p.225 227 229 243)**

A Sociedade de Porcelanas, teve central termo elétrica que funcionou entre 1930 e 1935 como central de reserva, pois a

empresa recebia energia de Padilha, Rebelo & C.⁹ (depois nomeada para Companhia Elétrica das Beiras).⁹ Segundo a pesquisa efetuada na DREC, o cabo de ligação suspenso por de cima da linha de ferro, para passagem da corrente em ambos os lados foi cuidadoso e necessitou de algumas precauções. E claro a casa da central abastecia todo o conjunto. Ver mapa rigoroso das instalações elétricas. **(p.243)**

No ano de 1933 a Sociedade de Porcelana avança com o pedido para construção de mais 3 fornos de chama invertida anexos aos primeiros para atender à crescente produção e pedidos vindos inclusive do estrangeiro (Marrocos) **(p.283 285 287)** Em 1948/1949 regista-se finalmente uma quarta empreitada, tendo-se acrescentado muflas e o edifício anexo de, apenas um forno de chama invertida. **(p.223 237)**

A S.P. pede licença para construção de edificações de um forno cerâmico e para ampliação das suas construções para terrenos anexo á fábrica, pedidos que iam contra o regulamento do plano de De Groer. Foi autorizado em 1949 pelo urbanista segundo algumas condições e concretizada em 1950.¹⁰ Ainda de registo a licença para construir um refeitório para os trabalhadores em 1953¹¹, sendo que foi construído em 1955. Em 1956, era aprovada a renovação do estabelecimento de vendas de louças e vidros da Sociedade de Porcelanas, Lda, na Avenida Emídio Navarro nº 44, sendo que em 1957 era apresentado o projeto.¹² Em 1958 pede licença para junto da sua fábrica construir uma creche,¹³ imposição feita a sociedades com mais de 50 trabalhadores segundo a pesquisa na direção regional do centro de economia. Foi erigida em 1959. **(p.247)**

Juntamente com a creche e refeitório estavam os vestiários e uma casa para atividades de lazer, como desporto e música (a S.P. chegou a ter uma equipa de futebol e um grupo de musica em 1960), pelo que o conjunto estava munido dos equipamentos sociais que conferiam ao conjunto um ar de uma pequena cidade dentro da cidade, próprios das políticas industriais da época. Varias casas dos lotes adjacentes iam sendo comprados pois a sociedade pretendia expandir cada vez mais seus limites físicos e possibilitar habitações

9 Estatísticas das Instalações elétricas em Portugal, 1928-1950

10 SILVA, Armando Carneiro da _ Anais do Município de Coimbra 1940-1959, Edição da Biblioteca Municipal 1981, p.154

11 SILVA, Armando Carneiro da _ Anais do Município de Coimbra 1940-1959, Edição da Biblioteca Municipal 1981, p.269

12 SILVA, Armando Carneiro da _ Anais do Município de Coimbra 1940-1959, Edição da Biblioteca Municipal 1981, p.388

13 SILVA, Armando Carneiro da _ Anais do Município de Coimbra 1940-1959, Edição da Biblioteca Municipal 1981, p.525

aos seus operários. Informações com fontes no Sr. Laranjeira, antigo trabalhador da fábrica.

A disposição das tarefas e espaços ia contudo evoluindo ao longo das décadas como se pode ver nos inúmeros desenhos encontrados. Mais recentemente a disposição dos espaços e tarefas era a que está representada nas plantas de 1999 em anexo. **(p.255 257 259)** Nestes desenhos percebe-se também a função das últimas construções metálicas, e do silo, que serviam de elaboração e preparação de pasta. Estes programas tiveram muito tempo do outro lado da linha, num dos primeiros edifícios construídos, como já se disse, mas tinham sido realocizadas por facilidade e comodismo de ter essas instalações diretamente anexas a fábrica. Por esta ordem de ideias a oficina e armazém de moldes e formas em gesso passou para o segundo andar da casa do fabrico, e ainda hoje se encontram numerosas peças em gesso na grande divisão. **(p.277)** Os vestiários e refeitório também iriam ser desviados para o outro lado da linha dentro da casa de fabrico.

O silo é a instalação com maior altura do conjunto e aí, na seção de pastas, se tornava a pasta em granulado para depois de se passar por prensas e tornar em “pratos”. É uma construção dos anos 70 segundo a pesquisa nos processos da direção regional de economia do centro e os relatos do senhor Laranjeira.

10 Caracterização arquitetónica

O conjunto fabril destaca-se desde já pelas suas dimensões, se tivermos em atenção o contexto da data da sua fundação. As fachadas do edifício, nada apresentam de especial, contudo é no sistema construtivo interno que se destacam os edifícios pois o sistema Hennebique em betão parece ter sido construído de origem nas primeiras instalações fabris do complexo. Mais ainda se pensarmos que o fabrico do cimento se tinha iniciado no centro de Portugal apenas no ano 1923 através da Maceira-Liz em Leiria (embora tenham surgido nos anos 1890 na zona de Lisboa as primeiras fabricas de cimento). Portanto o edifício apresenta-se pioneiro em Coimbra nesse aspecto.

A estrutura é igual nos dois edifícios da primeira empreitada, com asnas e pilares em madeira para a cobertura. Por baixo das máquinas estavam pequenos espaços em cave que serviam de casa das máquinas. Os espaços das várias salas eram desimpedidos graças ao já referido sistema em betão, com grandes vãos - a oficina de lambujem tem vãos até aos 7,5m desimpedidos - embora com o passar das décadas tenham sido compartimentados por alteração de funções. Um projecto de reabilitação para este conjunto deveria restituir-lhe a sua qualidade inicial.

O incêndio no edifício dos fornos na década de 1960, obrigou a remodelações (substituição) na cobertura, pavimento, paredes, vigas, caixilhos e portas de várias salas. Alteração do pavimento das chacotas para betão armado e instalação de fornos Dupeux nas chacotas. A casa dos fornos possuía também sistema em cobertura de madeira a suportar telha.

Os antigos fornos em tijolo visíveis na planta da casa dos fornos em 1949, eram muito similares ao que ainda hoje se encontra na reabilitada fábrica de Casseaux, Limoges. **(p.263)** Esta cidade foi mundialmente conhecida pela qualidade das suas finas porcelanas e o dito forno, construído em 1887, constitui um dos raros exemplos sobreviventes no meio da centena de fornos que existiram no século final do século XIX naquela cidade. A sua forma cilíndrica prende-se com uma boa e igual distribuição térmica interior e era construído em tijolo refractário. Este modelo de fornos é chamado de *“flamme renversée”*.¹⁴

Os dois pisos tinham funções bem distintas. No andar térreo estavam as pequenas aberturas para introdução da lenha, que são os dentelados que se podem observar na planta e no corte, bem como uma porta selada para introdução das peças protegidas em gazetas, a altas temperaturas chegando aos 1400Cº, tratando-se portanto de peças tendo já recebido o esmalte.¹⁴

No andar de cima estava outra porta por onde se introduzia as porcelanas para cozedura, sem o esmalte e em gazetas, chegando aos 900 Cº e onde se verifica uma cúpula rematada em chaminé para expelir os fumos. Os pisos interiores dos fornos estavam ligeiramente mais altos que o piso da sala onde estão. Como se pode ver no corte estava um buraco a meio da laje do forno, onde o calor e o fumo passavam. As paredes da parte inferior (da combustão) eram mais espessas para melhor preservar a temperatura elevada necessária à respetiva cozedura e para estabilidade estrutural do forno, enquanto no andar de cima as paredes eram mais finas para baixar a inércia da parede e consequentemente da temperatura.

Este processo de cozedura era muito lento e poderia demorar entre 40 a 60 horas sendo que a experiência do forneiro era requerida para controlar temperaturas e regulando entradas de ar, sendo que ainda se tinha esperar que os fornos arrefecessem (lentamente).¹⁴

Mas claro está o paralelismo com a Vista Alegre, empresa que deteve o capital da firma coimbrã, e que tinha fornos da mesma

¹⁴www.tourisme-hautevienne.com

tipologia, sendo que o forno nº1 de grandes dimensões era construído em 1893, pouco depois do caso francês acima referido. ¹⁵
(p.265)

Substituíram-se estes fornos por fornos Dupeux (onde era feita a chacota) e um forno contínuo alemão (para vidragem) **(p.273)** depois do incêndio verificado na década de 60. O acabamento das peças (aplicação do vidrado) deixou de ser efetuado em Coimbra em 2003, quando a administração desligou o principal forno da SP. ¹⁶

Na outra extremidade do edifício situa-se a olaria de lambujem, sofreu remodelação na sua cobertura, também devido ao incêndio já referido. Inicialmente também em asnas e pilares de madeira, passou para uma estrutura em betão numa sala de amplo pé direito de qualidade arquitetónica singular. **(p.239 241 279 281)**

A fachada do edifício principal do fabrico, foi alterado no piso do sótão porque passaram a fazer os moldes em gesso nesse andar e era necessária maior altura daí a substituição da estrutura em madeira original por uma cobertura metálica mais alta. Solução muito pouco feliz do ponto de vista arquitectónico pois quebra o ritmo dos vãos e acrescenta um “dente” pouco seguro á fachada. O piso do sótão estava destinado ao fabrico e armazenamento portanto das formas. **(p.249 251 253)**

11 Bens móveis e processos de fabrico

O fabrico da porcelana em Coimbra foi introduzido por esta firma na década de 1920. A fábrica obteve muito êxito com os seus produtos, a sua produção baseava-se essencialmente na loiça utilitária, de chávenas, cinzeiros, serviços de mesa, quer para empresas e hotéis que as encomendavam em massa como para particulares. Chegaram inclusive a exportar para o estrangeiro com algum sucesso, nomeadamente para Marrocos. Utilizava-se a energia a vapor e eletricidade já em 1925, como se podia verificar pela maquinaria da época, nomeadamente 1 motor a vapor Loocu, 15 motores elétricos, 5 moinhos de bolas, 4 agitadores verticais, 3 centrifugas, 3 galgas e 3 filtros- prensas. ¹⁷

Para o fabrico da porcelana era necessário primeiramente a preparação de uma pasta cerâmica. Esta pasta é constituída por

15 BASTO, João Theodoro Ferreira Pinto _ A fábrica da Vista Alegre, o livro do seu centenário 1824-1924, p. 99

16 <http://publico.pt/economia/noticia/coimbra-trabalhadores-da-sociedade-de-porcelanas-impedem-saida-de-carga>

17 MENDES, José Maria Amado _ A área económica de Coimbra, Estrutura e desenvolvimento industrial, 1867-192

caulino, que era o material plástico que permite a cozedura a altas temperaturas, quartzo e feldspato que são materiais inertes durante a fabricação, sendo que o primeiro (quartzo) servia de fundente na cozedura e dava o toque translúcido característico da porcelana. O segundo (feldspato) servia juntamente com o caulino para a formação da “estrutura” e rigidez da peça. O caulino empregue na S.P. em 1934 provinha de S. Vicente em Ovar.¹⁸

A composição química da pasta da porcelana tinha que ser muito controlada e homogénea para evitar defeitos nas peças. Essa homogeneização era garantida por fortes agitadores em grandes tanques que assim misturavam os componentes da pasta por via húmida retirando também as impurezas, dali saía a chamada pasta virgem. A essa suspensão se junta igualmente uma calda já trabalhada que resulta da reciclagem da “atacagem”, sendo que posteriormente é filtrada e prensada para eliminação de água, humidade, e ar, mais uma vez estes constituem processos rigorosamente controlados. Dá-se forma de bolacha a essa pasta que se deixa então em repouso por algum tempo.¹⁸

Dois processos eram usados correntemente para a moldagem das peças. No caso destas terem eixo de revolução usava-se a contramoldagem, no caso de serem irregulares utilizava-se a lambugem. Em casos excepcionais recorria-se à velha técnica de enchente.

A técnica da contramoldagem sofreu grande impulso e inovações a partir do fim da segunda guerra mundial o que repercutiu nas produções da fábrica que aumentavam significativamente. Basicamente passou-se de um processo manual à mercê dos saberes do oleiro para uma produção mecânica. Os moldes eram geralmente em gesso.

O processo da lambugem consiste na suspensão em água da pasta da porcelana com quantidades estudadas previamente em laboratório, sendo que esta solução é depois colocada em moldes de gesso que se encarregará da absorção da água excedente, portanto esta moldagem requer muitos cuidados na porosidade e constituição dos moldes bem como no tempo que a lambugem permanece nestes. Por fim os oleiros vazam a pasta excedente dos moldes. Algumas peças, pela sua complexidade pediam que fossem divididas em várias partes para depois serem coladas, sendo que estas pediam um cuidado e saber fazer redobrado por parte dos oleiros (especializados na tarefa).¹⁹

Passa-se então para uma fase de acabamento, de limpeza de imperfeições, de melhorias de texturas, etc., sendo que as peças

18 FRASCO, Alberto Faria _ Vista Alegre: Porcelanas, 1989, p. 41

19 FRASCO, Alberto Faria _ Vista Alegre: Porcelanas, 1989, p. 42

defeituosas são postas de lado para serem recicladas e misturadas com a pasta virgem.¹⁹

As peças são depois levadas à cozedura em chocotagem para sofrerem uma primeira cozedura, a uma temperatura de sensivelmente 1000º C, para dotar a pasta de uma resistência e porosidade precisa para a posterior vidração. Esta primeira cozedura ocorre em fornos alongados contínuos de vagonetas.²⁰

A vidração é a próxima etapa com vista a tornar a peça com brilho, e a sua superfície macia e fácil de limpar, o que constitui num suporte ideal para ser ornamentada com pintura e metais nobres. A composição química do vidrado é mais uma vez estudada previamente no laboratório para não surgirem defeitos na reação do vidrado com a pasta cozida. O processo mais usual para a aplicação do vidrado era a imersão das peças, uma a uma, na solução respetiva, sendo depois agitadas as peças para ficarem uniformemente cobertas.²⁰

As peças estão então aptas à segunda cozedura á temperatura a mais de 1300º C, que vai tornar a peça com as características conhecidas da porcelana, translucidez e vitrificação total. Esta é a fase mais importante e perigosa do processo, sendo que durante esta cozedura o feldspato funde formando uma fase vítrea que “acama” os restantes componentes, bem como a secagem da água da cristalização, para além de outros processos químicos complexos.

As peças ficam amolecidas devido às temperaturas pelo que o seu manuseamento e armazenamento têm que ser muito cuidada para evitar deformações. O controlo das temperaturas do forno é vital e tem que ser muito cuidadoso.²⁰

Em relação á decoração, nomeadamente á pintura, convém distinguir duas categorias de cores. Uma primeira composta por cores que aguentam a cozedura da pasta nos fornos referidos anteriormente e as cores que necessitam de cozedura a temperaturas mais baixas em fornos diferentes, chamados de muflas (900º C sensivelmente). A primeira categoria de cores é bem mais pequena que a segunda. No processo de fabricação, isto resume-se a uma pintura debaixo do vidrado, nas peças em chacota, daí a denominação de *under- glaze*, sendo que ainda era possível a pintura por cima do vidrado, nestes mesmos fornos de alta temperatura, processo chamado de *in- glaze*. Em contraponto estavam as cozeduras nas muflas, a temperaturas mais baixas, que eram chamadas de decoração *on- glaze*.

A execução das pinturas propriamente dita era efetuada por diversas maneiras, sendo que os processos eram os da decalcomania, aplicações de fundos, serigrafia directa ou pintura á

mão. Vários destas técnicas podiam ser usadas para a execução de uma peça, bem como o uso de metais nobres como a platina e o ouro. O que todos estes processos têm em comum reside na grande dificuldade e mestria requerida pelo pintor, em vários aspectos como a espessura de tinta a aplicar ou ainda as cores a aplicar a fresco, que nunca serão as mesmas depois da cozedura.²¹

A fábrica estava sempre em funcionamento e a produzir, dia e noite na década de 70/80/90 pois arrefecer os fornos e voltar a aquecê-los era muito dispendioso e trazia riscos de degradação (choques térmicos nos tijolos) para as muflas e fornos. Os processos foram evoluindo e em 1982 apresentavam algumas diferenças segundo o inquérito encontrado nos processos da DREC. **(p.299 301)**

As muflas deixam de funcionar em 1982/1983 porque surgia um forno eléctrico em substituição. Em 1999, a fábrica passava a produzir apenas faiança informa o Sr. Laranjeira.

12 Estado de Conservação

A estrutura e fachadas dos edifícios construídos nos primórdios da sociedade – antigas moagens e preparação das pastas e o edifício fabril grande- apresentam relativo bom estado de conservação sendo que o construído mais recente, mais frágil porque menos maciço – estruturas metálicas- está em avançado estado de decomposição. Excepção no edificado maciço da casa dos fornos que se encontra sem tecto no andar de cima.

Construções posteriores como o refeitório e a creche encontram-se em bom estado. Duas edificações anexas do conjunto, perto da creche e refeitório, estão agora a servir de loja “Outlet” e foram relativamente reabilitados, apesar das cores berrantes das novas pinturas serem no mínimo, contrastantes, com o resto do edificado. A zona das embalagens anexa ao edifício fabril principal encontra-se também degradada bem como o silo que não parece ser possível de recuperar.

13 Projeto de reabilitação ou reconversão

Não existe atualmente.

A S.P. chegou a estar contudo integrada num plano urbano, nos inícios deste século, no qual estaria proposto que se arrasariam a instalações para a construção de edifícios de habitação, e em troca se construíssem novas instalações em Eiras, que voltaria a empregar os trabalhadores da sociedade. O projeto não chegou a realizar-se por falta de entendimento entre o presidente da Câmara Municipal de então e o proprietário.

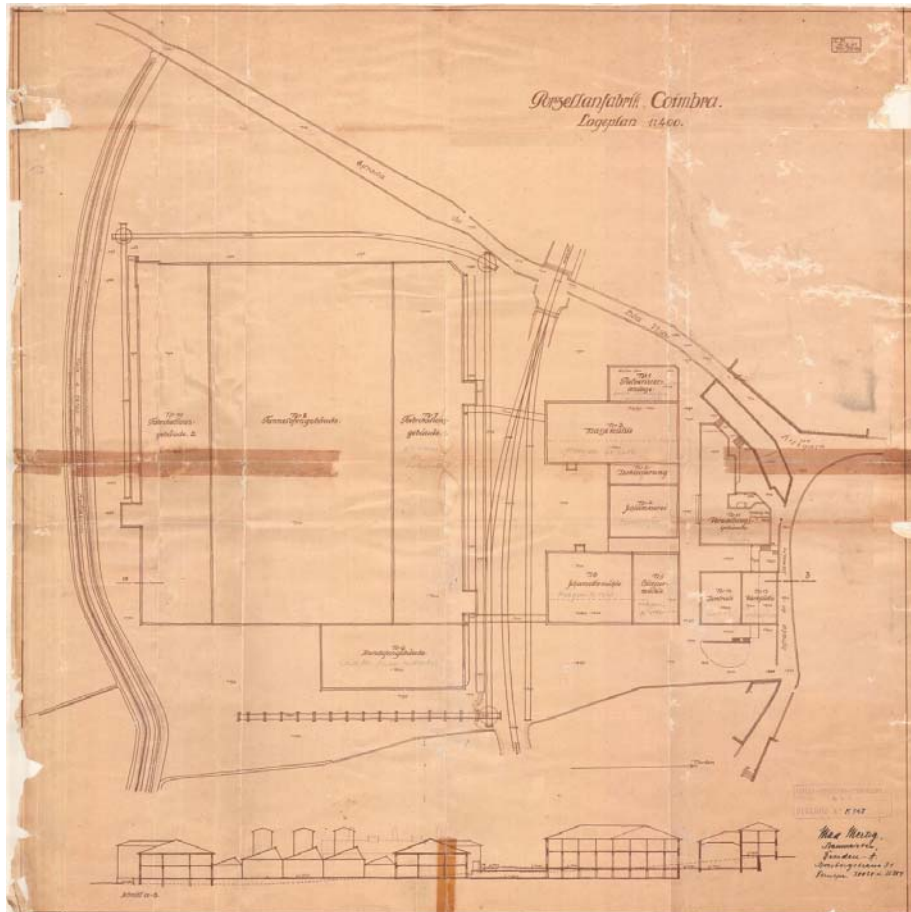
21 FRASCO, Alberto Faria _ Vista Alegre: Porcelanas, 1989, p. 45

Outro plano urbano visava esta área, foi o projeto do Metro Mondego, onde uma das linhas passaria pelo hoje desativado Ramal da Lousã. Estava previsto para o sítio da fábrica um espaço verde, um hotel, piscina e zona habitacional. Faria se assim desaparecer as instalações, prolongando a avenida da Lousã até ao Calhabé lado a lado com a linha do Metro. Como que esticando o Parque Verde, para potenciar a expansão da urbana segundo o plano Polis para a Cidade do Mondego.²²

Felizmente nenhuma destas propostas se concretizou.

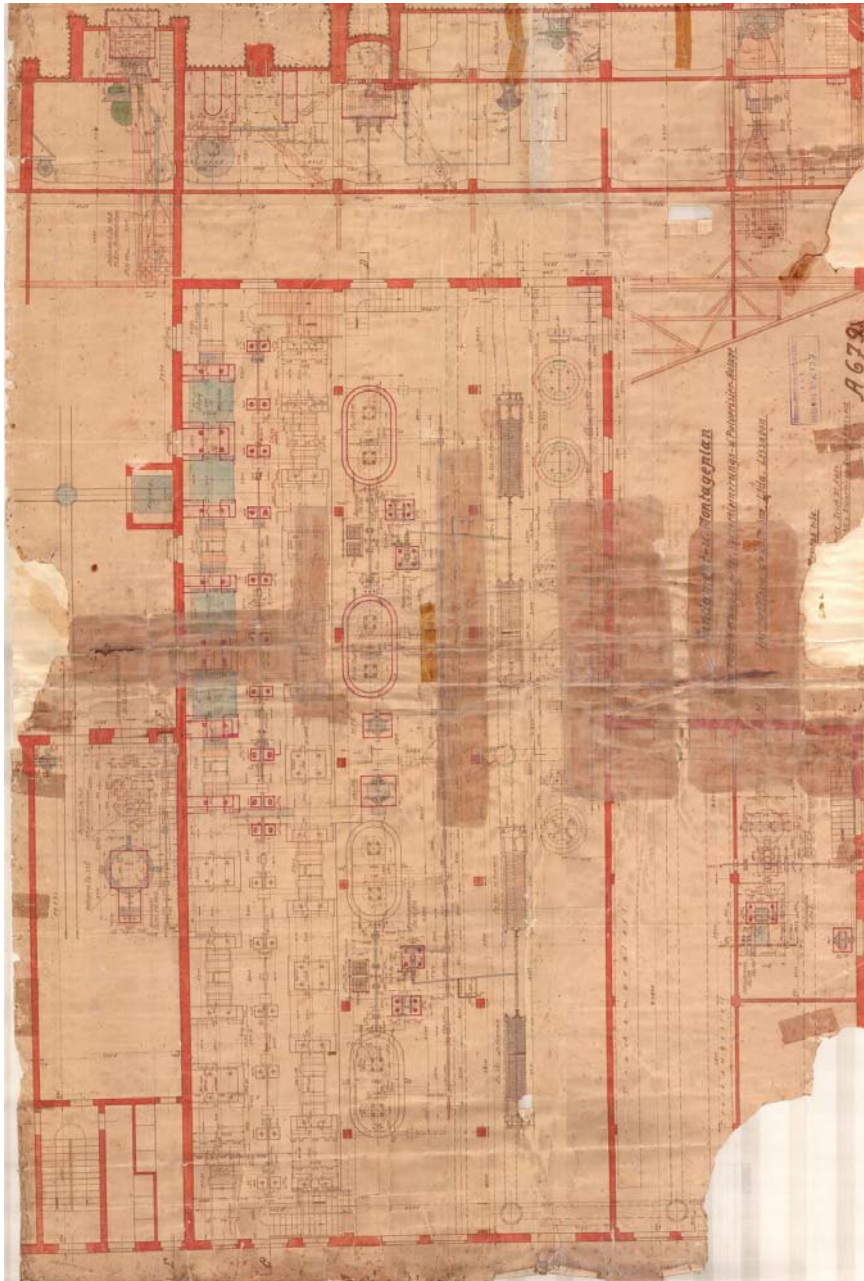
²² **BÁRTOLO, Sofia** _ La Sociedade de Porcelanas Lda, 2010/2011

14 Desenhos rigorosos



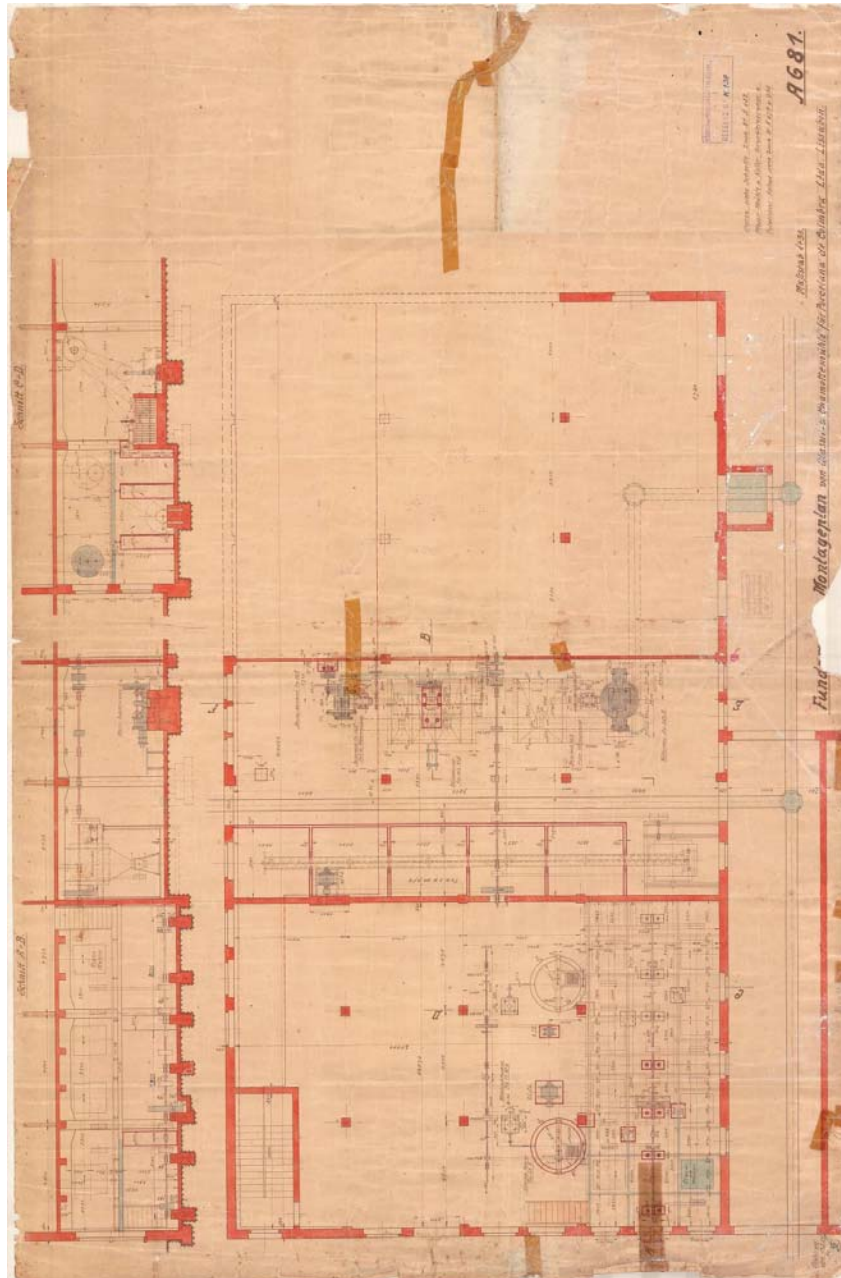
Planta de localização, Dresden (Alemanha), Mau Mertig Baumeister

Sociedade de Porcelanas, 1921



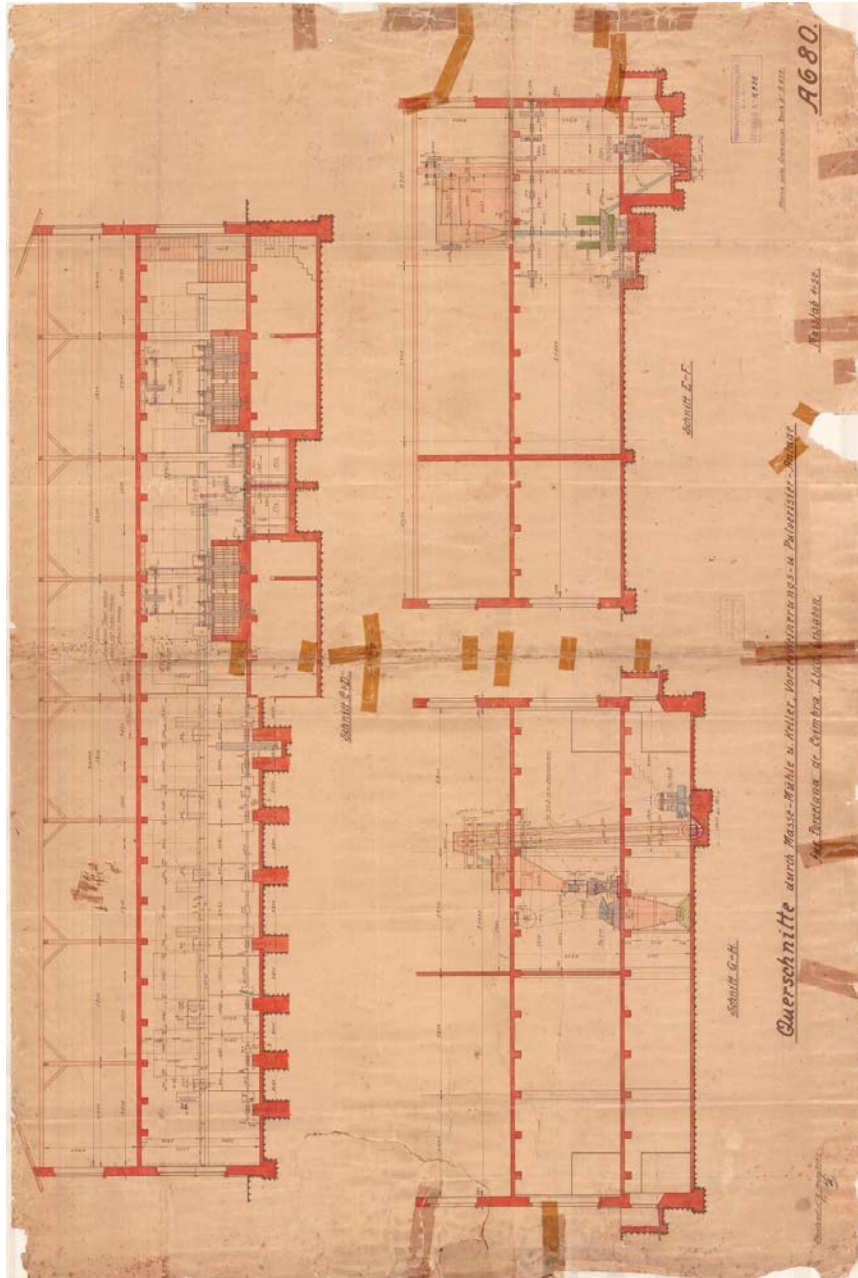
Planta e Corte do Edifício de Moagem de pasta, construído, Oberlind (Alemanha)

Sociedade de Porcelanas, 1921



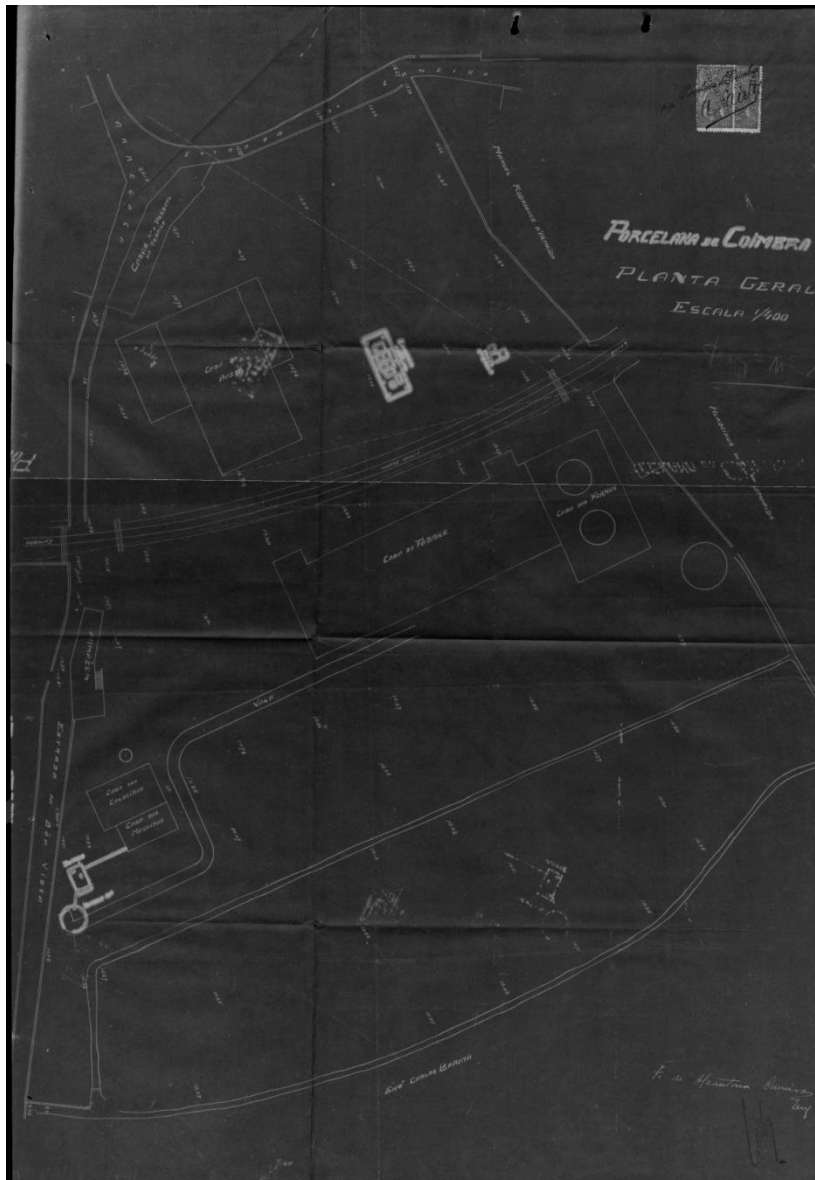
Planta e Corte do Edifício de Moagem de rolão, não construído, Oberlind

Sociedade de Porcelanas, 1921



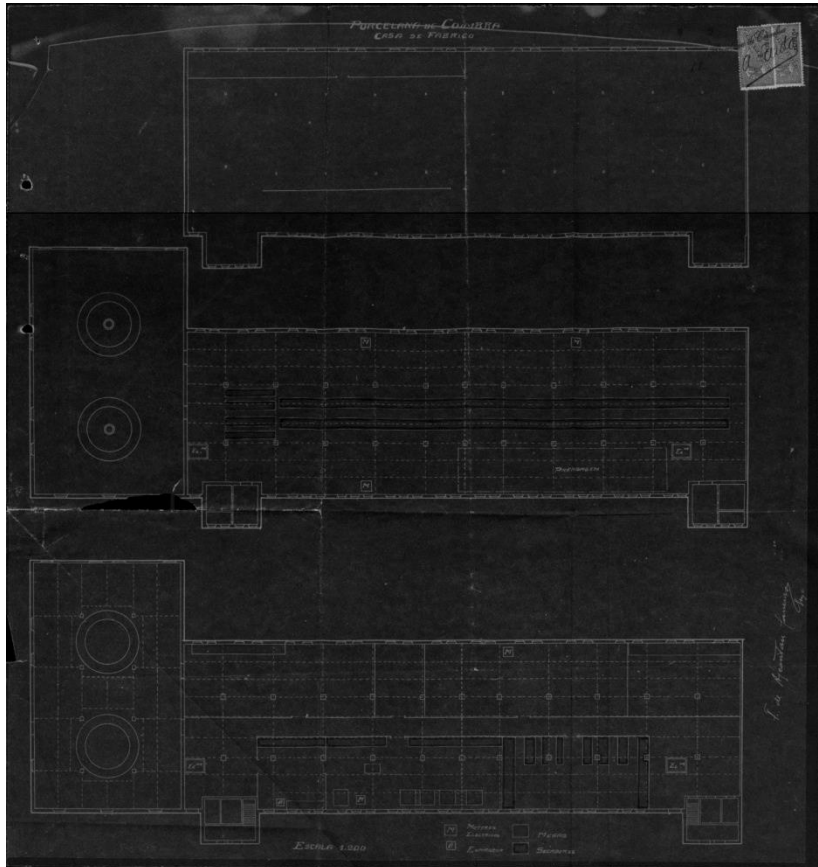
Cortes do Edifício de Moagens, Oberlind (Alemanha)

Sociedade de Porcelanas, 1921



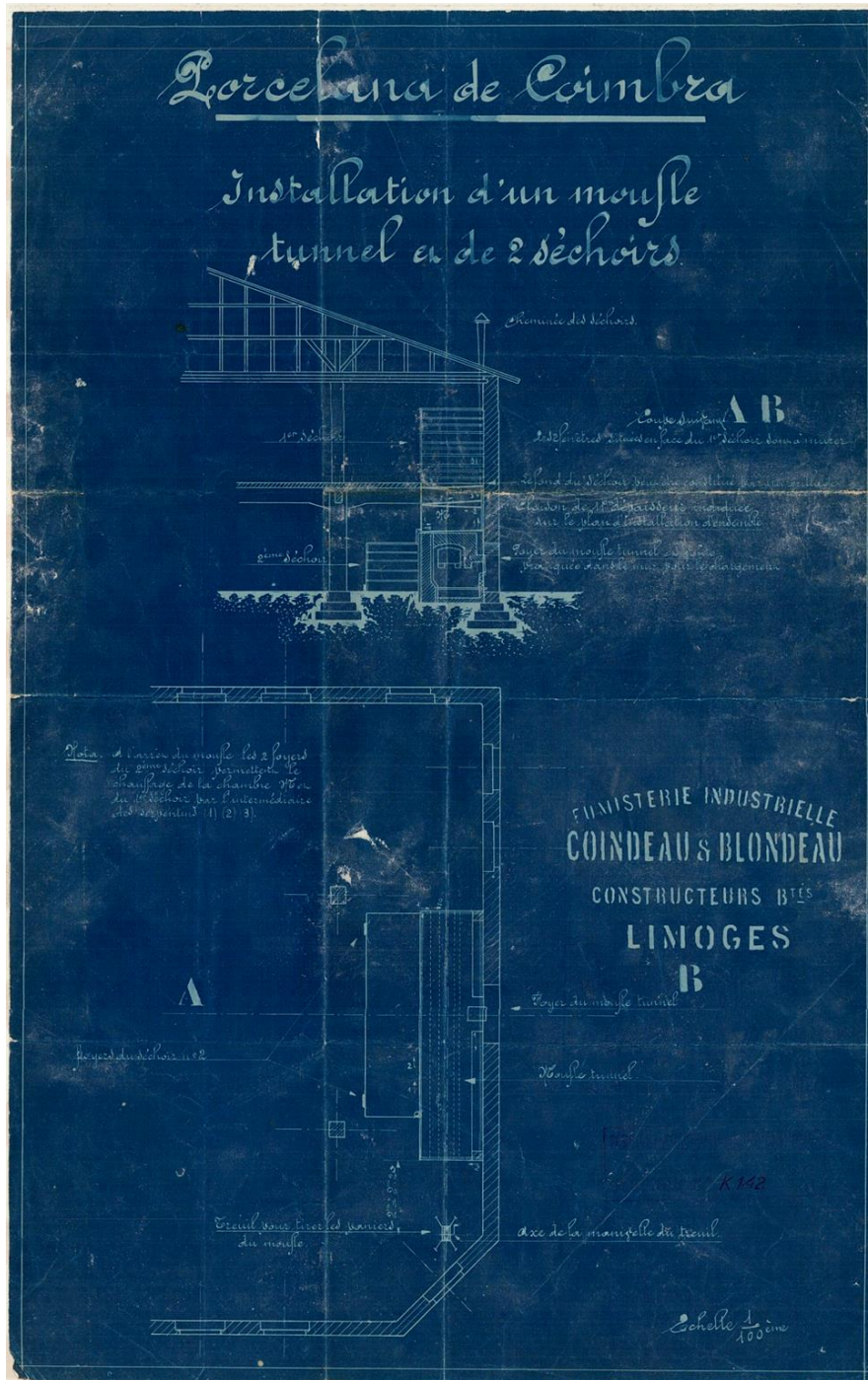
Planta de localização geral, DRE

Sociedade de Porcelanas, 1921



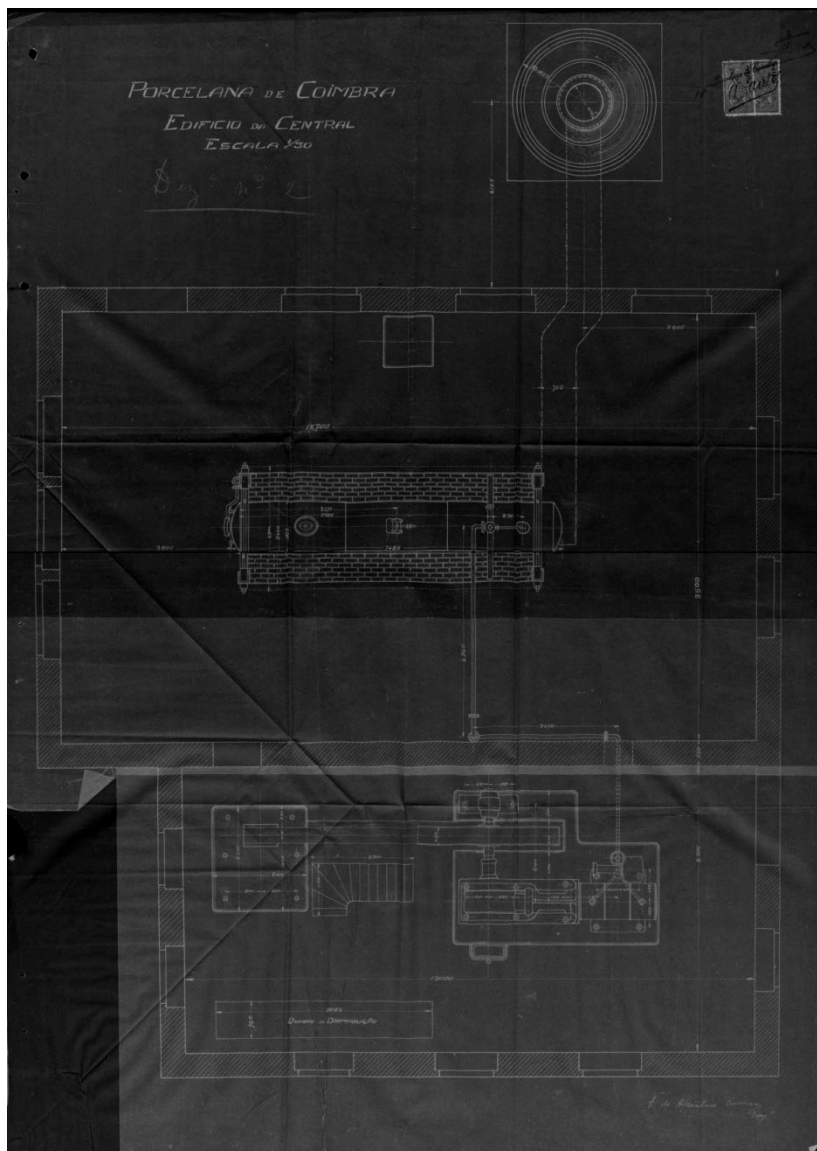
Casa do Fabrico, DRE

Sociedade de Porcelanas, 1921



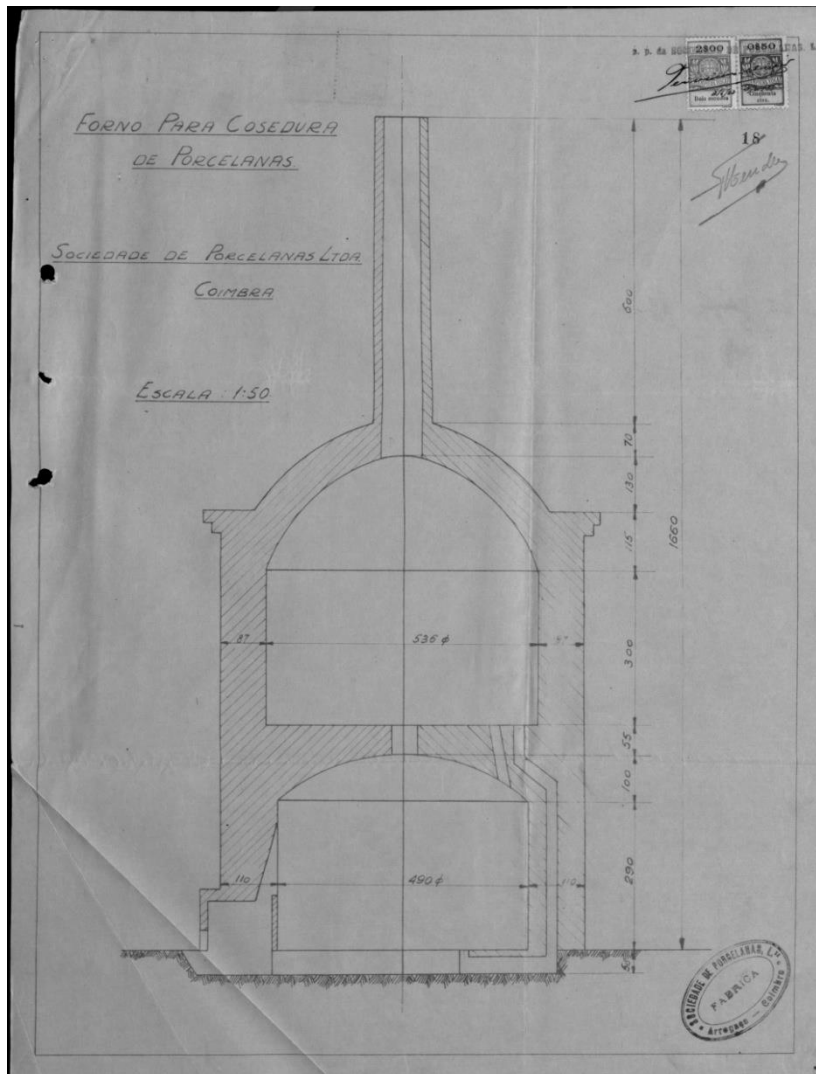
Planta e Corte das Mufas no Edifício fabril principal, Limoges (França)

Sociedade de Porcelanas, 1921



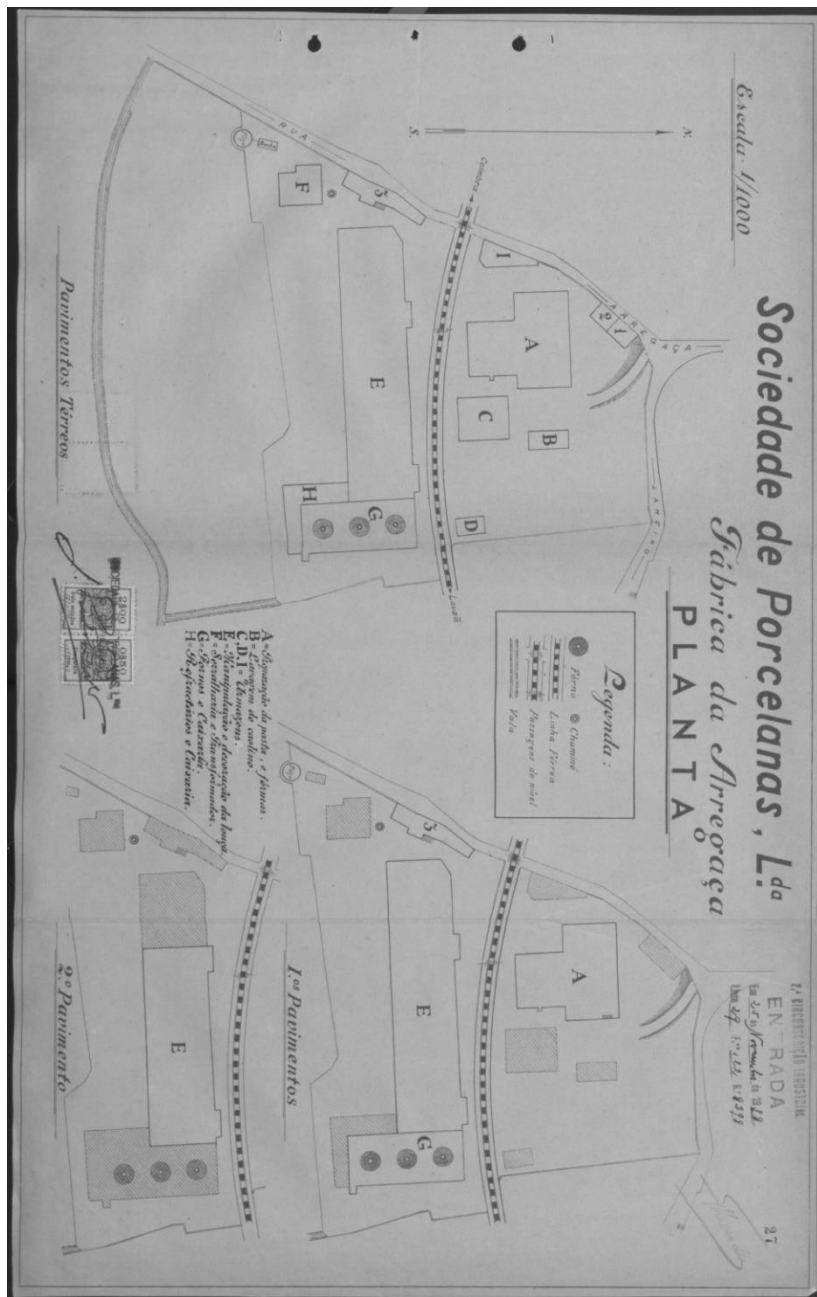
Casa da Central, DRE

Sociedade de Porcelanas, 1921



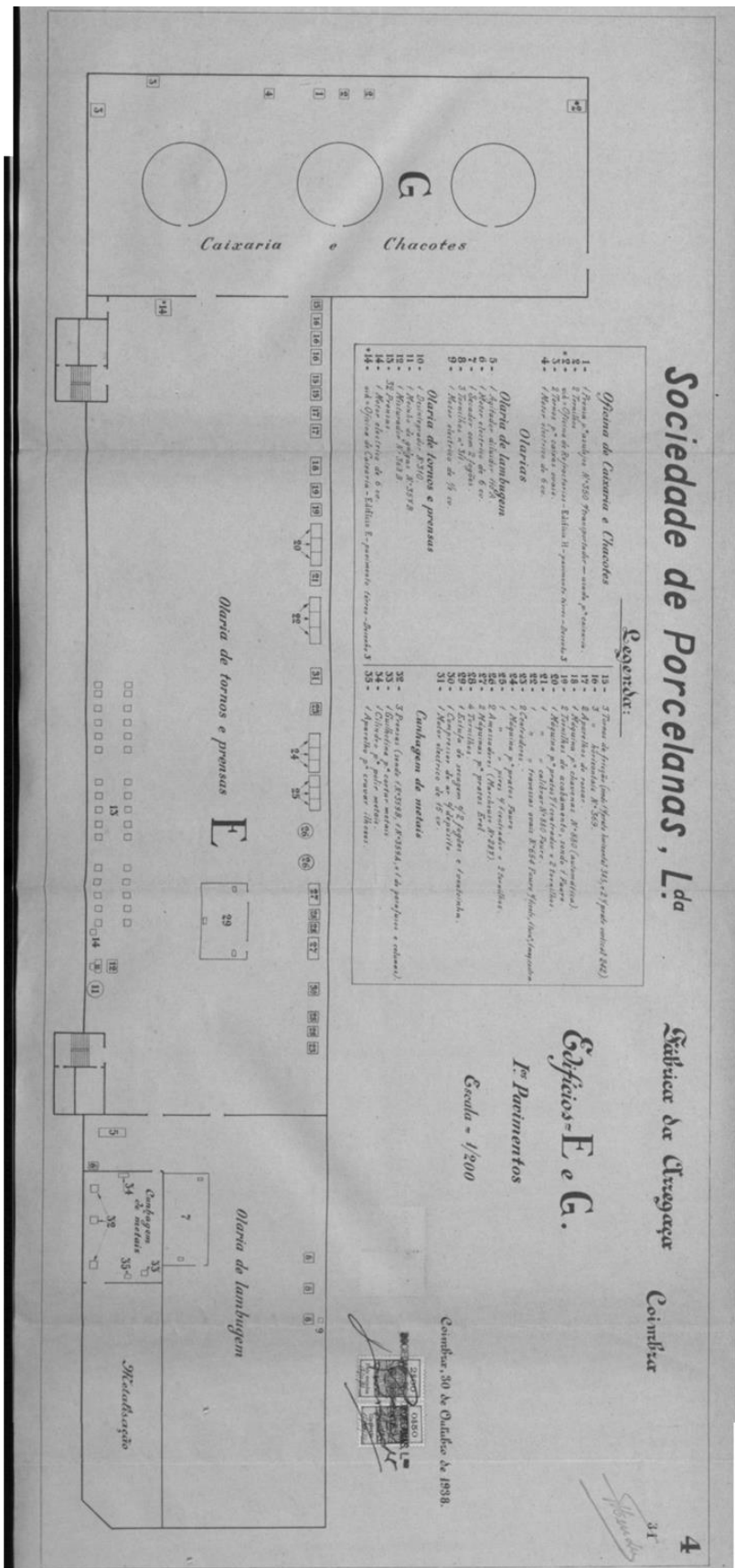
Corte do forno tipo de Chama Invertida da S.P., DRE

Sociedade de Porcelanas, 1933



Plantas esquemáticas do conjunto, DRE

Sociedade de Porcelanas, 1938

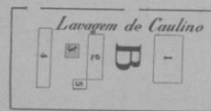
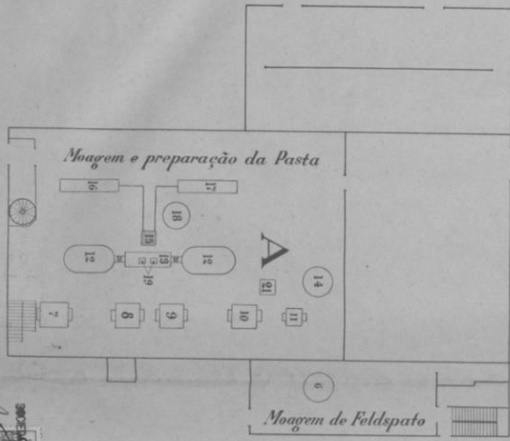


Planta Esquema Piso 1 da Casa do Fabrico, dos Fornos, DRE

Sociedade de Porcelanas, 1938

Sociedade de Porcelanas, Lda

Fábrica de Argamça
Edifícios A e B
Pavimentos Torreos
Caminhar



Planta esquemática das Oficinas de Lavagem de Caulino, Moagem de Feldspato, e Moagem e preparação da Pasta.

Escala: 1/200

Escala: 1/200
Caminhar, 30 de Outubro de 1938.



Lavagem de Caulino:

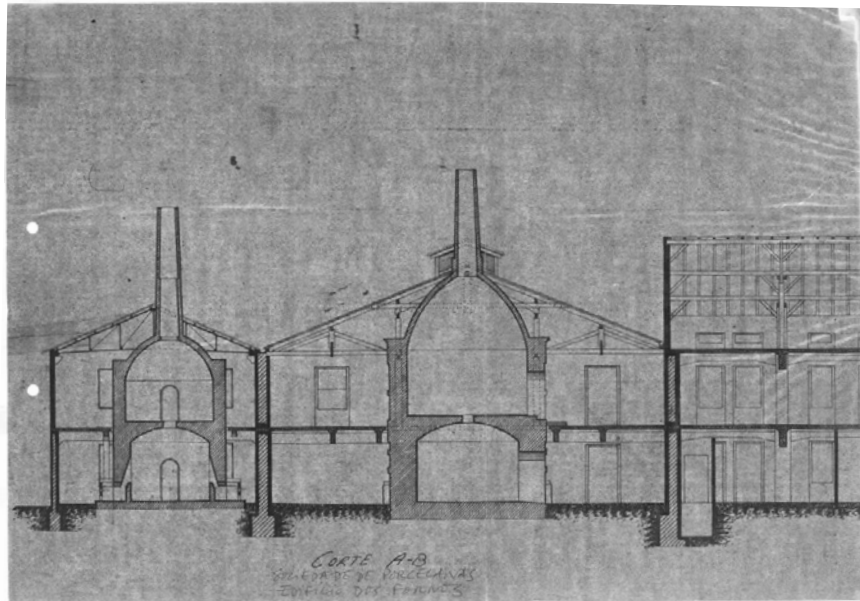
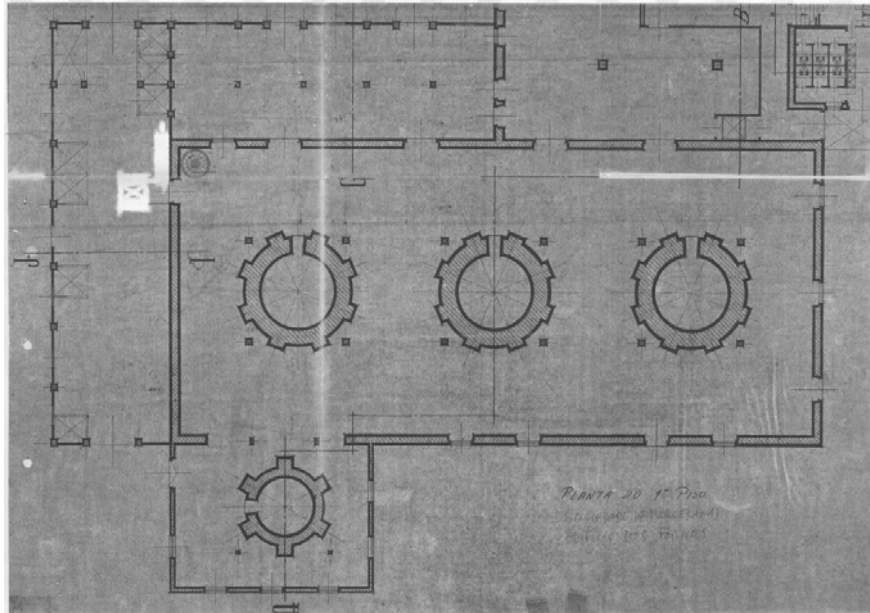
- 1 - 1. - Digestor diluidor. (m. 34 e 35) n. 38
- 2 - 1. - " pendular. (m. 27 e 28) n. 39
- 3 - 1. - Bomba de membrana 15/8
- 4 - 1. - Sifão prensa Sauer 20/20 n. 25 portas.
- 5 - 1. - Sifão prensa 24/6 cm.
- Moagem de Feldspato:
- 6 - 1. - Molinos de galgas.

Moagem e preparação da Pasta:

- 7 - 1. - Molino along n. 24. Obst.
- 8 - 1. - " " " "
- 9 - 1. - " " " "
- 10 - 1. - " " " "
- 11 - 1. - " " n. 235 " p. tubo.
- 12 - 2. - Digestores diluidores duplos.
- 13 - 1. - Digestor pendular.
- 14 - 1. - " abridor vertical simples.
- 15 - 1. - Bomba de membrana 15/8 Obst n. 8.
- 16 - 1. - Sifão prensa de 50 portas " n. 200.
- 17 - 1. - " " " " " "
- 18 - 1. - (Amassador (maochouse)).
- 19 - 2. - Crivos duplos.
- 20 - 2. - Jarras
- 21 - 1. - Molino de 60 cm.

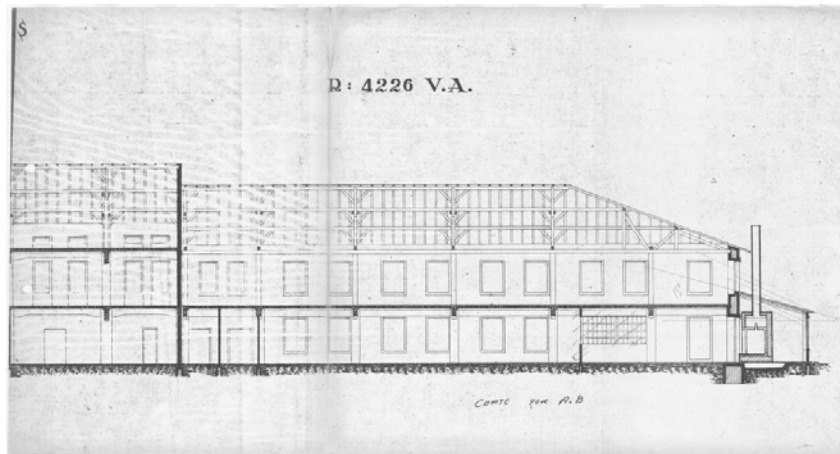
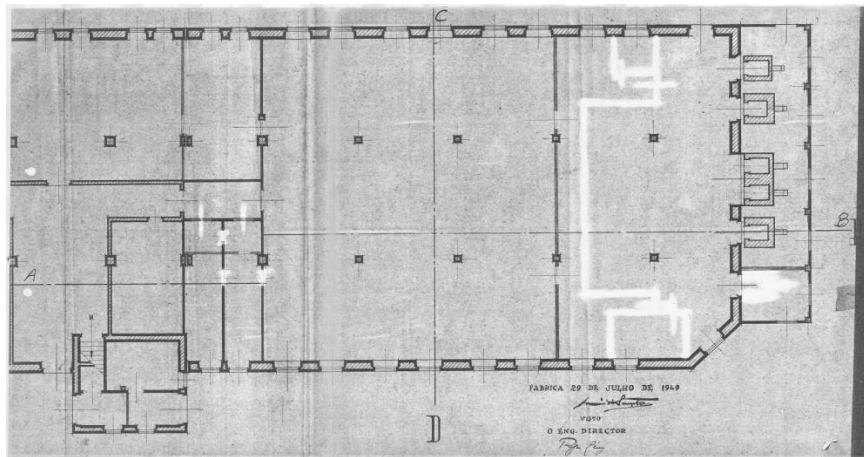
(a) - Monumentos existentes, mas não construídos.

Planta Esquema Piso 0 da Casa das Moagens e Lavagem do Caulino, DRE
Sociedade de Porcelanas, 1938



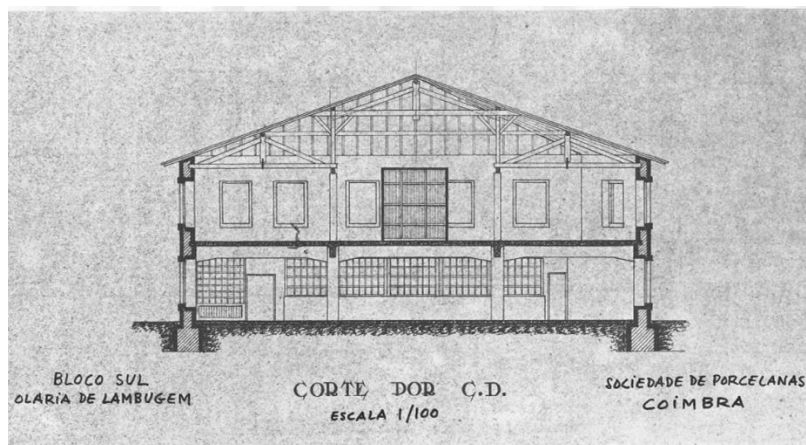
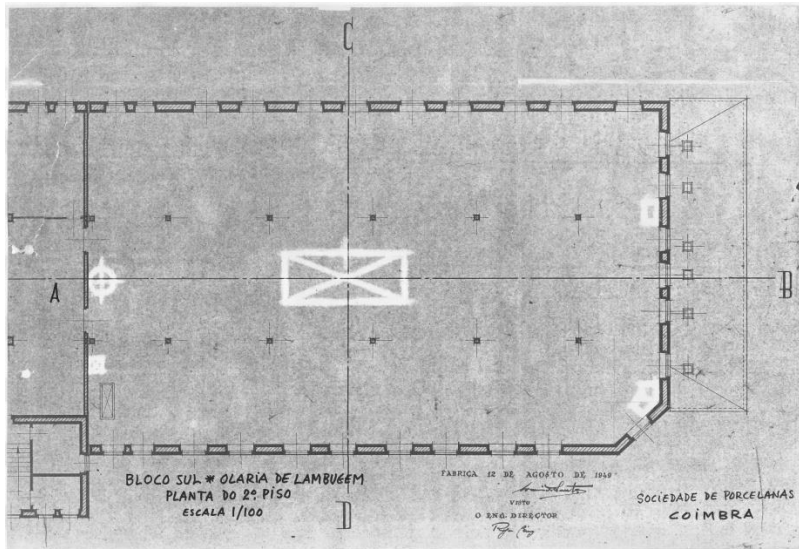
Planta e Corte da Casa dos Fornos

Sociedade de Porcelanas, 1949



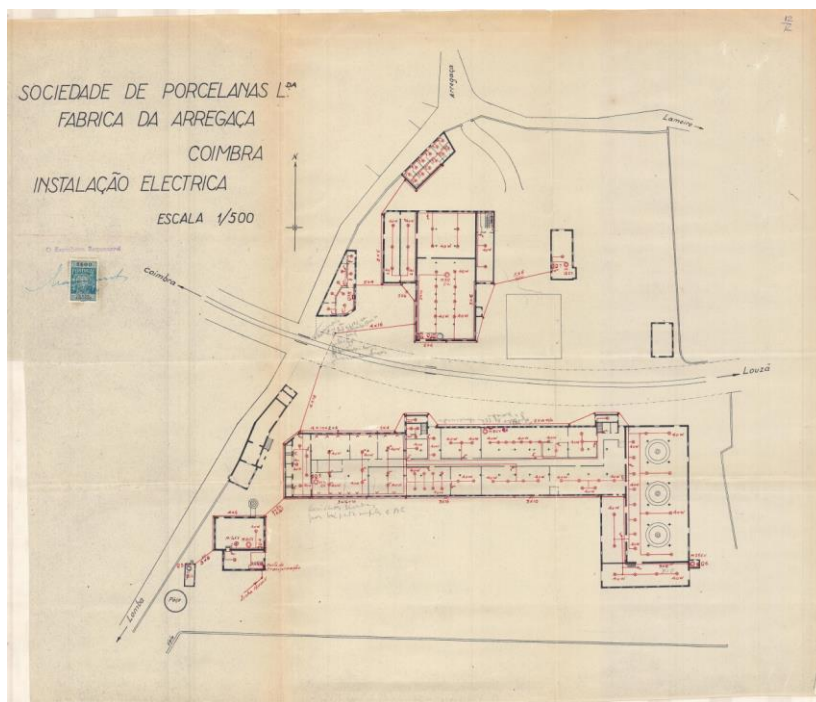
Planta e Corte da Sala de Pintura e Mufas

Sociedade de Porcelanas, 1949



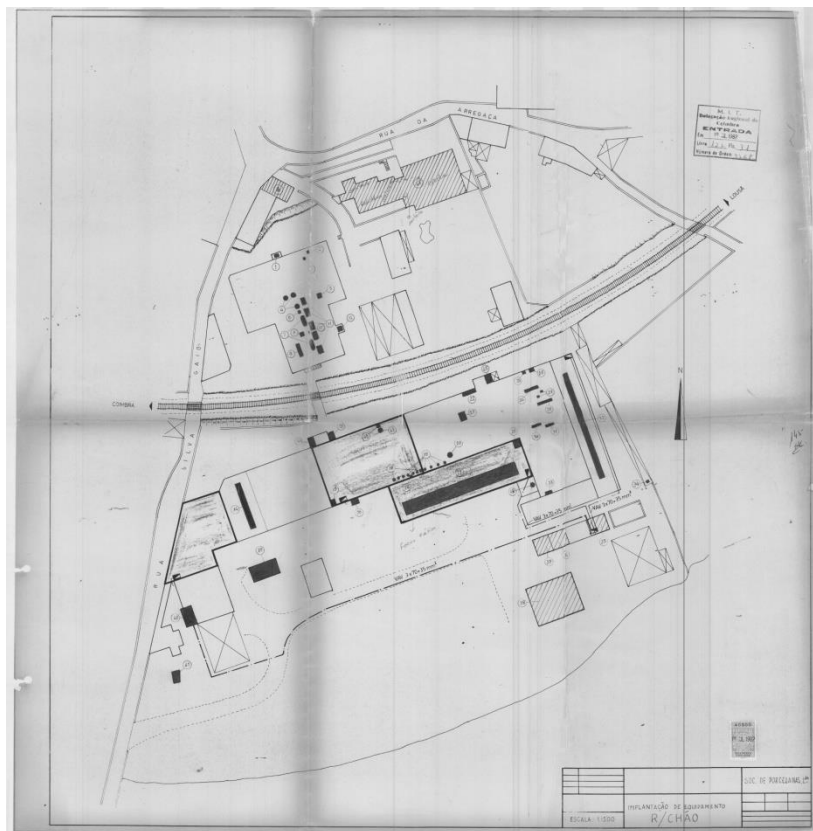
Planta e Corte da Sala de Olaria de Lambujem

Sociedade de Porcelanas, 1949



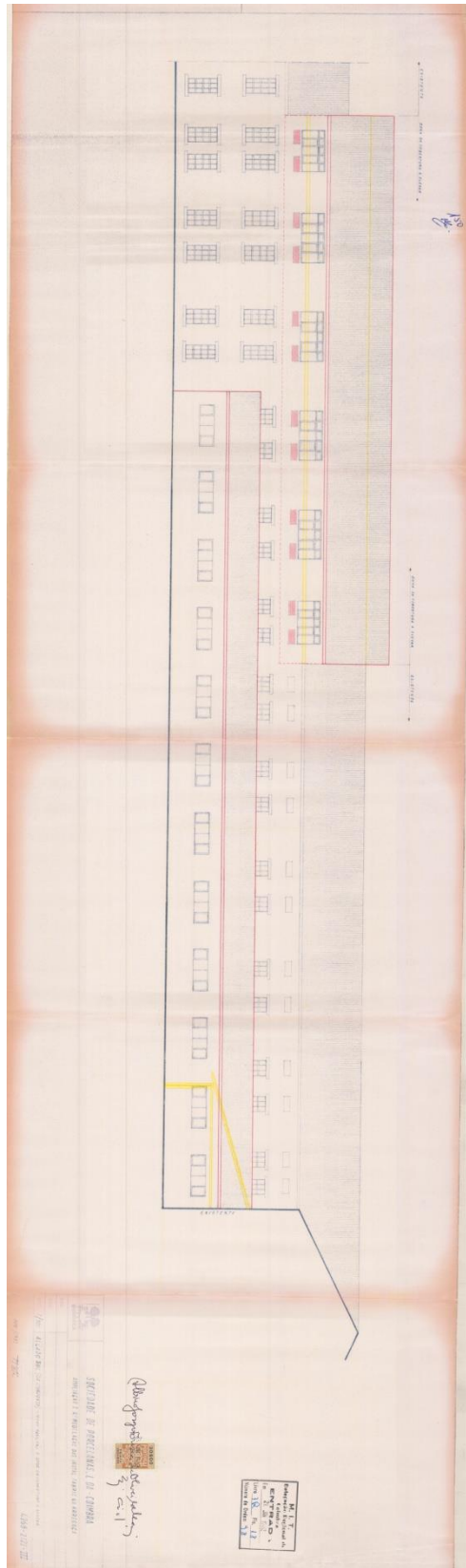
Planta do conjunto, instalações elétricas, DREC

Sociedade de Porcelanas, anterior ao incêndio dos anos 40



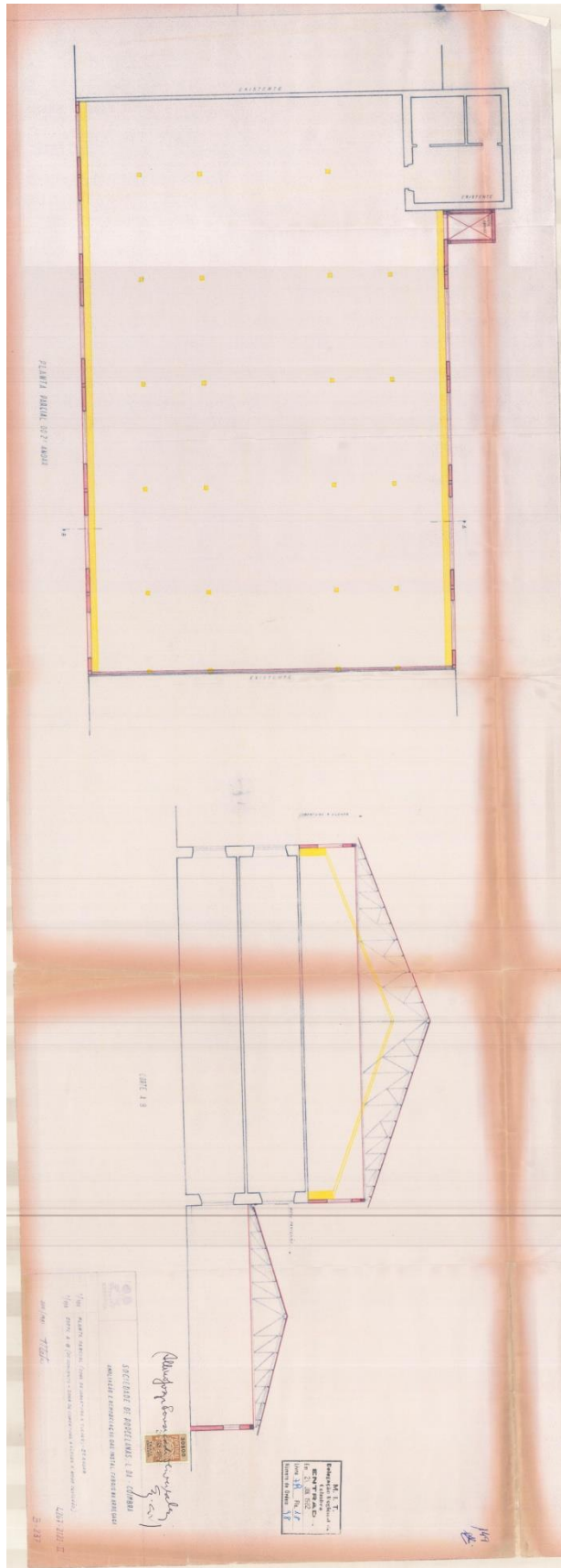
Planta geral do conjunto, DREC

Sociedade de Porcelanas, 1981



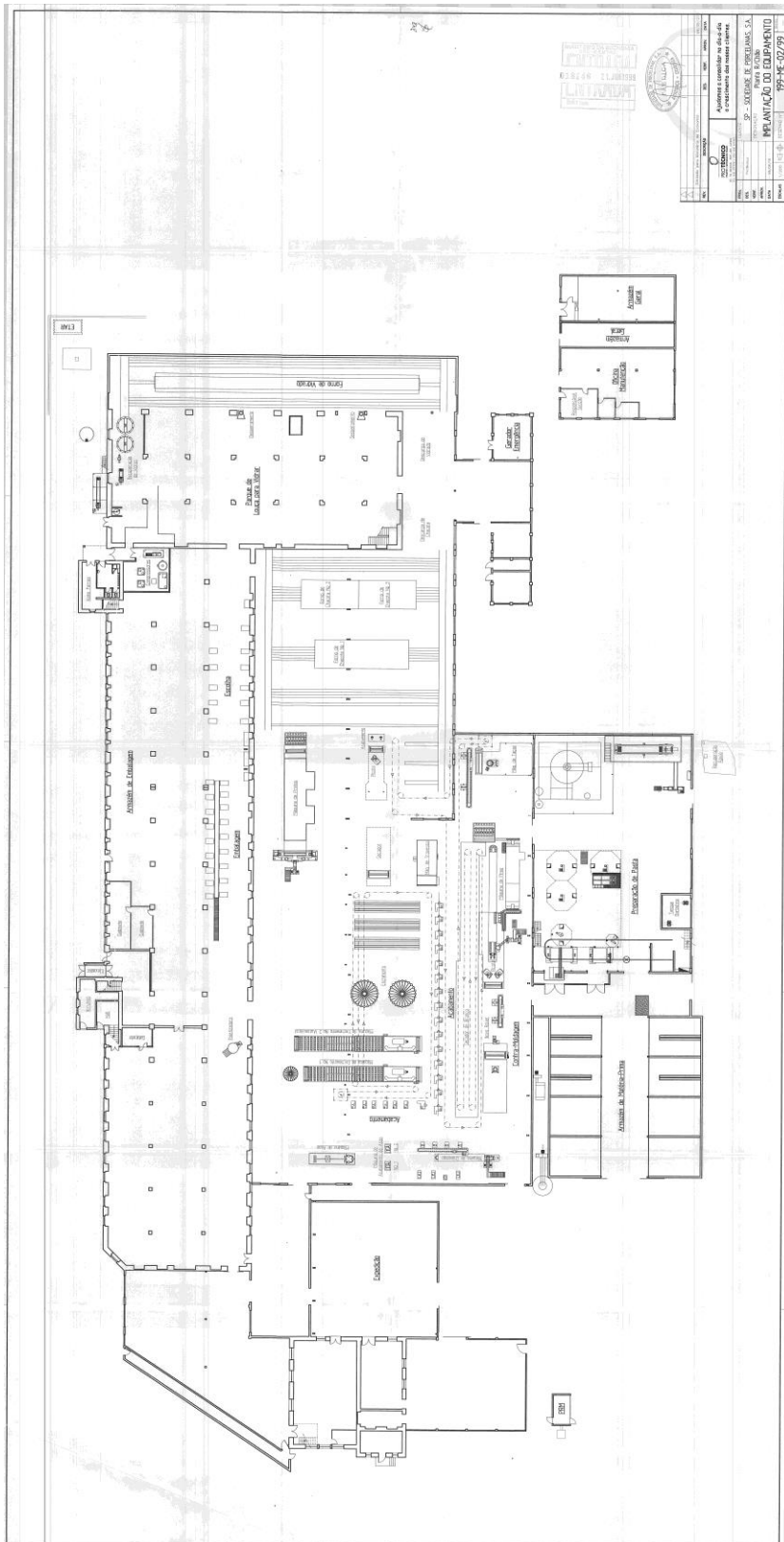
Alçado Sul, substituição da cobertura, DREC

Sociedade de Porcelanas, 1981



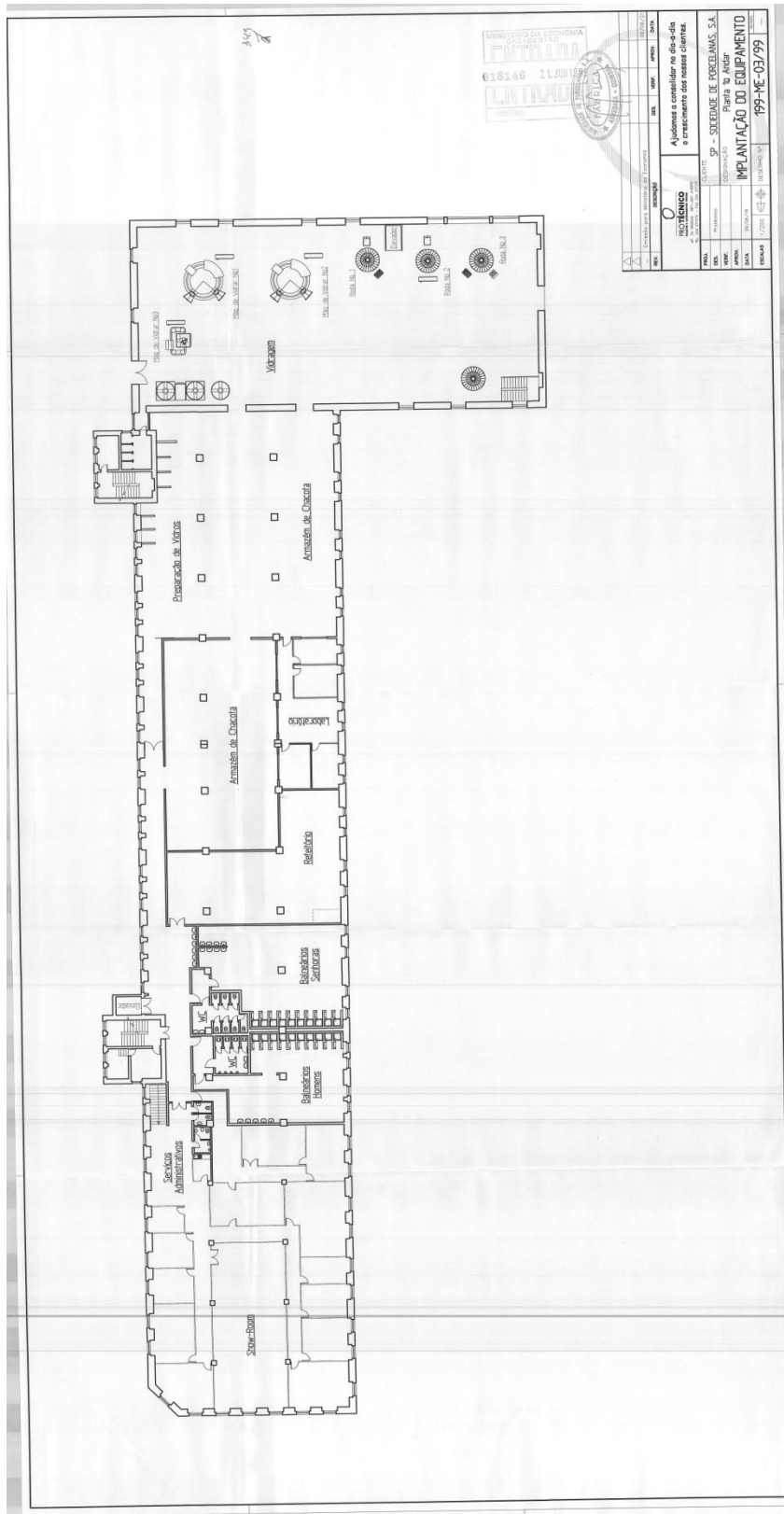
Planta e corte, substituição da cobertura, DREC

Sociedade de Porcelanas, 1981



Planta rés-do-chão e equipamentos, DREC

Sociedade de Porcelanas, 1999



Planta primeiro andar e equipamentos, DREC

Sociedade de Porcelanas, 1999

15 Fotografias



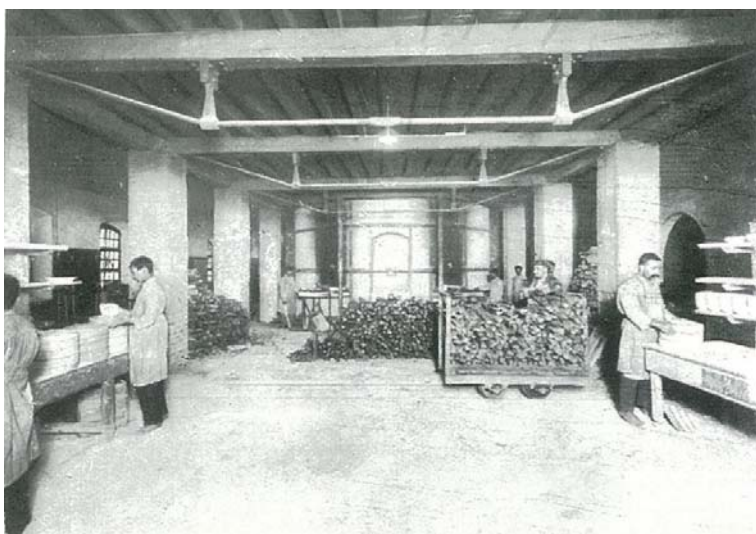
Vista aérea sobre a cidade,

Sociedade de Porcelanas, década de 1930



Forno de “chama invertida”, piso superior e inferior

Limoges - Casseaux, construído nos finais do século XIX



Forno nº2 de “chama invertida”, piso superior e inferior

Vista Alegre, século XIX



Alçado Sul e Norte da fábrica

Sociedade de Porcelanas, atual



Armazém da Embalagem (ultima função), rés-do-chão

Sociedade de Porcelanas, atual



1 Instalação dos Acabamentos

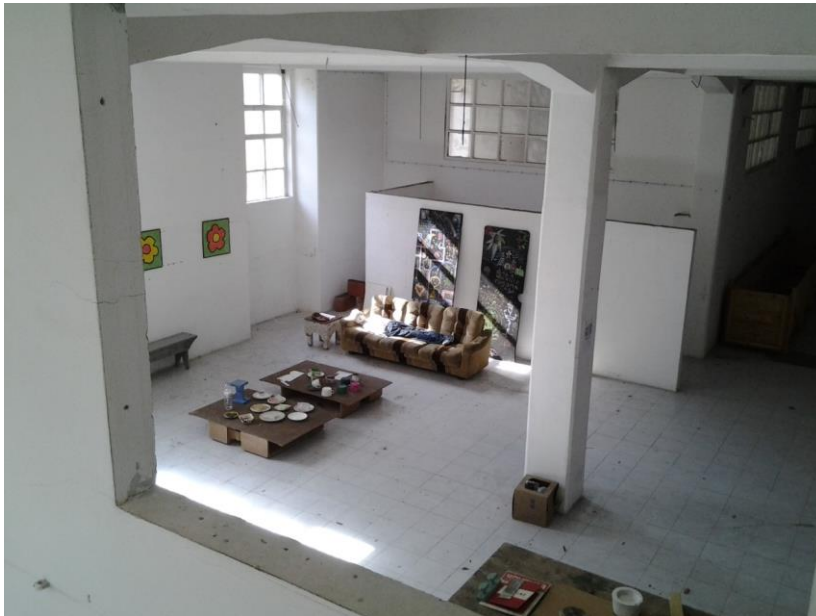
2 Instalação da Preparação da Pasta

Sociedade de Porcelanas, atua



Forno contínuo alemão desativado

Sociedade de Porcelanas, atual



Interior do edifício de moagens desactivado

Sociedade de Porcelanas, atual



Armazém dos moldes, segundo piso

Sociedade de Porcelanas, atual



Antiga olaria de lambujem, primeiro piso

Sociedade de Porcelanas, atual



Antiga olaria de lambujem, primeiro piso

Sociedade de Porcelanas, atual

16 Documentos



2.ª CIRCUNSCRIÇÃO INDUSTRIAL

ENTRADA

Em 3 de Junho de 1933
Livro 17 F.º 88 N.º 2528

16
2.ª Repartição Industrial

ENTRADA

Em 8 de Junho de 1933

Livro 6 F.º 114 N.º 926

EXMO. Sr. DIRECTOR GERAL
das INDUSTRIAS

A SOCIEDADE DE PORCELANAS, Limitada que vêm trabalhar desde 29 de Setembro de 1920 e cuja produção tem conseguido conquistar o mercado, muito contribuindo para dê-lo excluir a similar estrangeira, precisa de construir mais 3 fornos de 55 cm³. de capacidade cada e vem requerer para isso a precisa autorização.

O pedido da signataria corresponde a uma necessidade de exploração, com o fim de embaratecer os s/productos e de corresponder ao seu crescente consumo, tanto no mercado metropolitano como no insular e colonial e até no estrangeiro, pois neste momento está já tentando com exito, a exportação para Marrocos.

A signataria precisa dos fornos que pretende construir:-

- a) para evitar o atraso de muitas encomendas que tem já dificuldade em satisfazer nas actuaes condições de fabrico;
- b) para poder reparar, sem prejuizo, os fornos que possui;
- c) para prosseguir no seu esforço de exploração economica em seu proprio beneficio e no do consumo cuja preferencia deve considerar-se animadora.

E como toda a matéria prima para a laboração dos novos fornos que a signataria não pôde construir antes de

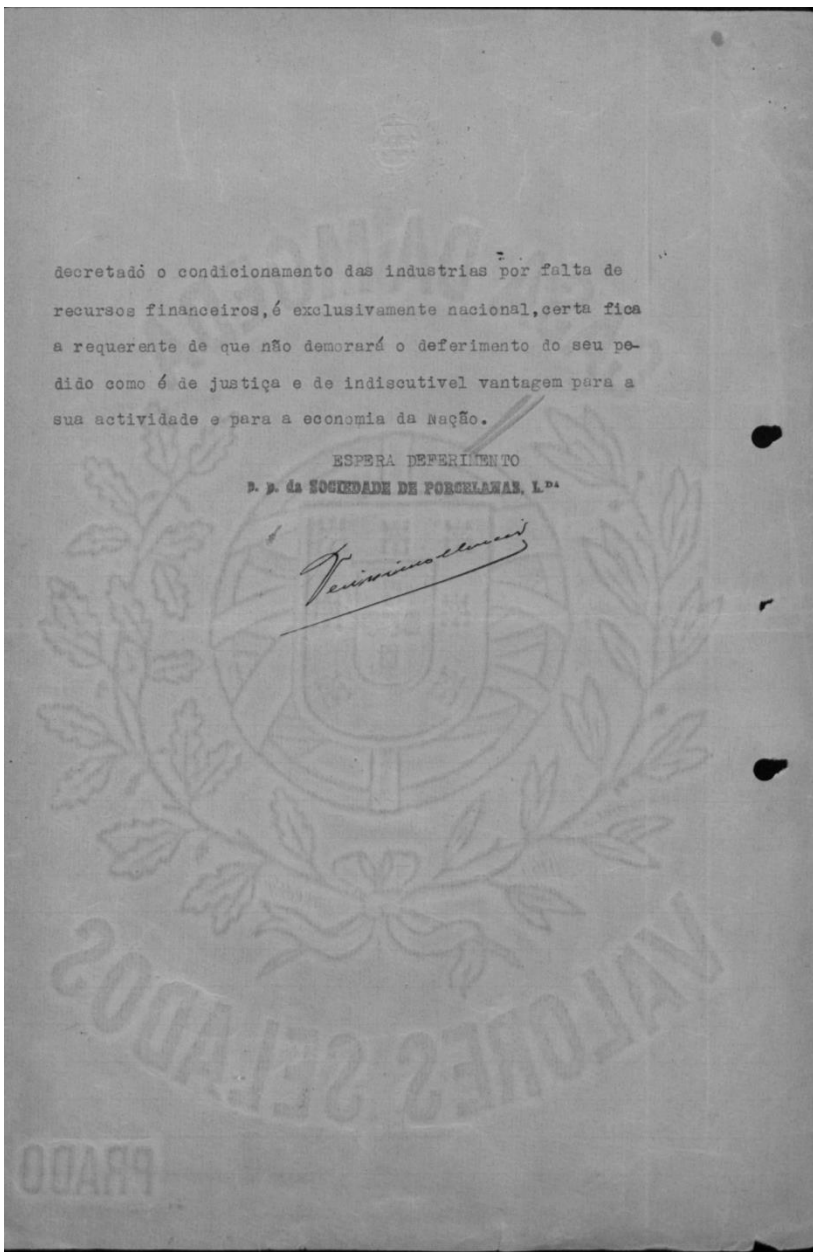
Documento Repartição Industrial, DRE

Sociedade de Porcelanas, 1933

decretado o condicionamento das industrias por falta de recursos financeiros, é exclusivamente nacional, certa fica a requerente de que não demorará o deferimento do seu pedido como é de justiça e de indiscutível vantagem para a sua actividade e para a economia da Nação.

ESPERA DEFERIMENTO
P. P. da SOCIEDADE DE PORCELANAS, L^{DA}

Teixeira



Documento Repartição Industrial, DRE

Sociedade de Porcelanas, 1933

SOCIEDADE DE PORCELANAS, L.^{DA}

SEDE:
R. DO COMERCIO, 56-2.^o
LISBOA
TELEFONE 21125

SUCCESSORA DA PORCELANA DE COIMBRA

ESCRITÓRIOS E FABRICAS:
ARREBÁÇA-COIMBRA
TELEFONE N.º 710

CIRCUNSCRICÇÃO INDUSTRIAL | ENDEREÇOS TELEGRÁFICOS | GRANIO-LISBOA
PORCELANA-COIMBRA

ENTRADA
3 Junho 1933
Livro 6 F.º 88 N.º 2528

Coimbra, 3 de Junho de 1933
(PORTUGAL)

NOTA EXPLICATIVA

Os fornos N.ºs. 4, 5 e 6 que a suplicante pretende construir são do tipo dos N.ºs. 1, 2 e 3 que já possui, e os locais de uns e outros vão designados na planta da fabrica que a suplicante junta.

Uma segunda planta representa o corte vertical de qualquer dos fornos cuja construção a suplicante requer.

Os fornos são do sistema de chama invertida e tem cada um oito fornalhas que são alimentadas a carvão.

Os refractarios necessarios á sua construção são fabricados pela suplicante com barros refractarios portugueses.

P. P. da SOCIEDADE DE PORCELANAS, L.^{DA}

2.ª Repartição Industrial

ENTRADA

Em 8 de Junho de 1933
Livro 6 F.º 88 N.º 2528

Documento Repartição Industrial, DRE

Sociedade de Porcelanas, 1933

1. No tribunal de primeira instância de Lisboa, em 28 de Agosto de 1929, sob a denominação de Sociedade de Porcelanas, Limitada, com sede na Rua da Madalena, nº 50, foi inscrita a seguinte escritura de constituição, com o valor de 500\$000, em moeda de ouro, e em 13 de Setembro de 1929, foi inscrita a seguinte escritura de alteração, com o valor de 500\$000, em moeda de ouro, e em 13 de Setembro de 1929, foi inscrita a seguinte escritura de alteração, com o valor de 500\$000, em moeda de ouro.

O Escrivão Público, Alberto A. S. Bragança.

Verifiquei — O Juiz de Direito, A. Raposo. (3732)

SOCIEDADE DE PORCELANAS, LIMITADA

2. Por escritura desta data, outorgada perante o notário Eugénio de Carvalho e Silva, de Lisboa, foi inteiramente substituído o pacto social desta sociedade pelo constante dos artigos seguintes:

1.ª Continua a sua existência jurídica a sociedade por cotas de responsabilidade limitada, constituída por escritura outorgada nestas datas em 21 de Agosto de 1929, sob a denominação de Sociedade de Porcelanas, Limitada.

2.ª A sua sede continua sendo em Lisboa, e domicilio na Rua de S. Julião, 63 e 65, e fábrica em Coimbra.

3.ª A sua duração continua a ser por tempo indeterminado e não poderá deixar de ter existência enquanto não estiverem liquidados os encargos resultantes da aquisição das cotas feitas por escrituras de 15 e 27 de Junho corrente e o empréstimo contratado anteriormente na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, garantido com hipoteca e penhor mercantil, por escritura de 25 de Outubro de 1929.

§ único. Liquidados que sejam todos aqueles encargos a sociedade durará por mais cinco anos, e findo este prazo, por mais cinco anos, sucessivamente, enquanto qualquer dos sócios não avise o outro com a antecedência mínima de um ano, que quer deixar de fazer parte da sociedade, ou que pretende a sua dissolução, liquidação e partilha.

4.ª O objecto da sociedade continua a ser a exploração da indústria de porcelanas e respectivo comércio ou qualquer outra indústria.

5.ª O capital social continua a ser de 10.000\$, está integralmente realizado e fica constituído por duas cotas de 5.000\$, de que pertence uma a cada uma das sócias Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre, Limitada, e Empresa Electro-Cerâmica. Este capital acha-se representado por todos os bens, direitos e valores, que constituem o activo social, sujeito ao pagamento do correspondente passivo, como tudo consta da respectiva escrituração.

6.ª Não serão exigíveis prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer suprimidas à sociedade ao juro do crédito industrial da Caixa Nacional de Crédito.

7.ª Fica proibida a cessão de cotas a estranhos, no todo ou em parte, enquanto não estiverem liquidados os encargos a que se refere o artigo 3.º e dentro dos primeiros cinco anos após essa liquidação.

§ único. Liquidados que estejam desses encargos e expirado o prazo atrás referido, a cessão de cotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, ficando o outro sócio sempre com o direito de opção.

8.ª Fica também proibida a venda ou alienação de cotas, no todo ou em parte, quer seja feita a favor de estranhos quer a favor de outro sócio.

9.ª A gerência e a administração da sociedade serão exercidas pelas duas sociedades sócias, que, para esse fim, poderão delegar essas poderes em pessoas estranhas à sociedade, uma por cada uma das sociedades.

§ 1.º O representante da gerência indicado por cada uma das sociedades deverá ter sempre a aprovação expressa da outra, sem o que não poderá exercer as suas funções.

§ 2.º As sociedades terão o direito recíproco de oporem o «veto» à nomeação do representante da gerência por uma só vez e a quando da sua nomeação.

10.ª Para a sociedade ficar obrigada são precisas as assinaturas dos dois gerentes ou seus representantes, excepto nos casos de mero expediente, pois em tais casos bastará a assinatura de um d'elles.

11.ª Anualmente será dado um balanço, que, reportando-se a 31 de Dezembro, deverá estar concluído e assinado dentro dos noventa dias subsequentes; os lucros líquidos apurados pelos balanços, e depois de retirada a percentagem mínima de 5 por cento para o fundo de reserva legal, serão distribuídos pelos sócios na proporção das respectivas cotas sociais, proporção em que serão preferidos os prejuízos, havendo-os.

12.ª No caso de dissolução da sociedade serão liquidatários ambos os sócios.

13.ª As assembleias gerais realizar-se-ão sempre que qualquer dos sócios o desejar, sendo todavia necessário aviso por meio de carta com cinco dias de antecedência, pelo menos, podendo o sócio impedido de comparecer na reunião enviar o seu voto ou deliberação, com referência expressa ao assunto a resolver, em simples documento assinado por quem de direito.

14.ª Havendo empate em qualquer deliberação da assembleia geral será competente para resolver, mediante solicitação de qualquer dos associados, o juiz da 1.ª vara do Tribunal de Lisboa, que vencerá 500\$ por cada decisão que haja de preferir.

15.ª Os casos omissos reger-se-ão pelas disposições legais applicáveis, especialmente pelas da lei de 11 de Abril de 1901.

Lisboa, 28 de Junho de 1935.—O Notário, Eugénio de Carvalho e Silva. (3732)

TRANSFORMAÇÃO DE SOCIEDADE

3. Para os devidos efeitos se publica que, por escritura de 11 de Outubro de 1934, exarada no cartório do notário do concelho da Feira, licenciado Roberto Vaz de Oliveira, no seu livro nº 94, s.º 22, foi transformada em sociedade por cotas de responsabilidade limitada a sociedade em nome colectivo que girava sob a firma Amorim & Nunes e tinha a sua sede na Ribeira da Venda, da freguesia de Argucilhe, concelho da Feira, ficando a reger-se pelo seguinte estatuto:

1.ª A sociedade adopta a firma Nunes & Castro, Limitada, e tem a sua sede e estabelecimento, que se denomina A Graciosa, no lugar da Ribeira da Venda, na freguesia de Argucilhe, do concelho da Feira, que será tido como domicilio da sociedade.

2.ª O objecto da sociedade é a exploração do comércio e industria de serração de madeiras e carpintaria mecânica, podendo também dedicar-se a qualquer outro ramo que a sua gerência julgar conveniente explorar.

3.ª É indeterminada a duração da sociedade.

4.ª O capital social é de 69.987\$, em conformidade com o actôrio e disposições legais applicáveis, sendo as seguintes as cotas dos sócios:

- Jaquim Neves Nunes, 20.745\$;
- António Ribeiro Nunes, 18.440\$;
- Vitorino Francisco de Castro, 19.302\$;
- Manuel André da Cunha, 202\$;
- J. Torres, Limitada, 150\$;
- Quintino de Castro, 82\$;
- Alexandre Ferreira, 48\$;
- Mário Santos, 294\$;
- Alfredo Soares Lima, 603\$;
- Eduardo Cândido Portugal, 613\$;
- António Moreira Nunes, 186\$;
- Manuel Francisco Ferreira, 365\$;
- Manuel Alves da Silva, 169\$;
- Rufino Ferreira Carneiro, 1.291\$;
- Carlos da Conceição, 155\$;
- Rufino Gomes de Almeida, 325\$;
- Manuel Alves da Silva, 175\$;
- Alberto Francisco Coelho, 28\$;
- António Pinto da Silva, 47\$;
- Manuel da Conceição, 366\$;
- Manuel de Freitas Baptista, 219\$;
- António Joaquim Ferreira de Almeida, 119\$;
- Daniel José Ferreira, 603\$;
- Rafael Francisco de Sousa, 264\$;
- Manuel Pinto de Oliveira, 305\$;

CIRCUNSCRIÇÃO INDETERMINADA
ENTRADA
4 de Novembro de 1935
335.º 54 N.º 6732

SOCIÉDADE DE PORCELANAS, LD.^a
Araraçua - COLUMÉRIA

E D I F Í C I O S D A S. P.

Número de Planta	D E S I G N A Ç ã O	Ano de Construção	Custo na Data da Construção	Custo da Reposição	Duração Previsível (anos)	VIM. ME. (anos)	VALOR FINAL	OBS.
SOCIAIS								
1618	Refeitório	1955	250.601\$20	279.000\$00	40	40	279.000\$00	
2625	Cochete	1959	476.661\$50	538.000\$00	40	40	538.000\$00	
3638	Centre Cultural	Desconhecido	Desconhecido	175.000\$00	5	40	21.875\$00	
4648	Posto Médico	1960	66.224\$90	72.000\$00	40	40	72.000\$00	
R 1	Alugada a Berardo	Desconhecido	Desconhecido	22.000\$00	15	40	8.250\$00	
R 2	" a Jeaquina	"	"	22.000\$00	15	40	8.250\$00	
R 3	" a M. Fernando	"	"	22.000\$00	15	40	8.250\$00	
R 4	" a Maria Nunes Alegrete	"	"	25.000\$00	10	40	6.250\$00	
R 5	Vago	"	"	25.000\$00	10	40	6.250\$00	
R 6	Alugada a Idalina	"	"	25.000\$00	10	40	6.250\$00	
				SOMA.....	1.202.000\$00		951.375\$00	

Muniz

FÁBRICA, 29 de Novembro de 1962
/Fc.

Documento das datas edifícios da Sociedade de Porcelanas, Dossier nº3

Sociedade de Porcelanas, escrito na década de 1960

111

SOCIÉDADÉ DE PORCELANAS, L.D.^a
ARRECA - COMBÉ

E D I F I C I O S A S.P.A.
F A B R I C A

Número de Planta	D E S I G N A Ç Ã O	Ano de Construção	Custo na Data da Construção	Custo de Reposição	VIDA MÉDIA (anos)			VALOR FINAL	OBS:
					PREVISTA	b	c		
1	Bloco Principal Norte	1924	Desconhecido	2.506.000\$00	40	40	40	2.506.000\$00	
2	Bloco Principal Sul	1924	idem	6.519.000\$00	40	40	40	6.519.000\$00	
2 A	Escolha de Gazetas - Limpeza de Caixa	1927	"	53.000\$00	10	40	40	13.000\$00	
2 B	Oficina de Refractários	1927	"	67.000\$00	10	40	40	16.750\$00	
2 C	Mufles	1948	"	27.000\$00	25	40	40	16.875\$00	
2 D	Edifício do Forno	1949	"	252.000\$00	40	40	40	252.000\$00	
3	Embalagem	1924	"	166.000\$00	40	40	40	166.000\$00	
4	Posto de Transformação	1944	"	90.000\$00	40	40	40	90.000\$00	
5	Escritórios	1943	"	188.000\$00	10	40	40	47.000\$00	
6	Lavagem de Caolino	1924	"	42.000\$00	10	40	40	10.500\$00	
8	Garagem	1927	"	35.000\$00	10	40	40	8.750\$00	
12	Dormitório dos Guardas	1955	"	3.000\$00	35	40	40	2.475\$00	
13	" dos Fomeiros	1962	"	12.000\$00	40	40	40	12.000\$00	
15	Bomba de Captação de Águas	1958	"	3.600\$00	20	40	40	1.800\$00	
20	Lavagem de Panos de Filtros	1960	"	4.000\$00	10	40	40	1.000\$00	
T O T A I S				9.567.600\$00				9.263.150\$00	

FÁBRICA, 29 de Novembro de 1962
/FC.

M. S. C.

Documento das datas edifícios da Sociedade de Porcelanas, Dossier nº3

Sociedade de Porcelanas, escrito na década de 1960

SOCIÉDADÉ DE PORCELANAS, ED.ª
ARRIBA - COIMBRA

E D I F Í C I O S D A S.ª

Número da Planta	D E S I G N A Ç Ã O	Ano de Construção	Custo na Data da Construção	Custo de Reposição		Vida Média (anos)	Valor Final
				a	b		
7	Matérias Primas de Pasta	1927	Desconhecido	116.000\$00	10	40	29.000\$00
9	Matérias primas dos Refractários	1927	Idem	85.000\$00	5	40	6.875\$00
10	Idem	1944	"	40.000\$00	5	40	5.000\$00
11	Depósito de Infimáveis	1944	"	40.000\$00	30	40	3.000\$00
14	Tijolos Refractários	1954	"	21.000\$00	20	40	10.500\$00
16	Taras (depósito)	1955	"	8.400\$00	10	40	1.600\$00
17	Taras (depósito)	1955	"	4.200\$00	10	40	1.050\$00
18	Depósito de Refractários	1954	"	9.200\$00	10	40	2.300\$00
19	Taras (depósito)	1955	"	1.000\$00	5	40	125\$00
21	Lenhas	1961	50\$867\$70	78.300\$00	30	40	88.725\$00
				SOMA.....	371.100\$00		118.175\$00

M. S. S. S.

FÁBRICA, 29 de Novembro de 1962
/FC.

Documento das datas edifícios da Sociedade de Porcelanas, Dossier nº3

Sociedade de Porcelanas, escrito na década de 1960

MEMÓRIA DESCRITIVA



134
136

1) - Processo de Fabrico

As matérias primas (caolinos, feldspatos e quartzos) são moídos em moinhos tipo alsingue. Após depuração realizada em peneiro vibrante com malha fina (10.000 malhas/cm²) a pasta em estado líquido é prensada em filtro prensa e transformada em estado pastoso. Depois, uma parte é utilizada no estado plástico em fabrico de pratos e chávenas (contramoldagem), onde são utilizadas máquinas automáticas e manuais, e outra no fabrico de peças ocas, depois de desfloculada e mantida em suspensão por meio de electrolitos do tipo turpinal, Darvan, etc. (lambugem).

Em ambos os processos (pastoso e líquido) as formas são de gesso especial para cerâmica, confeccionadas na própria Fábrica.

A seguir, as peças convenientemente secas e acabadas são submetidas à cocedura a 900º C, chamada Chacotagem. Esta operação destina-se a eliminar a água de constituição e possibilitar a imersão no vidro líquido.

Este vidro também é confeccionado na Fábrica e é constituído por feldspato, caolino, quartzo, calcite e dolomite.

A louça vidrada entra no forno túnel e passa uma temperatura de 1.300º C. Esta louça em branco é decorada por filagem, decalques e máquina automática de estampar.

Há 2 tipos de decorações:

1º - Decoração em mufla na qual a louça é submetida a uma temperatura de 800-900º C

2º - Decoração no novo forno rápido, a 1.300º C, em que a tinta é integrada no vidro e que lhe confere total resistência à abrasão e aos detergentes usados em todas as máquinas (industriais e domésticas).

Este processo garante a total ausência de sais nocivos à saúde.

Os combustíveis usados são os seguintes:

- Electricidade para a mufla
- Gás Butano para os fornos de chacotagem, túnel e rápido

2) - Matérias Primas

Cerca de 1.200 Tons. anuais das quais 45% de caolinos, 30% de feldspatos, 20% de quartzos e os restantes calcite e dolomite.

Todas estas matérias primas são de origem nacional e a sua qualidade é controlada em laboratório próprio da Fábrica.

Os corantes e vernizes líquidos são de origem estrangeira e os decalques são feitos em Portugal.

Todos estes materiais são isentos de chumbo e cádmio.

Processo de fabrico, DREC

Sociedade de Porcelanas, 1982



Fabrico e acabamento de louça



Preparação de louça para entrada nos fornos



Junto aos fornos contínuos



Desidratação manual

Inquérito, DREC

Sociedade de Porcelanas, década de 1980

A Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra

01 Designação

“Fábrica do Lagar” em 1867, “Fábrica da Isabelinha” nos inícios do século XX, “Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra” atualmente.

O estabelecimento foi também conhecido por “*Fabrica da Isabelinha*”, em homenagem a Isabel de Oliveira, filha dos donos da fábrica já no início do século XIX ou ainda por “Fábrica do Lagar” em 1867, ano onde se verificam as primeiras duas escrituras de arrendamento da firma. ¹ Sendo que a oficina foi passando de mão em mão até finais do século XIX.

02 Tipologia

Oficina de Cerâmica.

03 Utilização inicial

Inicialmente há registo, nos arquivos da universidade (processos industriais do governo civil), do edifício ter sido um lagar de azeite.

04 Utilização actual

A oficina encontra-se agora parada por falta de encomendas, mas apta ao fabrico. Como forma de remediar situação encontra-se um projeto em curso que propõe que esta seja reabilitada para uma unidade industrial (oficinal) integrada com um museu, ateliê, loja e cafetaria.

05 Enquadramento urbano

Terreiro da Erva, Largo do Prior, nº2/4, Santa Cruz. Situada na Rua Direita, nº 103, é delimitada ainda pela travessa do Adro de Santa Justa a Norte e a Sul com Joaquim Preces Diniz. **(p.327 357)**

06 Arquitecto ou Construtor

Desconhecido. Não existem registos.

07 Proprietários

Sabe-se que a oficina reabre em 1915 sobre a tutela de António Cardoso de Carvalho. Eduardo Bebiano Correia (sócio gerente) e Luísa Bebiano Correia são netos da proprietária do estabelecimento

1 A.U.C. _ *Tabelião António de Pádua e Oliveira e António Maria de Oliveira, Livro nº48, 1867, p.75v & 76v*

desde 1965 que na altura comprou a oficina com mais duas amigas em sociedade. A oficina foi passando de pais para filhos e encontra-se agora a cargo dos netos. **(p.359 361 363)**

08 Cronologia

Pensa-se que terá aberto nos finais do século XVIII, sendo que atravessou alguns períodos de fecho. Em 2009 parou de produzir.

A “cerâmica antiga” situava-se, num antigo lagar de frades, há pouco mais de 230 anos. ² *“Ligado á sua origem estaria um proprietário, cujo nome não nos foi possível averiguar, a quem teria pertencido uma fábrica de louça de barro vermelho na Rua João Cabreira. Estando interessado em montar uma fábrica de louça fina, tê-lo ia feito no mesmo local da Rua Direita onde se situa hoje a referida fábrica.”*³

É provável que a oficina tenha encerrado no intervalo entre 1905 e 1914, sendo que reabre em 1915. ⁴

Em 1965, a fábrica corria risco de encerrar as portas, e era discutida a sua importância como fábrica típica coimbrense. A população indignada para com o seu encerramento, lamentando que não se tomassem iniciativas de cariz bairristas para sua produção, comentava o Diário de Coimbra, no dia 8 de Janeiro do respetivo ano, um grupo de particulares (já referido anteriormente) adquiriu a oficina e todos os seus bens móveis, registo num alvará de 17 de Abril de 65, com a intenção de continuar a exploração, e assim se constituía a Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Lda. ⁵

09 Breve Contexto histórico

O Terreiro da Erva, situado próximo de algumas das artérias da Baixa (Rua Larga e Avenida da Madalena), era sítio de onde se produzia a partir dos finais do século XVI faiança. ⁶ Porém já se encontravam a laborar no século XII, algumas oficinas e sabe-se que numa primeira

2 MENDES, José Maria Amado Mendes _ Comissão de Coordenação da Região Centro, A Cerâmica em Coimbra, Ministério da Administração Interna, Coimbra 1982, p.35

3 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.10

4 AUC Governo Civil _ Licenças para estabelecimentos industriais 1915, Processo nº 99

5 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.15

6 FERREIRA, Manuela Almeida _ Trouvailles céramiques du Terreiro da Erva (Coimbra- Portugal), 2003, p.759

fase, produziu peças inspiradas na cultura oriental, nomeadamente chinesa. O que contrastava com os modos de saber fazer portugueses, criando peças únicas, “aos tons de azul sobre pasta branca ou acinzentada” reconhecidas em todo o mundo.⁷

Os seguintes séculos (XVII e XVIII), foram marcados por duas importantes figuras. Manuel da Costa Brioso que foi fundador de uma fábrica de faianças em Coimbra, datando de 1779 a sua primeira peça assinada, e pelo professor universitário de origem italiana, Domingos Vandelli, que foi proprietário de uma fábrica de louça no Rossio de Santa Clara. Com grande impacto na indústria cerâmica nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, os seus fabricos ficaram conhecidos como louça de Vandelles.

Neste ambiente, a baixa da cidade ganhava um bairro apenas explorado por oleiros tendo inclusive ganho essa designação o cais onde atracavam as barcas que exportavam as faianças.⁷ Neste período fértil do século XVIII, laboravam 17 fábricas destinadas a essa produção, sendo que contudo o número decrescia, para 14, a partir do arranque do século próximo. E em 1886, há registo de 11 fábricas de louça que já se começavam a confrontar com a grande indústria e o aparecimento da porcelana.⁸

Em 1914 e 1915, aparecem registos num requerimento em que António Cardoso de Carvalho pretende uma licença para reabertura e funcionamento da fábrica em estudo, depois de um provável período de fecho do estabelecimento. Foi aceite o pedido mas esta já encontrava sujeita á legislação referente aos edifícios insalubres e incómodos (referida nos capítulos anteriores), sendo que se apontavam o excesso de fumo que produzia e o perigo de provocar incêndios pela acumulação de combustão.⁹ Pelos pedidos de reabertura e as medidas de legislação referidos, podemos afirmar que, não será por acaso que se tenha realizado e aprovado a planta de 1915 estando estes eventos relacionados.

A fábrica sobreviveu às grandes pressões das indústrias de calibre maior, de porcelanas, atravessando assim o século XIX, apesar da mudança sucessiva de gerentes, sendo que foi de fato a única sobrevivente a esta concorrência cerrada. Não será alheio a mudança e adaptação da produção do estabelecimento que, em 1928 terá começado a fabricar para além de loiça domestica, faiança decorativa.⁹

7 SOCIEDADE DE CERÂMICA ANTIGA de Coimbra Lda, Coimbra Editora, 1966

8 NEVES E MELLO, *Adelino António das* _ Apontamentos para a História da Cerâmica em Coimbra, Portugália Editora 1886, p.35

Buscas foram feitas nos solos do Terreiro á procura de vestígios de fabrico e peças, sendo que se acharam peças defeituosas devido a má cozedura ou ornamentação. Outras peças foram encontradas tendo passado apenas por uma cozedura, sem serem vidradas e pintadas, sendo que por isso se pensam ter existido nas imediações da oficina, depósitos a céu livre e outros fornos.¹⁰

10 Organização espacial e funcional do edificado

A área de implantação atual é de 340 metros quadrados, a área bruta de 557 metros quadrados e a área útil de 427, sensivelmente.¹¹

O estabelecimento tem fachadas na Rua direita e no Terreiro da Erva, sendo que o principal alçado é o nascente que dá para o Terreiro. **(p.339 341 343)** Se compararmos a planta atual com a planta elaborada em 1915 observamos que alguns vãos foram acrescentados. O outro alçado virado para o Terreiro da Erva é de empena cega devido a terem existido outrora habitações anexadas a este. **(p. 327)**

O rés-do-chão é composto por um grande espaço onde trabalham os oleiros, e uma sala destinada aos escritórios e burocracias, sensivelmente na mesma configuração de 1915. Os fornos de cozedura e seus depósitos de lenha, bem como o pisão também se situam neste piso, embora se encontrem inativos desde a década de 70. Sendo que existe numa outra divisão um forno elétrico destinado á atual cozedura das peças precisamente da década de 70.¹² Através de uma velha escada em madeira se acede á camara de cozedura, **(p. 335 345 353 355)** e a duas salas, uma de acabamento das peças (pintura e vidrado) e a outra de armazenamento do produto finalizado. **(p. 337 351 353)** Na planta de 1915, observa-se um poço central na planta do edifício e “fontes orais confirmam-no, mas ele já há muito que foi tapado”¹³, fonte de água essencial para a produção da faiança, desde o amassamento

9 MENDES, José Maria Amado _ A Cerâmica em Coimbra, Ministério da Administração Interna, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra 1982, p.36

10 FERREIRA, Manuela Almeida _ Trouvailles céramiques du Terreiro da Erva (Coimbra- Portugal), 2003, p.759

11 ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*, p.17

12 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.18

13 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.19

do barro, até á higiene dos operários que assim podiam lavar as mãos depois das tarefas. Há registo ainda de um poço na Rua do Adro de Santa Justa, com cerca de 5 metros de profundidade e da existência de dois enormes tanques, num *“quintal com telheiros e barreiros junto á fábrica”* onde se colocava o barro sobre forma de calda, depois de passar por um primeiro processo de amassamento noutra tanque agora desfeito. ¹⁴

Nesta altura aparecem ainda anexos na Rua do Adro de Santa Justa, pertencentes às oficinas, e já se encontram registados num documento de 1896, que consistia num inventário orfanológico feito pelo filho mais velho do dono da época, de todos os bens da fábrica. ¹⁵ O filho, Afonso Augusto Pessoa encontrar-se-ia a cargo do edifício por alguns anos, sendo que é provável que a fábrica tenha fechado entre o período de 1905 e 1914. ¹⁶

Um documento da primeira repartição industrial de 1944, referente às indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aponta algumas condições do funcionamento para a oficina, dos quais nos fazem entender melhor a organização interna do edifício. Com isto a chaminé devia ser pelo menos um metro mais alta que o espigão do telhado mais elevado, o depósito de lenha devia respeitar uma distância de segurança ao forno, um monte de areia se situava perto do forno, pronto a ser usado, para prevenção de fogos. As instalações deviam ser devidamente ventiladas e o estabelecimento de pintura deveria ser munida de lavatórios, e a oficina de retretes em *“boas condições”*. Ver documentos anexos para mais detalhada informação. (p. 365 367)

“A última grande intervenção no Edifício data dos anos 40, quando se ergueu o telhado respeitante ao alçado Poente, onde funciona actualmente a sala dos pintores. Nessa altura, apropriou-se o Piso 1, colocaram-se lanternins e fez-se um ensoleiramento parcial do Piso Térreo, acima da cota de rua como prevenção às cheias, instalando-se a administração. Não se terá modificado a zona da olaria, uma vez que era desejável manter as condições de temperatura e humidade que possuía.” ¹⁷

14 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.19

15 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.11

16 MENDES, José Maria Amado Mendes_ Comissão de Coordenação da Região Centro, A Cerâmica em Coimbra, Ministério da Administração Interna, Coimbra 1982, p.35

17 ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva, p.8*

Pelas informações do início do século XX e anteriores se pode concluir que a organização interior do espaço em muito foi condicionada pelos fornos, o poço e o tanque de barro, hoje tapados ou inativos. Estes eram os equipamentos chaves do fabrico. O processo de preparação e amassamento do barro fazia-se no exterior (atualmente o processo é mais simples pois o barro vem já preparado a ser moldado), a moldagem e mufla (cozedura) no rés-do-chão, e os acabamentos (vidragem e pintura) no piso superior. Esta era a divisão interna de tarefas ao que o edifício tinha que responder.

11 Caracterização arquitetónica

A morfologia do edifício é atípica e consiste num trapézio irregular. Não é contudo fruto do acaso o traçado, pois o próprio sítio (Terreiro da Erva) foi caracterizado por uma evolução muito particular, sobretudo ao longo do século XIX, pelo que as instalações se foram acomodando através de acrescentos e remodelações espaciais. Ver os desenhos da evolução da oficina no tecido urbano. **(p. 331 333)**

As grossas paredes externas em pedra e os pequenos vãos contrastam com a estrutura interna de vigas e vigotas entrecruzadas em madeira - grosseira mas relativamente regrada e muito remendada.

Os vãos do estabelecimento a nível térreo são muito baixos, devido aos sucessivos ensoleiramentos efetuados no Terreiro da Erva e Rua Direita para prevenir das cheias frequentes de outrora ou ainda para acolher o mercado de materiais de construção e estacionamento de carruagens nos finais do século XIX, como já apontado nos capítulos anteriores. Ainda por este motivo a oficina apresenta a cota do seu pavimento interior cerca de 70 centímetros abaixo da cota da rua.

O desenho da cobertura é complexo e coberto por telha de canudo e varias claraboias de proporções e formas várias. **(p. 337 351 353)**

12 Bens móveis e processos de fabrico

A oficina foi dotada primeiro de instrumentos e ferramentas várias, e depois de máquinas para assim permitir os vários circuitos de fabrico inerente á cerâmica.

Numa das primeiras escrituras de arrendamento dá fábrica do Lagar, em 1867, fazia-se um inventário dos seus bens móveis com vista á mudança de proprietários. Dos quais destacam os seguintes: um moinho de moer tintas, dois moinhos de boi, com ferragem e pedras, quatro rodas de trabalhar, quatro fornilhos, quatro tintões

de vidro ou para vidrar, uma chumbadeira, um malho de frisar o vidro, entre outros sendo que ainda refere a loiça presente no estabelecimento na época, nomeadamente tigelas, chicanas, pratos e meios- pratos.¹⁸

Mais ainda, num documento de 1946, da Circunscção Industrial, pode-se ler o seguinte: *“(...) pois é o que resta da afamada indústria cerâmica regional, trabalhando ainda por processos rudimentares. Os vestígios da antiguidade encontram-se no próprio moinho de galgas, para moer vidro, que era acionado por um animal, depois por um motor “Lister” de 6 C.V. nº 132, vistoriado em 13/5/1924, e por fim posto de parte para ser substituído por um cilindro accionado por um motor eléctrico de 5 C.V.”*¹⁹

Atualmente o equipamento oficial é composto por um forno elétrico, dois fornos a lenha inativos, um de enchacota e outro de vidrado, um moinho para moer o vidro, já em desuso; um motor de 5 C.V. que faz acionar três rodas de oleiro, que substituíram as tradicionais. Uma mesa onde o barro é amassado, e de três pequenas rodas para acabamento de peças, e um pequeno utensílio em madeira, a fieira, para elaboração de pequenas peças, como pegas para chávenas.²⁰

O barro era amassado por um operário com uma enxada até ficar homogénea em tanques de cerca de um metro escavado em terra variando a largura e comprimento entre três a quatro metros, sendo que as paredes laterais eram feitas de tijolo. Daí o barro é passado para outro tanque, sendo peneirado antes, onde ficava a secar ao ar livre durante cerca de três a quatro meses. As argilas mais grossas e pesadas ficam depositadas no fundo (servindo para a faiança mais ordinária), e as argilas mais finas depositam-se à superfície e são destinadas à loiça mais cuidada. São ainda pisadas uma última vez, para o barro ficar pronto a ser cozido.²¹

A localização do forno no estabelecimento condicionava condutas de ar para boa ventilação, a disposição da chaminé, mas também o depósito de madeira armazenada e da areia fina e seca, usada no caso de haver incêndio. É muito provável que remontem ao século

18 A.U.C. _ *Tabelião António de Pádua e Oliveira e António Maria de Oliveira, Livro nº48, 1867, p.75v & 76v*

19 MENDES, José Maria Amado Mendes _ Comissão de Coordenação da Região Centro, *A Cerâmica em Coimbra*, Ministério da Administração Interna, Coimbra 1982, p.35

20 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ *Sociedade cerâmica antiga de Coimbra*, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.24

21 AUC Governo Civil _ *Licenças para estabelecimentos industriais 1915*, Processo nº 99

XVIII, e que o forno maior seja o mais antigo, “utilizado para a cozedura do vidro”.²²

Estes fornos apresentam um traçado semelhante aos que são apresentados por Charles Lepierre, na publicação: “*Estudo Chimico sobre cerâmica Portuguesa Moderna*”, afirmando que estes tinham tradição francesa ou italiana embora simplificados. É descrito desta forma :²³ (p. 329)

“Como se vê pelos cortes AB e CD o forno tem uma só camara quadrada, cujo lado tem 2, 90 m a 3 metros por 2.15m de alto; a fornalha inferior é abobadada; a porta O serve para introdução de lenha. O representa a abertura do cinzeiro. Os produtos de combustão seguem a direção das flechas passando pelos orifícios do pavimento da camara, saindo pela chaminé C, que em vez de estar no eixo do forno, isto é na parte superior da camara (como se dá na maioria dos fornos de louça), está colocada na frente. Este forno carrega-se e funciona da seguinte forma: o operário, penetrando debaixo da chaminé pela abóbada D, dispõe as peças para cozer, em casetas ou não, no interior da camara, dentro da qual se introduz por meio da porta P’, cuja largura é de um metro; o vão da porta e a frontaria da camara (1,5m de altura, 1 metro de largura, 1 metro de profundidade), são também guarnecidos com louça, até à linha PR, já debaixo da chaminé.

Obstrui-se a entrada do forno por meio de largos tijolos, reunidos entre si com argila, de maneira a formar um muro PR de uns dez centímetros de espessura. Os produtos de combustão, depois de atravessarem os orifícios do pavimento e se terem refletido nas paredes do forno por meio de largos tijolos, dirigem-se para a chaminé, saindo da camara pela parte superior S. Tal é o forno especial que se emprega em Coimbra em todas as fábricas.”²⁴

Contudo a produção desigual de calor destes fornos, a sua forma quadrangular e o próprio processo de tiragem, faz com que muitas peças saíssem defeituosas. A parede do forno era como já referido emparedada e aí a louça ficava o cozer em *chacota* até o oleiro achar ser necessário (era de fato preciso alguma experiência e conhecimento do ofício). Depois se picava a parede e se retiravam

22 LEPIERRE, Charles _ Estudo Chimico e Tecnológico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna, Lisboa Imprensa Nacional 1899, p.124

23 LEPIERRE, Charles _ Estudo Chimico e Tecnológico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna, Lisboa Imprensa Nacional 1899, p.125

24 LEPIERRE, Charles _ Estudo Chimico e Tecnológico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna, Lisboa Imprensa Nacional 1899, p.126

os objetos já cozidos. Um dos fornos da oficina em estudo ainda se encontra emparedado. O outro forno de dimensões mais pequenas, de oxidação, estava destinado á (segunda) cozedura do vidro (outra vez em casetas), que servia para tornar opaco o vidro, juntamente com a pintura decorativa. Nada apresenta de especial em relação aos demais fornos de outras fábricas, que também possuíam a mesma tipologia.²⁴ Ver álbum de fotografias no capítulo da documentação.

No que diz respeito ao fabrico do vidro, este constituído por um preparado de chumbo, estanho, areia de Mira, e ainda sal Marinho, devido a esta areia ser muito fina. O chumbo e estanho eram derretidos no seu respetivo forno e misturava-se a areia de seguida a este processo, passando para a caldeira do forno, durante dois ou três dias. De seguida se destinava ao pisão para aí ser reduzido a pó, a este se acrescentava água segundo necessário e destinava-se ao moinho durante dois dias. Atualmente este processo é muito mais rápido e simples, compra-se o pó já elaborado e acrescenta-se a água.²⁵

Passava-se assim de uma peça de louça preta e fosca para um objeto amarelado e, claro, vidro.²⁶ Este era o processo para a chamada (erradamente segundo Charles Lepierre) louça de Vandelli. Esta faiança que se demarcava pelo uso de argila fina e o seu vidro mais estanífero e opaco.²⁷

Contudo este era o meio utilizado para cozer a faiança de maior qualidade, pois se tratasse de louça Ratinha, mais grosseira, eram apenas cozidas umas sobre as outras. Esta faiança denominada Ratinha tinha ainda um outro tipo de fabrico mais económico e de menor qualidade, que consistia basicamente na aplicação do estanífero (substância vidrosa) sobre a peça crua apenas seca ao ar livre (processo que demorava cerca de 5 a 6 dias) e pintada em seguida para ser enfiada apenas uma vez.²⁷ Este processo de única cozedura remonta ao século XVI, como já se fazia em Itália.²⁸ Nos finais dos anos 70 estes fornos já não se encontravam em laboração e foram substituídos por uma mufla elétrica, sendo que foi adquirido para melhorar a produtividade, mas criou problemas de riscos de incêndio e de calor excessivo no estabelecimento.²⁹

25 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.38

26 LEPIERRE, Charles _ Estudo Chimico e Tecnológico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna, Lisboa Imprensa Nacional 1899, p.51

27 LEPIERRE, Charles _ Estudo Chimico e Tecnológico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna, Lisboa Imprensa Nacional 1899, p.122

28 NEVES E MELLO, Adelino António das _ *Apontamentos para a História da Cerâmica em Coimbra*, Portugália Editora 1886, p.21

A matéria-prima, o barro, necessário para o fabrico das peças cerâmicas provinha já desde 1897, dos locais de Quarto (Estação Velha), Póvoa e Sioga (Trouwemil). Sendo que este era amassado e trabalhado com água nas instalações da Rua do Adro de Santa Justa, que se encontra visível já na planta de 1915, e depois transportado para a fábrica, na capela do forno para ai evaporar o excesso de água, e ser novamente pisado.³⁰

Vários processos de fabrico das peças em si foram sendo utilizados, por vezes em simultâneo. O primeiro foi necessariamente o processo de moldagem pelas próprias mãos dos oleiros, através de rodas manuais tradicionais, sendo que estas rodas já não funcionam atualmente. Muitas louças foram feitas através do “*sistema de jaula*”, ideal para peças com eixo de revolução, com moldes de roda e contra- moldes. Outras são feitas através de um processo de barbotina, utilizando-se o barro na sua forma líquida para enchimento dos moldes de gesso tradicionais, processo este que se apresenta mais lento e dispendioso, pelo que é pouco utilizado. Por ultimo o processo chamado de “fazer lastras” consiste no ato de estender o barro sobre um molde em gesso para que ganhe a sua forma final.³¹

De registo ainda a bandeira dos oleiros de Coimbra, “*símbolo da antiga corporação, que tinha finalidades políticas, administrativas e mesmo religiosas. Como tal era colocada sobre a urna quando um oleiro falecia. Estava também sempre presente na procissão da festa em honra da Rainha Santa, como estandarte da corporação.*” *Encontra-se ainda, “um azulejo pendente sobre os tornos de moldagem do barro, representando as padroeiras dos oleiros, Santa Justa e Santa Rufina.”*³² Atualmente foi redesenhado um novo logotipo para a sociedade em fase de reabilitação.

13 Estado de Conservação

Extremamente degradado.

O reboco das paredes apresenta extremamente deficiente e irregular, as maciças paredes exteriores em pedra também apresentam certas zonas critica a serem remendadas, sobretudo

29 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.28

30 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.29

31 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.37

32 GREGÓRIO, Nidia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92, p.23

junto as cantarias. Os caixilhos são inexistentes ou em estado lamentável restando apenas a sua substituição. (p. 339 343)

A estrutura interna em madeira encontra-se também muito remendada por improvisos á medida que eram necessários. Os vãos horizontais curvam de forma exagerada, suportados literalmente por troncos de árvores antigos ou vigas mais recentes de madeira ou ainda suportes temporários metálicos compensarem esforços. (p. 347 349 351 353) Uma relativa regularização da estrutura parece necessária.

O telhado encontra-se por limpar e restaurar na zona em telha e por cobrir devidamente em zonas onde apenas tem chapas metálicas por cima das asnas de madeira. As caixilharias do telhado (claraboias) necessitam limpeza e restauro. Os fornos embora descativados, parecem ainda poder funcionar, embora se encontrem tapados provavelmente da última cozedura, necessitando apenas de uma limpeza. As instalações elétricas e sanitárias são muito elementares e necessitam revisão.

14 Projeto de reabilitação

Fábrica fiel ao processo antigo de fabricação de faianças, a pequena unidade fabril, que pertence a um conjunto mais extenso de unidades já extintas do século XVIII, constitui numa herança de família única de produção de faiança para os seus proprietários, ainda a funcionar no centro histórico de Coimbra. Esta oficina só não produz nos dias de hoje por falta de encomenda, pois ainda está operacional e com trabalhadores, capazes de transmitirem os seus saberes.

Como forma de recontextualizar e preservar este espólio arqueológico, mas também com vista a redinamizar a área do Terreiro da Erva, em 2003 surge um projecto de reabilitação. A oficina, deverá renascer como museu, fábrica, ateliê, loja e cafetaria. Uma casa das artes onde os operários se cruzam com turistas, de forma a fabricar peças contemporâneas com o cruzamento de um saber secular. Pretende-se um impulso turístico baseado na transformação do velho estabelecimento num polo dinamizador cultural de um vazio urbano (Terreiro da Erva) desqualificado e degradado.

O projecto prevê portanto inclusive a reabilitação do terreiro da erva nomeadamente no desenho dos pavimentos e elementos urbanos (esplanada, bancos) que ajudem a definir e tornar mais claro o espaço tão característico do Terreiro. (p.357)

O edifício propriamente dito é constituído de dois pisos será definido pela zona de produção já descrita (moldagem das peças, mufla e finição) acrescentando-lhe uma cafetaria, zona de exposição e ateliê de design e cerâmica sendo que *“a proposta procura manter as características próprias da natureza industrial do Edifício, pelo que, a solução passará sobretudo por obras de restauro, reparação e limpeza do existente.”*³³ As obras de limpeza e restauro característicos a este tipo de intervenção pelo que os trabalhos de picagem para assentar o novo reboco e consolidação estrutural serão as primeiras tarefas calendarizadas, e inclusive acompanhadas por um arqueólogo de forma a documentar e registar possíveis descobertas.³⁴

A volumetria do edifício bem como o desenho do telhado (de várias águas devido à configuração irregular da oficina) serão mantidas, assim como as paredes-mestras e caixas de escada. As paredes em alvenaria serão consolidadas nas suas secções e rebocadas com argamassas tradicionais à base de cal, acabadas à talocha, e as cantarias também serão limpas. O avançado estado de degradação das caixilharias impõe a sua substituição, até porque alguns vãos nem elementos de guarnição possuem. Assim o projeto opta pela adoção da tipologia existente na zona de pintura, nomeadamente caixilharia em ferro, para os vãos exteriores. O telhado será também ele será sujeito a obras de restauração e limpeza. A sua estrutura: telha de madeira em canudo suportada por ripas em madeira (com uma forra também em madeira a fazer de guarda pó), encontra-se suportada em asnas e vigas de madeira.³⁵

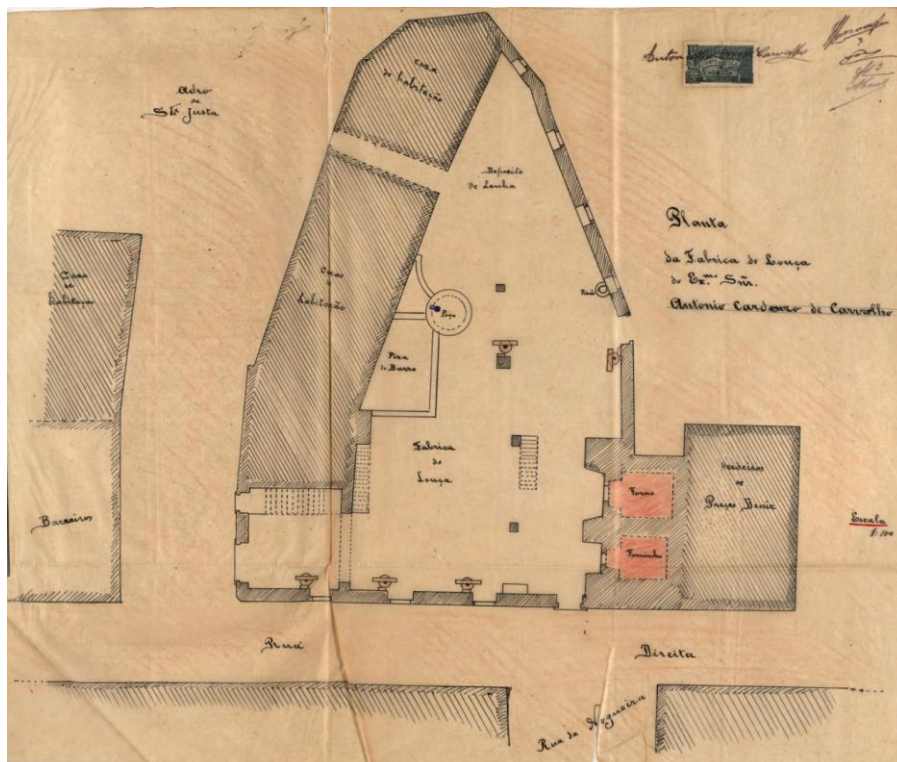
Um pequeno volume dentro do edifício onde estão integrados os programas sanitários e cozinha (salas de água), serve os espaços de lazer e trabalho propostos no piso térreo. Pequenos elementos como as guardas das escadas, o balcão, mesas e cadeiras serão colocados mas num registo minimalista. Ver projecto de reabilitação no capítulo seguinte.

33 ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva, p.8*

35 ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva, p.10*

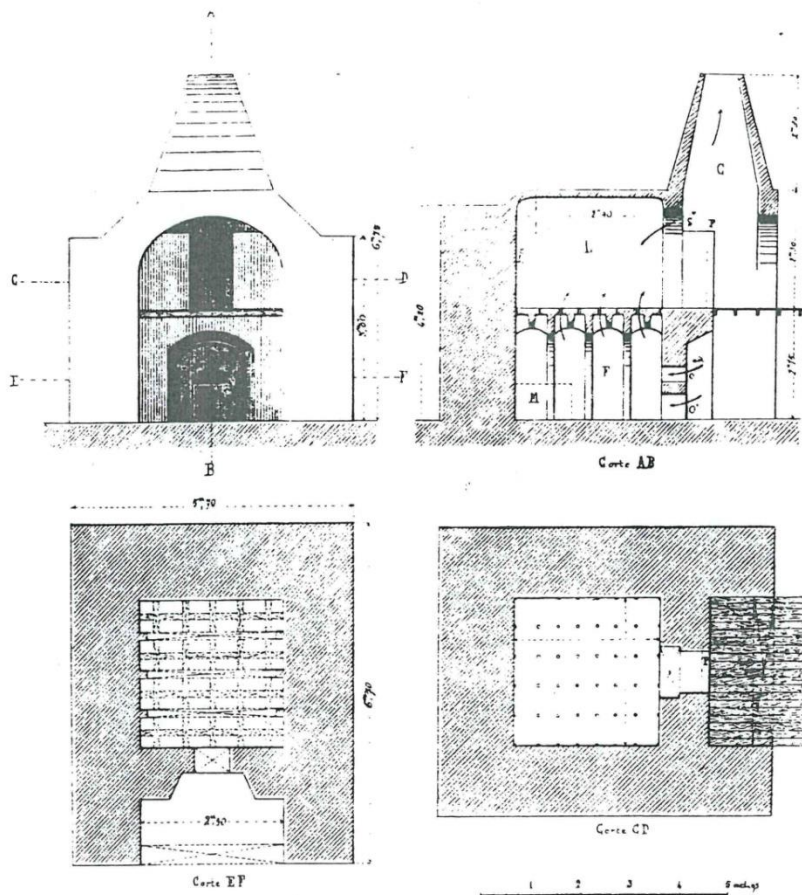
34 ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva, p.16*

15 Desenhos rigorosos



Fábrica de Cerâmica, Rua Direita, Adro de Santa Justa

Antônio Cardozo de Carvalho, 1915

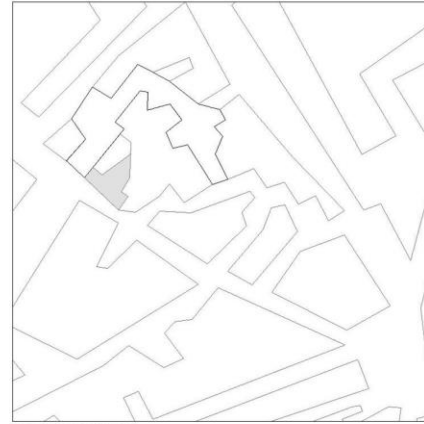


Forno típico de Coimbra

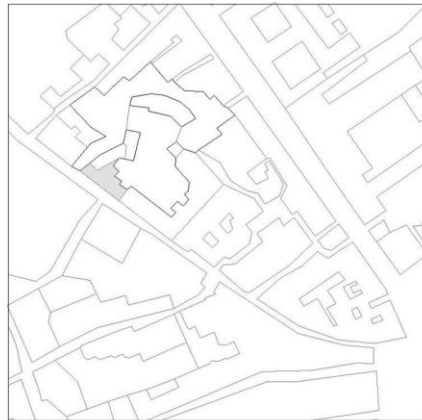
Charles Lepierre



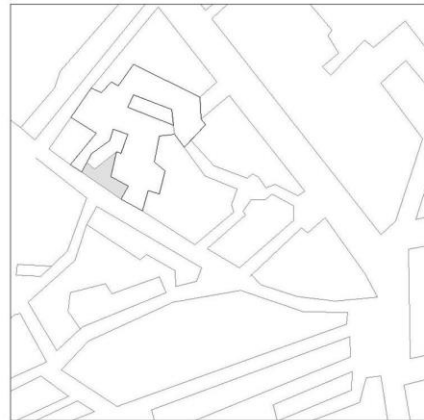
DATA : SÉC. XVIII
AUTOR : DESCONHECIDO
LIVRO : EVOLUÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DE COIMBRA



DATA : FIM DO SÉC. XVIII
AUTOR : DESCONHECIDO
LIVRO : EVOLUÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DE COIMBRA



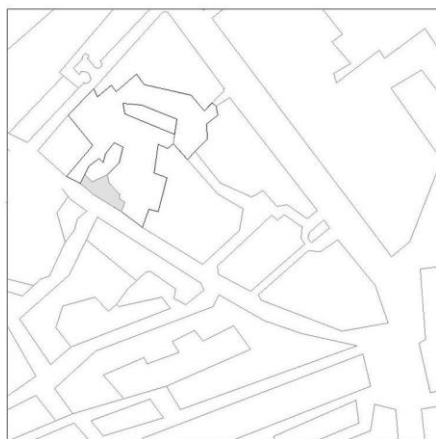
DATA : 1845
AUTOR : EDIÇÃO EMIÍLIO BAPTISTA
LIVRO : EVOLUÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DE COIMBRA



DATA : 1901
AUTOR : WAGNER & DEBES, LEIPZIG
LIVRO : EVOLUÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DE COIMBRA

Evolução da oficina no tecido urbano

Século XVIII e XIX



DATA : 1923
AUTOR : FORTUNATO DE ALMEIDA
LIVRO : EVOLUÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DE COIMBRA



DATA : 1945
AUTOR : REYNELDO DOS SANTOS
LIVRO : INVENTÁRIO DE COIMBRA



DATA : 1978
AUTOR : TECAFO
LIVRO : EVOLUÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DE COIMBRA



DATA : 1993
AUTOR : GEOMETRAL
LIVRO : EVOLUÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DE COIMBRA

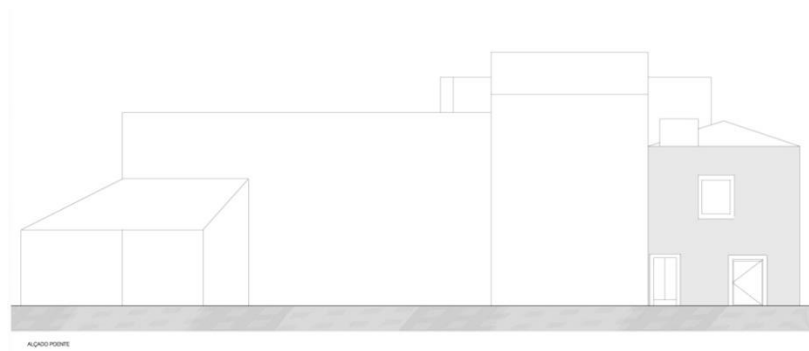
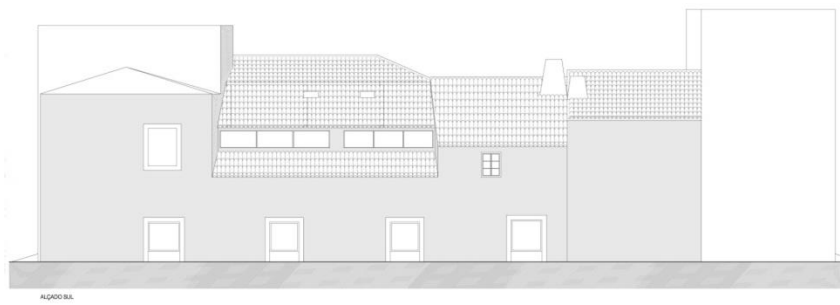
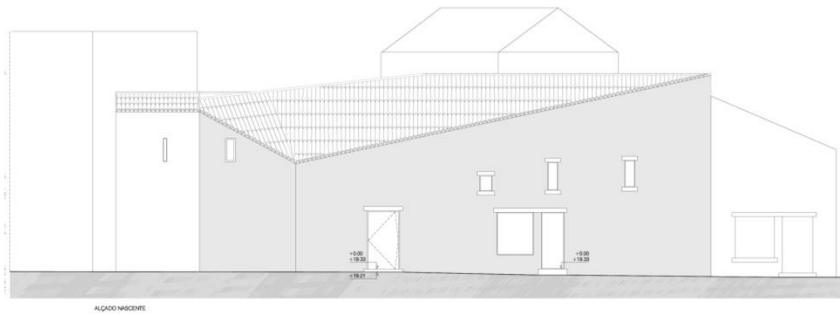
Evolução da oficina no tecido urbano

Século XX



Planta rés-do-chão e piso intermédio, respectivamente

Atelier do Corvo, Projecto de reabilitação



Alçados

Atelier do Corvo, Projecto de reabilitação

16 Fotografias



Terreiro da Erva, Adro de Santa Justa

Fábrica da Isabelinha, data desconhecida



Alçados

Fábrica da Isabelinha, atual



Interior da oficina, rés-do-chão

Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, atual



Interior da oficina, rés-do-chão

Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, atual



Interior da oficina, rés-do-chão

Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, atual



Interior da oficina, piso 1

Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, atual



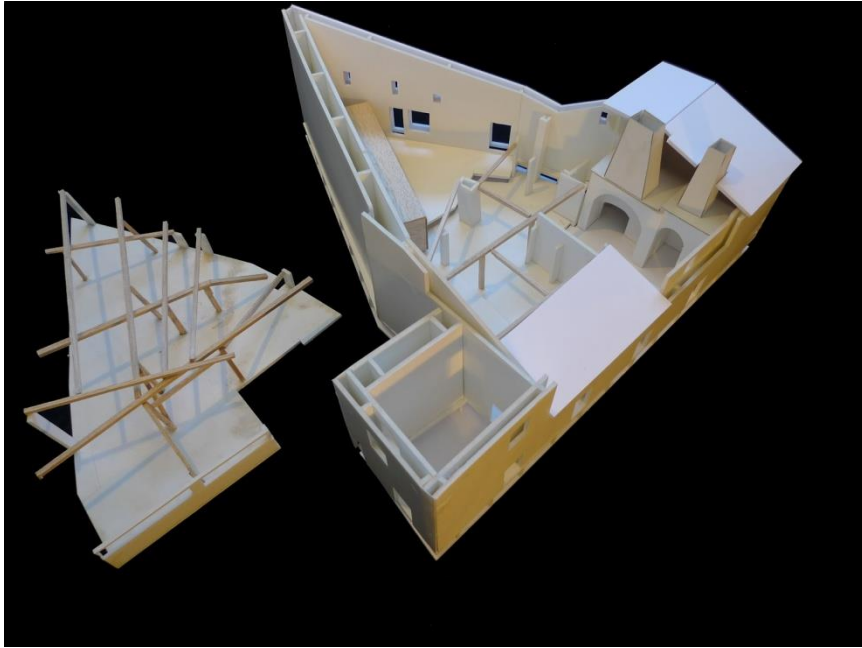
Interior da oficina, rés-do-chão

Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, atual



Interior da oficina, rés-do-chão

Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, atual



1 Maquete de estudo

2 Terreiro da Erva

Projeto de reabilitação

17 Documentação

DIÁRIO DE COIMBRA

JORNAL REPUBLICANO - ÓRGÃO DO MOVIMENTO REGIONALISTA DAS BEIRAS - ÚNICO DIÁRIO DO CENTRO DO PAÍS
Redacção, Administração e Oficinas — Rua da Sofia, n.º 179
Propriedade de «A TIPOGRÁFICA DAS BEIRAS, LIMITADA»
TELEFONES: XXXV, 6.ª febra, 1
PPC 2 linhas 25461 — Direcção: 25463

Malásia pedirá a assistência das Nações Unidas

de um ataque da Indonésia contra o seu território

(Nova Iorque) — A Malásia está a preparar a uma semana tabelecer uma posição externa activa, concentração de forças ao longo das e independentes.

Abdul Rahman, Primeiro Ministro da Malásia, interpretou a decisão tomada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, Subandono, afirmando em Djakarta que a retirada do seu país das Nações Unidas não significava qualquer alteração na posição intencional de ex-

PROGRAMA DA VISITA OFICIAL DO MINISTRO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA AO DISTRITO DE COIMBRA

Esta já elaborado o programa da visita oficial, durante quatro dias, do sr. ministro da Saúde e Assistência ao Distrito de Coimbra, na próxima semana.

O aludido programa, conforme nos foi fornecido pelo Governo Civil, é o seguinte:

DIA 13 — Quarta-feira — A's 9 horas, Hospitais da Universidade — Sessão de cumprimentos seguida da visita à parte central, Maternidade e Bloco de Celas; às 12 horas, Sessão de trabalho no Bloco de Celas; às 16, Refúgio da Rainha Santa Isabel; às 17, Delegação de Saúde; às 18, Dispensário do Instituto de Assistência à Família.

DIA 14 — Quinta-feira — A's 9:30 horas, Centro de Saúde e Assistência Materno-Infantil Dr. Bissaya Barreto; às 11, Instituto de Surdos-Mudos (inauguração); Colónia Portuária; às 18,30, Escola das e D. C. G.

DIA 15 — Sexta-feira — S.ª de Bruxelas, Beccinum, de 16, condenada a 36 são por furto de loja de Bruxelas. Foi delicta que tabelamento pa sua readaptação, não funcionava t

COM A ENTRADA DO ANO NOVO ENCERRARAM AS PORTAS da Fábrica de Cerâmica de Coimbra

A notícia chegou-nos ontem, e devemos dizer que a recebemos com a maior tristeza.

Fez a Fábrica de Cerâmica de Coimbra, mais conhecida pela «Fábrica da Isabelinha», onde se produziam modelos regionais de reconhecido valor artístico, modelos que despertavam o interesse geral, mas sobretudo o dos turistas, tal era a sua originalidade, entre as peças do género existentes por esse Mundo além.

A Fábrica de Cerâmica de Coimbra, pelas suas características, teve a simpatia aberta do Prof. Dr. Virgílio Correia, figura que tanto prestigiou a Universidade de Coimbra e foi ilustre director deste jornal. Mas não a teve apenas do referido catadrático, que tanto se interessou pelas modalidades ar-

po Conde
nas comemorações da Obra do Paços de Souzã participar dos Priados. Arcebispo-Bispo está ausente 18, inclusiv.

Imagem das aves

Robinson, o artista de desenho do século da ave-lira. longo estudo dos animais, a montanha visto de som ardendo um que desenha dando a fre-dectectá sub-no ouvido



TUDO PARECE INDIQUE QUE SE REACENDEU O DIFERENCIAL IDEOLÓGICO ENTRE O SINO E OS ALBANÊS

PARIS, 7 — O «Zeri I Popullit», órgão do Partido Comunista albanês, publicou um editorial, defendendo a tese de que os Partidos Comunistas europeus se tornaram o reduto do revisionismo e condenando os «revisionistas Kruchchevianos». Isto é, os sucessores de Kruchev. Os albaneses parecem querer antecipar-se aos seus amigos chineses, ao contrário de Pequim, que se tem absteído de ataques directos aos homens que substituíram Kruchev. Tithana proclama que «não se deve alimentar a menor ilusão quanto à actual direcção revisionista».

Albaneses estão em desacordo com os chineses, pode-se considerar a violenta diatribe de «Zeri I Popullit» como o recender da polémica, suspensa desde 15 de Outubro pelos dirigentes de Pequim.

Os argumentos albaneses não deixam de ter interesse. Entendem que

Socialistas e comunistas apresentarão uma lista conjunta às eleições municipais de Fevereiro

PARIS, 7 — O ano de 1965 vai ser um ano eleitoral para os franceses, que terão de eleger os Conselhos Municipais em 14 e 21 de Março, e o Presidente da República, em Dezembro. As federações do socialista e comunista

Dozentas policias para prenderem um cadastrado

LONDRES, 7 — Travou-se autêntica batalha campal, a noite passada, no tranqüilo bairro de Kensington, entre 200 agentes da Polícia ajudados por cães-lobos, e

IM DO DIA

Fábrica de Cerâmica de Coimbra

FIGUEIREDO - R. da Sofia, telefone 22837. MENASIL - Ao Calhabé, telefone 24110. MONTES CLAROS - R. Ant. José de Almeida, telef. 25904. TELEFONES DE URGENCIA Bombeiros Municipais... Hospitais da Universidade... Policia da Seguranca Publica... Policia Judiciaria... Servicos Municipalizados...

INSTITUTO GEOFISICO Pressão atmosférica... Direção do Vento... Velocidade do Vento... Humidade relativa... Tendência barométrica... Chuvia desde as 18 h. de ontem...

CAMBIOS Cotações em 7 de Janeiro de 1965. NOTAS ESTRANGEIRAS Compra Venda (s)

Table with exchange rates for various countries including Africa, Europe, and Asia. Columns include country, unit, and rates for purchase and sale.

ESPECTACULOS

(Continuação da 1.ª página) tísticas deste género. Muitas outras personalidades acompanharam com carinho as actividades dessa industria, que marcou preponderância na nossa região e soube conquistar diversos mercados.

ORDEM DOS ENGENHEIROS Secção Regional de Coimbra

Convocação

Nos termos do Art.º 21.º do Estatuto da ORDEM DOS ENGENHEIROS e ao abrigo do Art.º 25.º do mesmo Estatuto, convocamos a Assembleia Regional da ORDEM DOS ENGENHEIROS, para reunir na Sede desta, à Rua do Brasil, n.º 38, em Coimbra, no dia 30 de Janeiro, a fim de serem tratados os seguintes assuntos:

- a) Discussão e votação do Regulamento e Contas do Conselho Regional de 1964; b) Apreciação do Orçamento aprovado pelo Conselho Regional relativo a 1965; c) Eleição do Presidente da Assembleia Regional para o triénio de 1964/1966.

Esta Assembleia realizar-se-á de acordo com o estabelecimento no § 3.º do Art.º 25.º do Estatuto e do modo seguinte: às 16 e 17 horas, respectivamente, em primeira e segunda convocação a fim de tratar dos assuntos referidos nas alíneas a) e b); às 18 e 19 horas, respectivamente, em primeira e segunda convocação a fim de tratar do assunto referido na alínea c).

Coimbra, 7 de Janeiro de 1965. O vice-Presidente da Assembleia Regional, em exercício

a) José dos Reis Gonçalves (Eng.º Civil)

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Condeixa-a-Nova

Convocação da Assembleia Geral

Nos termos dos artigos trigésimo segundo e trigésimo quarto dos Estatutos desta Caixa, convocamos a Assembleia Geral Ordinária para o dia 22 (vinte e dois) de Janeiro do corrente ano de 1965, pelas onze horas, na sede da Caixa, sita na Avenida Visconde de Alverca, n.º

com o romper do novo ano, encerrou as suas portas. Cessou a laboração de uma industria que tinha certa projecção no País, e lugar de honra entre as suas congéneres - e pouquíssimas são já - existentes na região.

Ficaram sem trabalho alguns operários da especialidade, e desapareceu do nosso meio industrial uma unidade que podia considerar-se única na sua modalidade, e que até, no aspecto turístico, tinha valor e preponderância.

Dizem-nos que alguns dos operários que ali trabalhavam, pretendiam, por sua conta, manter a industria em laboração. Mas os encargos a suportar para tanto, assumem um volume que se não coaduna com as possibilidades financeiras dos mesmos. Parece que o assunto chegou a ser exposto à Fundação Calouste Gulbenkian, todavia sem qualquer resultado, atento o facto de se não encontrar dentro da programação da instituição referida.

De modo que estamos na iminência de ver desaparecer para sempre uma industria tipicamente combricense, da qual saíram magníficas peças de cerâmica com um cunho inconfundível, que se encontram espalhadas, não só no País, como também em diversos pontos do Mundo.

E não haverá, em face disto, quem se interesse pelo caso, evitando-nos esta perda para a nossa cidade?

Não haverá quem dedique ao problema um pouco de atenção, procurando solucionar, numa atitude bairrista que teria o aplauso geral?

Agora que uma campanha se está a desenvolver no sentido de conseguirmos para Coimbra o lugar de relevo que lhe compete entre as demais cidades do País, excepção feita, claramente, a Lisboa e Porto, não podemos deixar de exprimir a nossa mágoa pelo que está a verificar-se, com a esperança de que alguém apareça, tentando evitar a perda dessa unidade fabril, por meio do auxílio prestado aos que ali trabalhavam e se encontram na disposição de continuar a fazê-lo, desde que lhes seja concedido apoio.

Em Pereira do Campo realiza-se no domingo um Cortejo de Oferendas

No próximo domingo, dia 10, pelas 13 horas, realiza-se na freguesia de Pereira do Campo, um Cortejo de Oferendas que reverterá a favor da Misericórdia de Montemor-o-Velho.

Para além da cruzada humanitária de que o facto se vai revestir, o referido cortejo terá o maior interesse etnográfico, na medida em que se apresentará como uma parada de trajes e folclore da região.

MINISTÉRIO DO COMÉRCIO E COMUNICAÇÕES
 DIRECCÃO GERAL DAS INDÚSTRIAS
 1.ª REPARTIÇÃO INDUSTRIAL

Indústrias insalubres,
 incómodas, perigosas ou tóxicas

AVERBADO EM NOME DE Alvará de Alfredo de Oliveira 2.ª Classe Sociedade Cerâmica Antiga de Coimbra
 COIMBRA 17 DE ABRIL DE 1961
 ENGENHEIRO CHEFE DA 1.ª CIRCUNSCRIÇÃO INDUSTRIAL
 ALVARÁ N.º 17:861
 João Duarte Henriques e Sáez

Faço saber como Ministro do Comércio e Comunicações, aos que este alvará virem, que, tendo-me sido presente o requerimento em que alvará para unificar que concedia licença a ALFREDO DE OLIVEIRA

pêde licença para explorar uma fabrica de louça

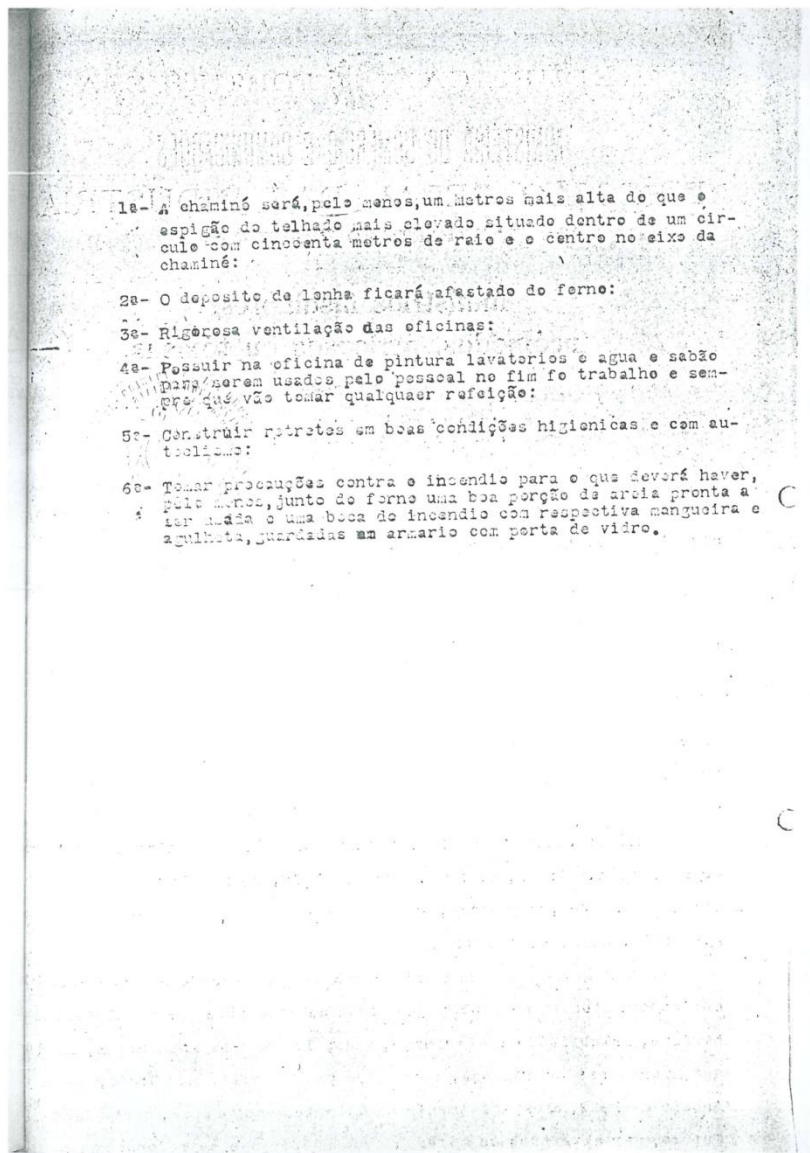
sito na Rua Direita nº30
 freguesia de Santa Cruz
 concelho Coimbra distrito Coimbra

Vistos os documentos do respectivo processo organizado nos termos do decreto n.º 4:351, de 29 de Maio de 1918, do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8:364, de 25 de Agosto de 1922:

Hei por bem ^{manter} conceder a referida licença, ficando o concessionário obrigado a atender na exploração todas as condições dos regulamentos da higiene, salubridade e segurança, e das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovados pelo decreto n.º 8:364, de 25 de Agosto de 1922, e especialmente às adiante mencionadas, que poderão, de futuro, ser alteradas ou acrescentadas desde que se reconheça que isso é necessário:

Alvará Fábrica de Cerâmica, A.U.C.

Alfredo de Oliveira, 1944



- 1a- A chaminé será, pelo menos, um metro mais alta do que o espigão do telhado mais elevado situado dentro de um círculo com cinquenta metros de raio e o centro no eixo da chaminé:
- 2a- O depósito de lenha ficará afastado do forno:
- 3c- Rigorosa ventilação das oficinas:
- 4a- Possuir na oficina de pintura lavatórios e água e sabão para serem usados pelo pessoal no fim do trabalho e sempre que vão tomar qualquer refeição:
- 5c- Construir retretes em boas condições higiénicas e com autoclismo:
- 6c- Tomar precauções contra o incendio para o que deverá haver, perto do forno, junto do forno uma boa porção de areia pronta a ser usada e uma boca de incendio com respectiva mangueira e agulheta, guardadas em armario com porta de vidro.

Alvará Fábrica de Cerâmica, A.U.C.

Alfredo de Oliveira, 1944

A Fábrica de Curtumes de Coimbra

01 Designação

Inicialmente denominou-se de firma Raposo, Amado, Godinho & Lda, sociedade por quotas de responsabilidade limitada e com capital social de 20 contos.¹

Posteriormente adquiriu a designação de Fábrica de Curtumes de Coimbra, Lda.

02 Utilização inicial

Fabrico de curtumes.

03 Utilização actual

Obsoleta, abandonada.

04 Enquadramento urbano

Ocupa uma área de cerca de 22000 m², entre a Casa do Sal e o Cemitério da Conchada, entre a mata adjacente das colinas e a densidade urbana de serviços, o comércio e os fluxos de trânsito acentuados da Baixa. **(p.399 401 405)**

A sua localização inicial deve-se á situação do vale, fora da concentração urbana, sendo que assim a fábrica poderia produzir sem incómodos para a cidade e possuía terrenos suficientemente grandes para a produção e expansão. A implantação do edifício, na intersecção da Rua da Figueira da Foz com a estrada do Vale de Coselhas, onde passava uma ribeira, não será um acaso. *“A sua localização estratégica a Norte da cidade deve-se em grande parte à existência de um matadouro local e à possível relação com um depósito de enxugadouro de peles verdes ou frescas em Montes Claros.”*²

A proximidade do Ramal de Coimbra beneficiava a empresa pelas comodidades de transporte, sobretudo no início do século XX para levar os produtos acabados para os respetivos locais de venda.³ De referir que em 1948, eram sinalizados à Câmara os prejuízos que os

1 DRE _ Processo2001788 (70) – IIIPT 2306 1916-01-03

2 MENDES, José Maria Amado _ A área económica de Coimbra, Estrutura e desenvolvimento industrial, 1867-1927, Comissão de coordenação da região centro, 1984

3 JORGE, Sara Isabel Antunes _ FCTUC Pólo Industrial Criativo, Reabilitação da Fábrica de Curtumes de Coimbra, 2013, p.101

aterros da Avenida Fernão de Magalhães causaram á conduta de água que abastecia desde o Choupal a fábrica de Curtumes. ⁴

A planta da década de 1910, o levantamento topográfico de 1938 e o documento da circunscção industrial de 1949 demonstram que a envolvente imediata era muito densa com um conjunto de barracões e armazéns fabris e que por isso esta era uma zona fabril muito movimentada como já foi referido nos capítulos anteriores. **(p.389 391 393)**

05 Arquitecto ou Construtor

Desconhecidos

06 Proprietários

Esteve a encargo da firma dos sócios Raposo, Amado e Godinho em 1913. Posteriormente registou-se uma escritura pública em nome de António Peres Correia Amado, José António Peres Amado e José Peres Amado, que eram os sócios gerentes, e ainda Maria de Jesus Amado Figueiredo Nunes, Carlos Manuel Amado Figueiredo Nunes, Maria da Conceição Amado Figueiredo Braga, Manuela Peres Amado Figueiredo Nunes como restantes sócios. ³

Transitou depois de falir, nos anos 90, por vários proprietários, sendo que foi inicialmente vendida em hasta pública. Posteriormente passou para duas empresas de construção. A empresa Construções Correia Marques Lda em 1995 e a empresa Urbanizações e construções E. C. Costa Lda em 1997. Estas firmas tentaram em suma urbanizar o respetivo lote com uma proposta de tabua rasa (felizmente recusado pela Câmara), propondo a construção de novos lotes de urbanização de serviços, comércio e essencialmente habitação, ou seja grandes prédios. Infelizmente chegaram-se a efetuar algumas demolições no conjunto edificado da fábrica, os quais se tornam visíveis pelas marcas deixadas pela estrutura nos edifícios sobreviventes. ⁵

Desde 2005 pertence á Finglobo, Sociedade imobiliária. ⁵

07 Cronologia

Laborava desde 1913, e as máquinas foram introduzidas em 1915. ² De considerável progresso nos anos 20, atingiu um certo grau de mecanização numa altura em que se importava muita maquinaria.

4 SILVA, Armando Carneiro da _ Anais do Município de Coimbra 1940-1959, Edição da Biblioteca Municipal 1981, p.150

5 JORGE, Sara Isabel Antunes _ FCTUC Pólo Industrial Criativo, Reabilitação da Fábrica de Curtumes de Coimbra, 2013, p.115

Esteve em funcionamento até a década de 90 do século passado, altura em que tinha 120 empregados.⁶

08 Breve Contexto histórico

Com a abertura da firma em 1913, Raposo Amado, Godinho & Ca Lda, que não era mais que um armazém e uma oficina de dimensões curtas, entrava-se pouco depois na fase industrial da curtimenta em Coimbra, que tem como auge de produção o caso de estudo em questão⁷, em detrimento da pequena indústria de carácter oficial da região.

Esta unidade industrial, que como muitas outras, surge através de uma empresa de sociedade familiar. Iniciou a sua produção por volta dos anos 15 do século passado, sobre a denominação já de Fabrica de Curtumes, e esteve em funcionamento durante 75 anos.⁸ Importa referir no entanto o contexto deste tipo de indústria nos arredores de Coimbra, pois de fato a produção artesanal situava-se na freguesia da Pocariça, devido sobretudo á falta de água que existia na sede do concelho, sendo que a Fábrica de Curtumes era a única nas suas dimensões na zona.

E consta que alguns operários da freguesia da Pocariça chegaram a deslocar-se para esta unidade industrial, contudo foi necessário importar mão-de-obra especializada que soubesse trabalhar com as máquinas modernas, assim há registo da vinda de um técnico do Porto, apto para tal função.

A fábrica de curtumes evolui muito nas suas mecânicas - foulon, martelo-pilão, maquina a vapor- mas também nos seus processos químicos. Coexistem material moderno – máquina eletrónica de medir peles, com célula fotelétrica- com outras dos finais do século XIX, início do século XX, de importância do ponto de vista da arqueologia industrial. Viu o seu capital aumentar abruptamente, fruto do seu desenvolvimento excepcional, mas também porque foi preciso investir na reconstrução e reparações devido a um incêndio que sofreu. Única do ramo, com esta escala em Coimbra.

Rapidamente se modernizou e acompanhou os progressos da época o que lhe deu nome e prestígio. A firma iria aprovisionar em 1949 as tropas portuguesas em sola para calçado e fardamentos sendo que teve de se ajustar para responder a tal encomenda. Documentos de 1949 da circunscrição industrial mostra o material da altura para a

6 MENDES, José Maria Amado _ A área económica de Coimbra, Estrutura e desenvolvimento industrial, 1867-1927, Comissão de coordenação da região centro, 1984

7 QUEIROS, Francisco José Pina _ UCFL Indústria de Curtumes: Fábrica de Curtumes de Coimbra, um exemplo, uma história, um património, p.15

8 JORGE, Sara Isabel Antunes _ FCTUC Pólo Industrial Criativo, Reabilitação da Fábrica de Curtumes de Coimbra, 2013, p.111

produção da grande encomenda para o exército já referida atrás bem como ajustes e acrescentos de instalações. **(p. 425 427 429)** Entre 1958 e 1960 a Fábrica de Curtumes de Coimbra foi escolhida mais uma vez num concurso pelo Exército Português para fornecer as solas durante a Guerra de Africa, sendo que para responder a tal demanda, as instalações tinham que se modernizar para acompanhar o nível e a quantidade da produção até aos anos 70/80.⁹

09 Organização espacial e funcional do edificado

A sobreposição de “*layers*” do conjunto demonstra as épocas e técnicas construtivas divergentes do conjunto. Através das plantas conseguidas nos processos do Ministério da Economia e Emprego em Lisboa, conseguem-se identificar-se as duas primeiras empreitadas. Na planta topográfica feita da fábrica, **(p.389)** observa-se que os dois edifícios existentes paralelos á rua da Figueira da Foz eram garagens pertencentes a terceiros. A fábrica e armazém são desta altura. A empena cega do alçado virado para o vale denuncia que era bem possível que já se previam acrescentos e expansão do conjunto fabril pelo vale. Esta planta apresenta a mesma formatação, material de suporte, e carimbo que as plantas dos Arquivos da Universidade de Coimbra, nomeadamente processos industriais do governo civil, onde estão anexadas as plantas de cada processo para iniciar sus respectivas laborações, portanto pode se assumir que esta é a primeira planta a ser feita para esta fábrica, e assim sendo será da década de 1910.

A fábrica ia acrescentando volumes á medida que a sua produção e sucesso evoluíam e tinha ainda que adaptar o que já existia construído às novas máquinas e seus condicionalismos, bem como aos novos meios de processo. Assim surgiam a casa das caldeiras e casa das máquinas, a sala dos descarnadores, bem como a icónica chaminé do conjunto, em 1938/39. Mais se sabe que as garagens terão sido adquiridas sensivelmente nesta altura, e ainda nesta planta se verifica já uma ligação entre a fábrica e a antiga garagem. **(p.391)**

Os três mais antigos edifícios, funcionavam dividido em dois pisos quanto á sua produção. O piso primeiro era denominado de via húmida onde se tratavam as peles através de diversos processos que despendiam muita água, enquanto o piso 2, chamado de via seca, estava destinada a processos de acabamento e secagens.⁹

9 JORGE, Sara Isabel Antunes _ FCTUC Pólo Industrial Criativo, Reabilitação da Fábrica de Curtumes de Coimbra, 2013, Anexo 2.1

As grandes e numerosas janelas estavam para a entrada de luz e ventilação quando era necessário para os processos de secagem. Havia ainda claraboias por cima da máquina de pintar devido á chaminé grande e a ventoinha desta que aspirava a tinta e assim tinha que expulsar ar para fora.

No edifício em L, estavam duas salas, a zona das caldeiras e a serralharia. No anexo mais afastado do conjunto, estavam duas divisões, numa o armazém de químicos necessários ao tratamento de peles e na outra, mais pequena, o refeitório para os operários. Este ultimo é uma construção mais recente pelo seu estado de conservação (bom) e por ter sido uma imposição feita a fábricas com mais de 50 trabalhadores nos anos 50 do século passado, como se verificou em processos industriais da direção regional de economia do Centro.

Os corpos germinados que tangenciavam a Rua da Figueira e a estrada de Coselhas eram dedicadas principalmente aos funcionários, onde estavam pequenas habitações, espaços de serviços e um posto médico, para além de uma pequena loja, dedicada á entrada dos clientes. Ainda de destaque os escritórios e dois grandes armazéns de químicos e o laboratório de controlo de qualidade. ⁹(p.395 397)

Nos pavilhões germinados estavam ainda localizados máquinas de serrar a seco para fazer camurças, por cima do armazém das peles em bruto. Pela perigosidade do processo de corte a seco, que acarretava risco de explosões e incêndios devido às misturas potencialmente explosivas e à armazenagem de pó, esta máquina estava situada isolada do complexo fabril propriamente dito.

Na nave maior encontravam-se estufas de secagem de solas, o martelo- pilão, os cilindros da sola e ainda um pequeno armazém destinado a peles com pequenos defeitos que depois podiam ser vendidos em saldo. No anexo que cercava a chaminé a Sul, existiam duas salas, uma de armazenagem e de expedição dos artigos curtidos ao crómio, enquanto a outra sala alojava a máquina de pintar e a máquina de cilindrar para efeitos de acabamentos. ¹⁰

No edifício maior alongado estão os tanques com as memórias da produção, também através das marcas de *foulons* ou de outras máquinas que emergiam do solo. Os *foulons* são grandes pipas redondas com movimentos de rotação, restituindo á pele toda a água que tinha perdido nos processos anteriores.

10 JORGE, Sara Isabel Antunes _ FCTUC Pólo Industrial Criativo, Reabilitação da Fábrica de Curtumes de Coimbra, 2013, p.111

O tanque situado entre o cemitério e a fábrica, num planalto a meia cota entre estes, servia para abastecer a fábrica de água, e tem as dimensões aproximadas de 30 x10 x2 metros de fundo. A água la armazenada provinha de um leito subterrâneo do Mondego, muito límpida. Com isto a firma desprezava as despesas do consumo de água dos serviços municipalizados, sendo que representava um corte significativo de despesas já os processos de curtumes de tamanha produção pedem enormes quantidades de água em quase todas as etapas do processo. ¹¹ (p.407)

10 Caracterização arquitetónica

O edifício fabril alongado tem fachadas marcadas pelas amplas aberturas para efeitos de ventilação no primeiro piso e vãos mais pequenos e alternados no rés-do-chão para iluminar a zona dos tanques da curtimenta. (p.403 411 413 421) O ritmo dos vãos dos dois outros edifícios perpendiculares a este deve-se a terem sido construídos em diferentes alturas e o que está anexado ao edifício alongado tinha vãos muito estreitos e alongados que apontavam para um espaço interno de duplo pé direito. A imponente fachada que o conjunto industrial mostra para a rua está no entanto correspondente ao modo de fazer fabril da época em Coimbra e apresenta-se relativamente tradicional no seu desenho apesar da sua escala.

As duas plantas mais antigas mostram que o corpo alongado não tinha pilares ou não foram desenhados nas duas plantas. O que aponta para que o sistema construtivo interno talvez tenha sido diferente do que la está agora. Poderá ter sido inicialmente em madeira na laje do primeiro piso, sendo que foi substituído por laje, vigas e pilares em betão posteriormente, possivelmente depois de um incêndio que destruiu parte das instalações.

A falta de desenhos e informação nos processos industriais da direção de economia sobre esta grande firma não permite concluir com certezas nenhuma opção. Se o sistema interno é de origem é de facto pioneiro estruturalmente tendo em conta a data de construção. (p.411 413) A estrutura de madeira do telhado, deste corpo alongado, era característico das oficinas da época do surgimento desta firma (o exemplo da Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra é esclarecedor), mas construído em grande escala. Os pequenos troncos (asnas) agarrados entre si por cordas, dão a entender que se pendurariam la peles para a secagem.

11 JORGE, Sara Isabel Antunes _ FCTUC Pólo Industrial Criativo, Reabilitação da Fábrica de Curtumes de Coimbra, 2013, Anexo 2.1

Como já se referiu, os dois edifícios perpendiculares são mais antigos e por isso com sistema construtivo divergente. O mais degradado apresenta ainda pilares em betão a suportar grossas vigas em madeira. O outro já tem primeiro pavimento em betão que foi acrescentado não se sabe o certo quando, pois os vãos da fachada eram rasgos muito altos e estreitos que foram alterados de forma desajeitada e divididos em dois. A diferença de cotas entre os dois primeiros pisos destes edifícios demonstra isso. (p.403 409 419)

O refeitório, a casa das caldeiras e das máquinas são instalações mais comuns e discretos contudo consolidam o conjunto industrial pela mesma lógica de desenho. A alta chaminé marca definitivamente o carácter do conjunto e da época fabril marcada pelo uso da energia por combustão.

11 Bens móveis e processos de fabrico

Sendo o fabrico de curtumes um processo particularmente complexo, e com muitas variáveis de produção, interessa esclarecer os métodos de produção desta firma já que naturalmente e claramente interferem nos modos de projeção da sua arquitetura. Mas resumindo a razão de ser deste conjunto de processos, estes tinham como função tornar o produto (peles) num estado em que já não pudesse apodrecer, para depois serem configuradas conforme os artigos a que se destinavam.

As peles chegavam em estado bruto, frescas ou passadas por um processo de conservação, salga, secagem ou tratamento misto eram os mais frequentes, caso tivesse que efetuar um transporte demorado. Davam entrada na fábrica pela Rua da Figueira da Foz. Descarregadas numa sala onde eram classificadas e armazenadas e batidas para perderem o sal caso necessário.

Posteriormente seguiam para serem curtidas com estratos vegetais no pavilhão maior do complexo (o mais antigo), nos tanques de água ou nas máquinas rotativas (*foulons*). Sendo que depois seguiam para uma sala num edifício encostado ao vale, para aí ficar a secar. Depois eram classificadas, divididas, cortadas e calibradas de diversas maneiras conforme o pedido a que se destinavam. Eram ainda configuradas ao toque, ou seja mais macias ou rígidas, conforme.

Na via seca (Piso 1) perdem a humidade na estufa, local situado perto da caldeira a vapor, porque este processo de secagem exigia muita energia. Da estufa passavam ainda para as máquinas de pintura, para o tingimento, sendo que também se situava perto da caldeira

pelo mesmo motivo.¹² A água era um elemento fundamental para produção de curtumes, pois a operação de descarnagem exigia o recurso a banhos em água corrente. Para preparar as peles para o curtume, estava uma secção da Ribeira onde se efetuava por meios físico-químicos o processo, que na primeira fase desta unidade industrial se realizava colocando as peles em molho numa solução aquosa (com químicos para limpeza de gorduras, sujidades, etc.) com vista a hidratar as peles. Podia chegar a demorar 48 horas, mas mais tarde surgiram outros processos mais rápidos. Depois de passarem por este processo ficavam em estado tripa e eram conservadas em salgadeiras, ou colocadas nos “*foulons*”, ou seja, tambores frequentemente substituídos devido às suas durabilidades limitadas, que as iriam *recurtir*. As peças seguiam depois para a secção de acabamentos para serem espremidas, estiradas, secas e cilindradas. (p.395 397)

Com o acontecimento da primeira guerra mundial (14-18) a produção de curtumes aumentava, e em 1920/1922, aumentou-se o capital da Fabrica de Curtumes para o dobro, devido á necessidade de reconstrução de parte do edifício que tinha sofrido um grande incêndio. Assim se registava o desenvolvimento da firma que acumulava máquinas importadas do estrangeiro, tornando-a bem equipada e uma das melhores do país no seu tipo.¹³ Sabe-se ainda que poucas outras fábricas nacionais na altura trabalhavam com o processo de fabrico dinâmico, ou seja a aplicação de extratos tanantes e utilização de um bombo ou “*foulon*” para curtir inventado por Seconde Durio. Processo este que marcou uma viragem na indústria da curtimenta pela passagem de uma fase estática a uma fase dinâmica.

“Depois deste primeiro importante momento nos anos 20, de passagem da fase estática á fase dinâmica no fabrico de Curtumes deu-se um segundo e não menos significativo salto no desenvolvimento da empresa. A introdução, nos anos 1942-43 da curtimenta mineral, á base de sais de cromo.”¹⁴

Ocorria assim uma política de renovação da fábrica num período difícil da segunda guerra, com este novo método de produção muito mais acelerado que tornou o processo que podia demorar semanas, no caso das solas, em horas, onde as peles eram tratadas á base de sais de crómio, para depois transitarem para a secção de acabamento onde são secas e pintadas numa fase inicial com uma

12 JORGE, Sara Isabel Antunes _ FCTUC Pólo Industrial Criativo, Reabilitação da Fábrica de Curtumes de Coimbra, 2013, Anexo 2.1

13 QUEIROS, Francisco José Pina_ UCFL Indústria de Curtumes: Fábrica de Curtumes de Coimbra, um exemplo, uma história, um património, p.15

14 QUEIROS, Francisco José Pina_ UCFL Indústria de Curtumes: Fábrica de Curtumes de Coimbra, um exemplo, uma história, um património, p.18

pistola e mais tarde com uma máquina específica e inovadora de pintar fabricada em Itália, com a marca Gozzini. **(p.423)**

Inicialmente nos anos 30 era usada uma caldeira a lenha, daí a existência da chaminé, depois, nos anos 60/ 70, a firma adquiriu e substituiu-os por uma caldeira a *fuel*. Havia ainda um carpinteiro e electricista aptos a resolver problemas no momento e no próprio sítio caso alguma peça tivesse que ser substituída.

Como maquinaria de registo em 1990, encontravam-se:

.Secadores, máquinas de abrilhantar ou de granear o calfe, posteriores á introdução do processo mineral;

.Uma máquina de pistola dos finais dos anos 50 da Turner;

.Regista-se ainda a substituição de uma velha prensa por uma prensa nova hidráulica de origem checoslovaca, nos anos 50 substituiu-se a antiga caldeira a carvão por uma moderna caldeira a *nafte*;

. Uma máquina de pintar e outra de medir pele, munida de um sistema de células foto-elétricas; ⁸

.Dois cilindros de maiores dimensões e de 1500kg para cilindrar a sola, ou seja alisar a superfície tornando-a mais consistente. São de origem alemã, fabricados em Frankfurt pela empresa Turner AG e pensa-se serem de 1926; ⁹

.Outro cilindro mais pequeno destinado a *croutes* com a mesma origem e data;

.Um martelo pilão que servia para martelar as solas tornando as superfícies mais lisas. Fabricado em 1890 da firma Berendorff, é a máquina mais antiga registada da fábrica. **(p.423)**

12 Estado de Conservação

A fábrica, edifício alongado paralelo á estrada de Coselhas encontra-se em relativo bom estado. Os pilares e lajes estão seguros, a estrutura em madeira do telhado encontra-se razoavelmente bem também, embora já com algumas falhas. Os caixilhos no entanto ou são inexistentes ou em muito mau estado. Os tanques interiores estão intactos apesar de algumas deficiências no seu revestimento. O refeitório/ armazém está em boas condições. **(p.417)**

As antigas garagens – dois edifícios paralelos á rua da Figueira da Foz – encontram-se em pior estado. O que está colado ao edifício alongado está em degradação mas razoavelmente conservado sendo que a sua estrutura interna se mantém e apenas uma parte

15 QUEIROS, Francisco José Pina_ UCFL Indústria de Curtumes: Fábrica de Curtumes de Coimbra, um exemplo, uma história, um património, p.20

16 QUEIROS, Francisco José Pina_ UCFL Indústria de Curtumes: Fábrica de Curtumes de Coimbra, um exemplo, uma história, um património, p.19

do telhado colapsou. **(p.405 419)** O segundo encontra-se completamente envelhecido, a céu aberto, sem o primeiro piso, apenas restando alguns velhos pilares em betão e vigas em madeira bem como degraus soltos. **(p.409)**

A casa das caldeiras e das máquinas estão em bom estado também. **(p.415)** A chaminé peça que marca definitivamente e torna claro a sua função para qualquer um encontra-se em boas condições apenas ressentindo um pouco o efeito da erosão do vento. A grande sala de descarnadores já não existe bem como os corpos germinados ao núcleo duro fabril, estas foram as ultimas demolições relativamente recentes que se efetuaram nos anos 90. O tanque de abastecimento de água exterior encontra-se coberto de vegetação.

13 Projeto de reabilitação ou reconversão

Não existe atualmente.

No final da década de 90 era proposta a demolição da fábrica e seu conjunto substituindo-a por quatro torres de habitação comércio e serviços de nove pisos, em nome de Construções e Urbanizações e Costa Lda. Não foi autorizada tal construção.¹⁷

As últimas demolições feitas no devoluto conjunto fabril estavam ligadas ao processo da Moviflor / Casa do Sal, e nesta altura se fizeram levantamentos rigorosos da envolvente assim como plantas, cortes e alçados. As demolições clarificaram o núcleo duro industrial removendo todos os anexos e armazéns acrescentados ao longo do século anterior. Processo este que se encontra na Câmara Municipal para consulta, contudo difícil de obter por burocracias demoradas e falta de tempo. Contudo fica aqui o seu registo como Proc. N.º 3456/2002.

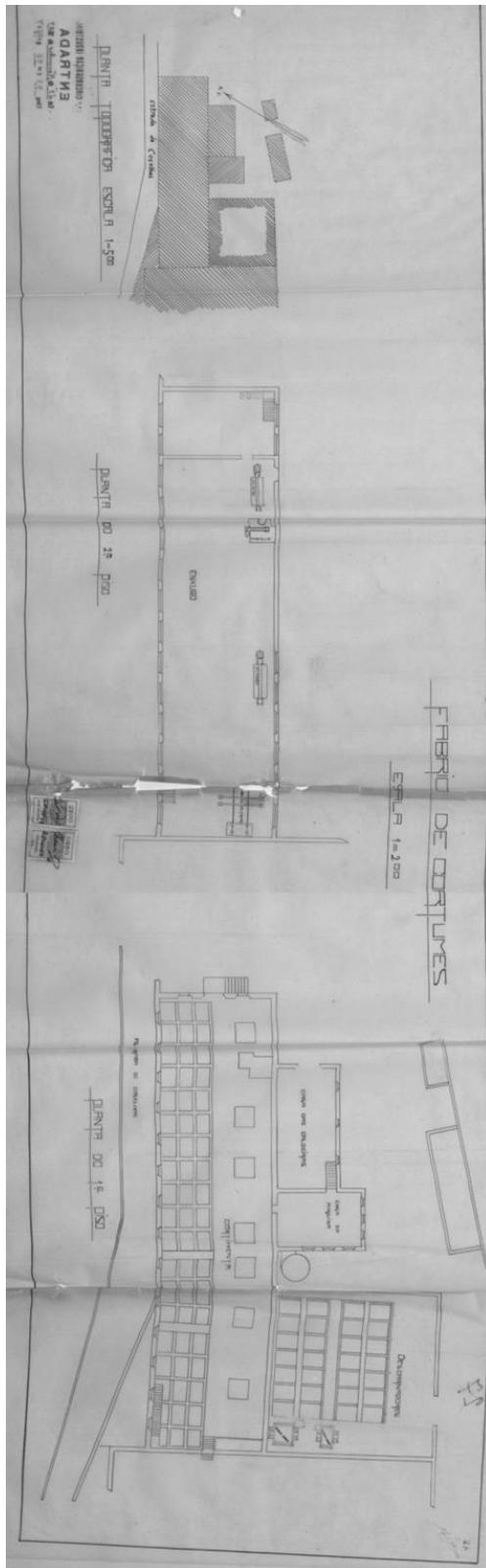
17 JORGE, Sara Isabel Antunes _ FCTUC Pólo Industrial Criativo, Reabilitação da Fábrica de Curtumes de Coimbra, 2013, p.304

14 Desenhos rigorosos



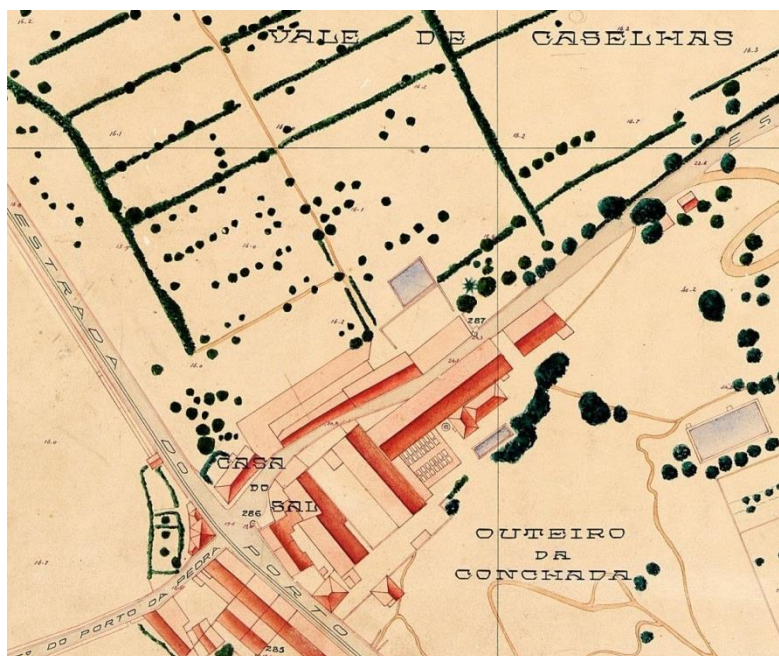
Planta piso térreo, DRE

Fábrica de Curtumes, década de 1910



Planta piso térreo, DRE

Fábrica de Curtumes, década de 1910



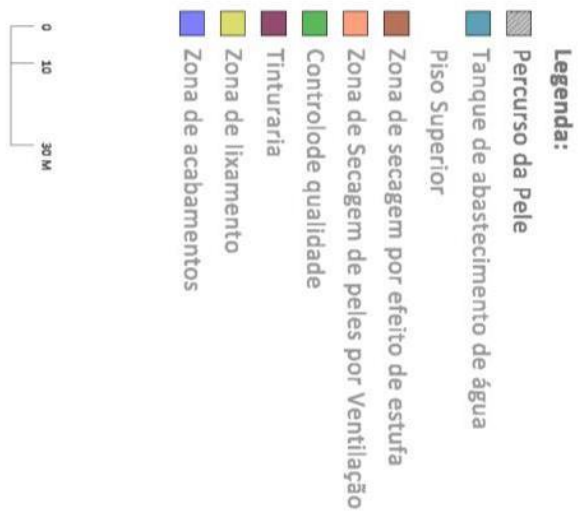
Casa do Sal, Fabrica de Curtumes

Levantamento topográfico da cidade de Coimbra, 1938



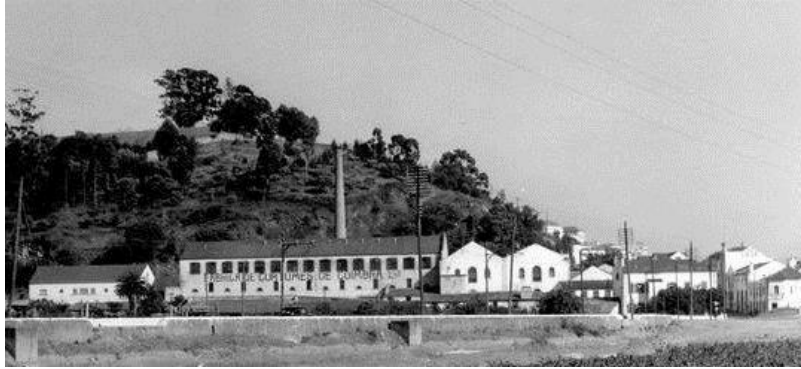
- Legenda:**
- ▨ Percurso da Pele
 - Tanque de abastecimento de água
 - Piso Térreo
 - Pt
 - Armazém de químicos e de peles
 - Refeitório
 - Zona dedicada aos funcionários
 - Recepção dos clientes | pequena loja
 - Escritórios
 - Serrelharía e Carpintaria
 - Caldeira
 - Zona 0 | recepção das peles
 - Zona da ribeira
 - Curtimenta vegetal
 - Curtimenta mineral
 - Zona de secagem a vaco e pressão

Organograma rés-do-chão



Organigrama Piso 1

15 Fotografias



1 Fábrica de Curtumes, data desconhecida

2 Enquadramento urbano da Antiga Fábrica

Vale de Coselhas & Casa do Sal, 1954



Enquadramento urbano da Antiga Fábrica

1 Vale de Coselhas, posterior a 1940

2 Vale de Coselhas, atual



Vista da Rua da Conchada

Fábrica de curtumes, atual



Vista do Monte da Conchada

Fábrica de curtumes, atual



Vista do tanque de abastecimento da fábrica, a meia cota no Monte da Conchada

Fábrica de curtumes, atual



Vista atual de um dos primeiros edifícios do conjunto

Fábrica de curtumes, atual



Interior do edificio dos tanques

Fábrica de curtumes, atual



Interior do edifício dos tanques

Fábrica de curtumes, atual



Vista da Antiga Casa das Maquinas

Fábrica de curtumes, atual



Antigo refeitório dos operários

Fábrica de curtumes, atual



Zona de acabamentos e tinturaria no piso 1

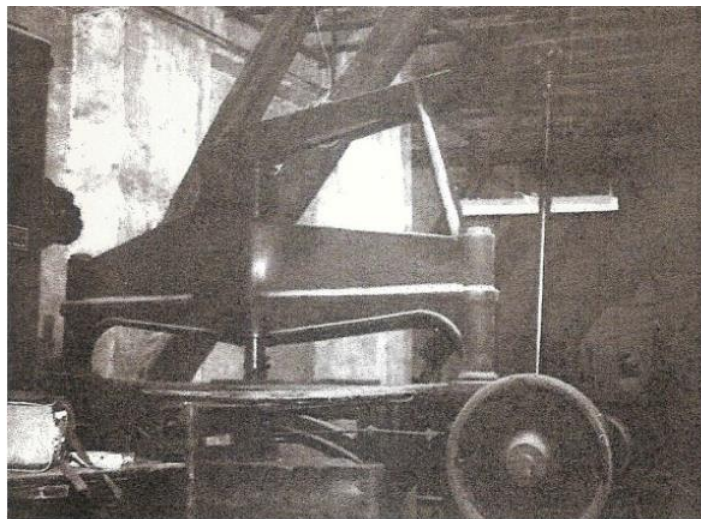
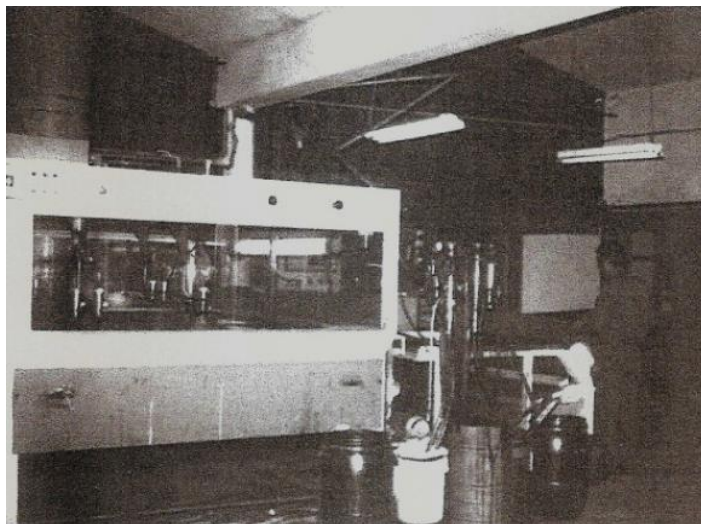
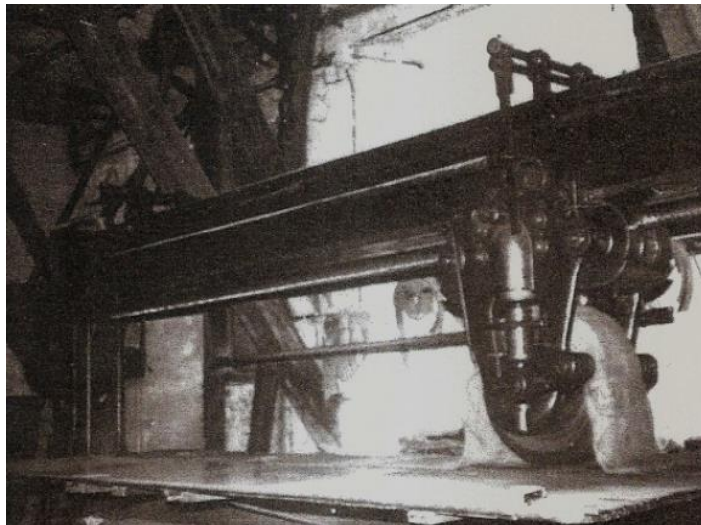
Fábrica de curtumes, atual



1 Zona de secagem por ventilação no piso 1

2 Sala de tinturaria no piso 1

Fábrica de curtumes, atual



- 1 Cilindro de 1500 kg para alisar e dar lustro às peles
- 2 Máquina de pintar a pele de marca Gozzini
- 3 Martelo-pilão fabricado em Paris em 1880

16 Documentos



Duplicado

Pela Fábrica de Curtumes, Limitada
[Handwritten signature]
Cláudia etv.

Pessoal

Agentes técnicos e mais pessoal técnico :

I nacional (masculino)

Empregados de escritório : 3 nacionais (masculinos)

Operários :

60 nacionais, masculinos

MATERIAL

Para produção e recepção de energia

- 2 geradores de vapor (caldeiras) ✓
- 2 motores de vapor, um de 30 C.V. e outro de 25 C.V. ✓
- I especial de 2 C.V. (burrinho de alimentação) ✓
- I dinamo de 110 W. ✓


MAQUINAS OPERATORIAS

- 7 ferros de lavar, 7 de descabelar e 7 de descarbar ✓
- 7 foulons ✓
- 2 bombas ✓
- I prensa para casca ✓
- 27/11/49 I machina de estira ✓ *[Handwritten note]*
- 28/11/49 I cilindro ✓
- 29/11/49 I martelo pilão ✓
- 2 estufas a vapor ✓
- I moinho de casca ✓

Serralheria

I mach. de furar, I ventoinha e ferramenta vulgar

*D. J. Sec.
Proc. 2.306*



112
W

N. R. 311
C. = 5609
A. V. 29

2.ª CIRCUNSCRIÇÃO INDUSTRIAL Ex. mo Senhor
ENTRADA Ministro da Economia

Em 20 de MAIO de 1949
Livro 68 F. 29 M. 576 Excelência

FABRICA DE CURTUMES DE COIMBRA, LDA,

com industria de curtumes, situada em Coimbra, na Rua da Figueira da Foz, freguesia de Santa Cruz, com o processo J.I.P.T. nº. 2306, vem, nos termos da portaria nº. 3657 de 6 de Julho de 1923, requerer a anexação de

/ 1 - estufa metálica com 6,80 metros de comprimento por 2,50 metros de largura, exclusivamente destinada à secagem de peles de caprinos e ovinos.

Este estufa, importada de Inglaterra é aparelhada com os mais modernos meios para o regulamento e controle da temperatura ambiente, o que permite dar às peles de caprinos e ovinos um grau de secagem conveniente com vista ao seu melhor acabamento. Assim, poderemos imprimir maior perfeição aos nossos artigos oriundos das referidas peles, alguns dos quais já grangearam honrosa reputação, no mercado interno e até no estrangeiro.

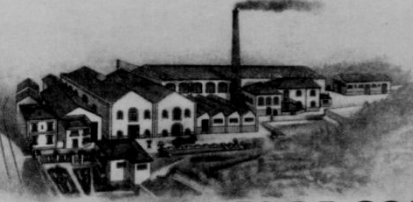
Pede a V. Ex.ª deferimento

Coimbra, 20 de Maio de 1949
Pela FABRICA DE CURTUMES DE COIMBRA, LDA.
O Gerente.

António de Figueiredo Gomes

Documento da Circunscrição Industrial, DRE

Fábrica de Curtumes, 1949



101
COIMBRA
PORTUGAL
RUA DE V. QUEIRA DA FOZ
TEL. (SEMANAS CURTUMES)
PHONE 3464
APARTADO-52

FÁBRICA DE CURTUMES DE COIMBRA, L^{DA}

FABRICO A VEGETAL: SOLAS · SELEIRO · BEZERRO · VITELAS (2/FRANÇÊS) · ATANADOS · ETC.
FABRICO A CROMO: CALFES · CAMURÇAS · CHEVREAU · GRAVADOS · ETC.

Coimbra, 14 de Janeiro de 1949

Ex.mo Senhor
Engenheiro Chefe da
Circunscrição Industrial de
Coimbra

Ex.mo Senhor

Pretende esta fábrica apresentar a s/ proposta num concurso de fornecimento de sola promovido pelas Officinas Gerais de Fardamento e Calçado do Ministério da Guerra.

Entre a documentação necessária, exige-se a apresentação de uma certidão passada pelo Ex.mo Senhor Engenheiro Chefe da Circunscrição Industrial a que a fábrica proponente pertence, atestando que a referida fábrica "tem a capacidade de laboração necessária para produzir a quantidade de artigos ou materias cujs adjudicação pretende" (cláusula 2ª, artº. 61º do caderno de encargos das C.G.F.C.).

Por tal motivo, solicitamos a V.Ex.s o favor de mandar passar, para o fim indicado, certidão comprovativa de que a n/ fábrica tem capacidade suficiente para a produção de 100 toneladas de sola, quantidade a que se refere a n/ proposta.

Como é do conhecimento de V.Ex.s, a n/ capacidade fabril excede, largamente, a quela quantidade.

Agradecendo seja prestado imediato acolhimento a este pedido, subscrevemo-nos com os protestos da n/ elevada consideração,

De V. Ex. s.,
Atenciosamente,
Pela FABRICA DE CURTUMES DE COIMBRA, LDA.
[Assinatura]

2.ª CIRCUNSCRIÇÃO INDUSTRIAL
ENTRADA
Em 14 JANEIRO 1949
Livro 66 f. 113 v. 118

Documento da Circunscrição Industrial, DRE

Fábrica de Curtumes, 1949

Considerações finais

A primeira parte do trabalho tem como finalidade a percepção dos casos de estudo num contexto fabril da altura e não como objectos de “layers” temporais que hoje acabam por ser. Portanto a sua razão de ser percebe-se plenamente depois do estudo dos eixos e primeiras zonas urbanas fabris na baixa de Coimbra.

Contudo o estudo não foi exaustivo, e algumas fábricas ficaram por aprofundar. Uma planta topográfica, ou várias, do início do século XX, onde se descriminassem as fábricas e oficinas na Baixa, era uma intenção inicial desta dissertação contudo difícil de construir de forma sólida e rigorosa. Fica assim em aberto essa ideia que com certeza seria interessante para compreender a evolução industrial, e posteriormente, desindustrialização da zona de estudo.

O objectivo principal no entanto foi compilar um conjunto de informação – desenhos, documentos, fotografias – bem como estudar a sua influência socioeconómica nos lugares em seu redor onde estão inseridos, compreendendo o funcionamento interno e externos dos espaços, com vista a uma base de dados sólida para a salvaguarda urgente do património industrial edificado coimbrão. Julga-se ter alcançado esse objectivo.

Apesar de, a primeira vista, Coimbra não apresentar casos de estudo nesta temática tão emblemáticos como outras cidades nacionais e estrangeiras, as suas indústrias são contudo merecedoras de um estudo e atenção para posteriores intervenções. Estes espaços singulares e tão característicos da época fabril oferecem qualidades de reconversão únicas e constituem uma importante categoria patrimonial na urbanidade e diversidade da cidade.

As pressões imobiliárias fizeram-se sentir frequentemente nestas fábricas que moldaram o sítio onde estão inseridas contudo felizmente resistiram mas a degradação e mau usos dos edifícios sente-se logo que se entre neles. A reabilitação/ reconversão destes com certeza melhoraria a vida social e económica dos seus lugares.

Um dos casos de estudo, a Sociedade de Cerâmica Antiga no Terreiro da Erva, encontra-se em curso de reabilitação, embora não se tenha tido conhecimento deste no início da investigação. Faltam portanto as fábricas de grande escala e sucesso dos primórdios do século XX serem levadas em conta, apesar dos necessários e dispendiosos custos para tal operação.

Nestes dois últimos casos – a Sociedade de Porcelanas e a Fabrica de Curtumes – a noção de conjunto patrimonial industrial é mais que nunca pertinente, pois os programas sociais eram obrigatórios para sociedades com mais de 50 trabalhadores, e complementavam os tradicionais edifícios fabris e de armazenagem nos anos 50. São portanto fruto de ideias sociais e higienistas da época os refeitórios, creches, habitações e por isso mesmo válidos e dignos de preservação, mesmo que mais contidos e regulares nos seus desenhos.

Com os achados dos diversos desenhos no local da devoluta Sociedade de Porcelanas, acrescentou-se algo de novo para o conhecimento fabril. Nomeadamente a proveniência dos desenhos alemã e francesa de dois centros europeus de fabrico de porcelana. Refere-se Dresden e Limoges. Para além do interesse histórico demonstram também configurações iniciais do espaço fabril interno e a uma maior escala, do conjunto. Apesar de estes desenhos serem apenas uma parte dos que existiram ou existem, e portanto uma manta de retalhos. Não se perdendo assim a memória do sítio e oferecendo uma compressão mais larga da razão de ser dos objectos de estudo.

A fábrica de Curtumes no Vale de Coselhas no entanto apresentou uma estranha falta de desenhos rigorosos quanto às suas várias décadas de construção. Sendo que talvez se deva ao facto de ter sido construída em apenas duas empreitadas, e depois se terem efetuadas mudanças de funções internas menores, já que o fabrico do curtume não possibilita mudanças fáceis devido a funções específicas associadas aos espaços: tanques de curtimenta, estufa, descarnadores, etc. Porém a falta de desenhos de alçados e cortes é difícil de justificar tendo em conta que muitas outras fábricas na baixa de Coimbra, de escala média apresentavam mais peças desenhadas aquando da obtenção de alvarás, segundo a pesquisa nos Arquivos Históricos da UC.

Neste sentido talvez os processos respectivos a estes edifícios pedidos à Câmara Municipal, que não puderam ser consultados, por burocracias várias, abram mais pistas à história fabril. Sendo que esta fonte de informação é a que está em falta no trabalho, mas difícil de requerer pois necessita-se do número dos processos e autorização dos proprietários das fábricas devolutas, e os procedimentos excessivamente demorados para o tempo de elaboração da dissertação.

Em jeito de conclusão, um breve agradecimento ao professor da FLUC de Arqueologia Industrial, João Paulo Avelãs Nunes, que forneceu tempo e pistas para obtenção de desenhos rigorosos. À Direção Regional de Economia de Coimbra e de Lisboa pela gentil cedência de documentos e desenhos rigorosos sem os quais o trabalho muito perdia. Bem como à Divisão de Cadastro e Solos da Câmara Municipal de Coimbra e à Imagoteca Municipal pela cedência de levantamentos topográficos e antigas fotografias, respectivamente.

Ainda aos Arquivos Históricos da Biblioteca Municipal pelo tempo e informações dadas. E às restantes casas e pessoas, que contribuíram de bom grado para o trabalho com diversas informações sobre o histórico fabril de Coimbra.

Fontes das imagens

- (p.205) Desenhos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.207) Desenhos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.209) Desenhos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.211) Desenhos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.213) DRE centro_ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.215) DRE centro _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.217) Desenhos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.219) DRE centro _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.221) DRE centro _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.223) DRE centro_ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.225) DRE centro_ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.227) DRE centro_ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.229) DRE centro_ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.231) DRE centro_ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.233) DRE centro_ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.235) Desenhos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.237) Desenhos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.239) Desenhos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.241) Desenhos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.243) DRE Coimbra _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.245) DRE Coimbra _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.247) DRE Coimbra _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.249) DRE Coimbra _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.251) DRE Coimbra _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.253) DRE Coimbra _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993

- (p.255) DRE Coimbra _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.257) DRE Coimbra _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.259) DRE Coimbra _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.261) Gentilmente cedida pela Imagoteca da Biblioteca Municipal, Imagem AG-0291
- (p.263) Disponível no site <https://tourisme-hautevienne.com>
- (p.265) BASTO, João Theodoro Ferreira Pinto _ A fábrica da Vista Alegre, o livro do seu centenário 1824-1924
- (p.267) Foto tirada pelo autor
- (p.269) Foto tirada pelo autor
- (p.271) Foto tirada pelo autor
- (p.273) Disponível no site: <https://www.caçadevolutos.com>
- (p.275) Foto tirada pelo autor
- (p.277) Foto tirada pelo autor
- (p.279) Foto tirada pelo autor
- (p.281) Foto tirada pelo autor
- (p.283) DRE centro_ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.285) DRE centro_ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.287) DRE centro_ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.290) DRE centro_ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.291) Documentos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.293) Documentos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.295) Documentos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.297) Documentos encontrados no local da devoluta fábrica de porcelanas
- (p.299) DRE Coimbra _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.301) DRE Coimbra _ Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas, IIIPT 993
- (p.327) AUC Governo Civil _ Licenças para estabelecimentos industriais 1915, Processo nº 99
- (p.329) LEPIERRE, Charles _ Estudo Chimico e Technológico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna, Lisboa Imprensa Nacional 1899
- (p.331) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.333) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.335) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.337) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.339) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.341) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.343) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.345) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.347) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.349) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.351) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.353) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de*

Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva

(p.355) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.357) ATELIER DO CORVO, ARQUITECTURA E URBANISMO, LDA (CARLOS ANTUNES, DESIRÉE PEDRO), LUISA BEBIANO CORREIA _ *Edifício da sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, Licenciamento para obras de conservação, Memória Descritiva*

(p.359) GREGÓRIO, Nídia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92

(p.361) GREGÓRIO, Nídia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92

(p.363) GREGÓRIO, Nídia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92

(p.365) GREGÓRIO, Nídia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92

(p.367) GREGÓRIO, Nídia Isabel Faustino _ FLUC Sociedade cerâmica antiga de Coimbra, Notas para o seu estudo, Coimbra 91/92

(p.389) DRE centro_ Processo Fábrica de Curtumes Lda, IIIPT 2306

(p.391) DRE centro_ Processo Fábrica de Curtumes Lda, IIIPT 2306

(p.393) Gentilmente cedida pela Divisão de Solos da Camara Municipal de Coimbra, Planta de 1938, R-Q-03

(p.395) JORGE, Sara Isabel Antunes _ FCTUC Pólo Industrial Criativo, Reabilitação da Fábrica de Curtumes de Coimbra, 2013

(p.397) JORGE, Sara Isabel Antunes _ FCTUC Pólo Industrial Criativo, Reabilitação da Fábrica de Curtumes de Coimbra, 2013

(p.399) Disponível no site <https://www.facebook.com/coimbra.antiga>
Gentilmente cedida pela Imagoteca da Biblioteca Municipal,
Imagem Bmc_b786

(p.401) Gentilmente cedida pela Imagoteca da Biblioteca Municipal,
Imagem AG-0236

JORGE, Sara Isabel Antunes _ FCTUC Pólo Industrial Criativo, Reabilitação da Fábrica de Curtumes de Coimbra, 2013

(p.403) Foto tirada pelo autor

(p.405) Foto tirada pelo autor

(p.407) Foto tirada pelo autor

(p.409) Foto tirada pelo autor

(p.411) Foto tirada pelo autor

(p.413) Disponível no site: <https://www.caçadevolutos.com>

(p.415) Foto tirada pelo autor

(p.417) Foto tirada pelo autor

(p.419) Foto tirada pelo autor

(p.421) Foto tirada pelo autor

(p.423) QUEIROS, Francisco José Pina_ UCFL Indústria de Curtumes: Fábrica de Curtumes de Coimbra, um exemplo, uma história, um património

(p.425) DRE centro_ Processo Fábrica de Curtumes Lda, IIIPT 2306

(p.427) DRE centro_ Processo Fábrica de Curtumes Lda, IIIPT 2306

(p.429) DRE centro_ Processo Fábrica de Curtumes Lda, IIIPT 2306

Bibliografia

- AREZ, Ilda - **Vista Alegre: Porcelanas**. Lisboa: INAPA, 1989.
- ATELIER DO CORVO: ARQUITECTURA E URBANISMO LDA (CARLOS ANTUNES; DESIRÉE PEDRO); LUISA BEBIANO CORREIA - **Edifício da sociedade de cerâmica antiga de Coimbra: Licenciamento para obras de conservação, memória descritiva**. Disponível no próprio gabinete. Coimbra, 2012/2013.
- AUC - **Tabelião António de Pádua e Oliveira e António Maria de Oliveira: Livro nº48, 1867**. Acessível nos Arquivos da Universidade de Coimbra.
- BÁRTOLO, Sofia - **La Sociedade de Porcelanas Lda**. Barcelona. UB Departamento de Belas Artes, 2009/2010.
- BASTO, João Theodoro Ferreira Pinto - **A fábrica da Vista Alegre: o livro do seu centenário 1824-1924**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1924.
- COIMBRA E LISBOA, DIREÇÃO REGIONAL DE ECONOMIA - **Processo 2001788 (70), fábrica de curtumes**. IIIPT 2306 1916-01-03. Consultados em *Coimbra e Lisboa*.
- COIMBRA E LISBOA, DIREÇÃO REGIONAL DE ECONOMIA - **Processo 2000171, Sociedade de Porcelanas**. IIIPT 993. Consultados em *Coimbra e Lisboa*.
- COIMBRA, GOVERNO CIVIL - **Licenças para estabelecimentos industriais 1915: Processo nº 99**. Acessível nos Arquivos da Universidade de Coimbra.
- FERREIRA, Manuela Almeida - **Trouvilles céramiques du Terreiro da Erva**. Sep. de: Actes du 7 congrès international sur la céramique médiévale en méditerranée, Thessaloniki. [S.l. : s.n., 2003?]
- FOUR DES CASSEAUX**. Disponível em: www.limoges360.com/place-27.php. [Consult. 2013]
- GREGÓRIO, Nídia Isabel Faustino - **Sociedade cerâmica antiga de Coimbra: Notas para o seu estudo**. Coimbra: FLUC 1991/92. Trabalho de Seminário em Arqueologia Industrial.
- IMPRESA NACIONAL - **Estatísticas das instalações eléctricas em Portugal: 1928-1950**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1961-1968.
- JORGE, Sara Isabel Antunes - **Pólo industrial criativo: Reabilitação da fábrica de curtumes de Coimbra**. Coimbra: FCTUC, 2013. Tese de Mestrado em Arquitectura.
- LEPIERRE, Charles - **Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899.
- MENDES, José Maria Amado - **A cerâmica em Coimbra**: [jornadas realizadas em Coimbra de 15 a 17 de Janeiro de 1981]. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1982 [D.L. 1986].
- MENDES, José Maria Amado - **A área económica de Coimbra: Estrutura e desenvolvimento industrial, 1867-1927**. Coimbra: FLUC; Comissão de coordenação da região centro. 1984. Tese de doutoramento em História.
- NEVES E MELLO, Adelino António das - **Apontamentos para a história da cerâmica em Coimbra**. Lisboa: Portugalíia Editora, 1924.

QUEIRÓS, Francisco José Pina - **Indústria de Curtumes: Fábrica de Curtumes de Coimbra: um exemplo, uma história, um património**. Coimbra: FLUC, 1990.
Trabalho de Seminário em Arqueologia Industrial.

SANTOS, José da Cruz - **Electro-Cerâmica 1919/ 2009**. Porto: Modo de Ler, 2009.

SILVA, Armando Carneiro da - **Anais do Município de Coimbra: 1940-1959**.
Coimbra: Edição da Biblioteca Municipal, 1981.

SOCIEDADE DE CERÂMICA ANTIGA - **Sociedade de cerâmica antiga de Coimbra Lda**.
Coimbra: Coimbra Editora, 1966.

SOCIEDADE DE PORCELANAS DE COIMBRA. Outubro 2011. Disponível em:
www.cacadevolutos.pt/255/. [Consult. 2013]

TRABALHADORES DA SOCIEDADE DE PORCELANAS IMPEDEM SAÍDA DE CARGA.
Disponível em: www.publico.pt/economia/noticia/coimbra-trabalhadores-da-sociedade-de-porcelanas-impedem-saida-de-carga. [Consult. 2013]

